

Capítulo 2

Portinari autobiógrafo

Neste capítulo, analiso as *escritas de si* de Candido Portinari através de sua correspondência ativa e passiva com o escritor Mário de Andrade (subcapítulo **2.1 Amizade correspondida**), e de seu ‘diário’ e seu poema (subcapítulo **2.2 Portinari nas entrelinhas**). Sob a perspectiva das *representações do eu*, busquei retratar as pistas autobiográficas deixadas nessa série de *repetições de si mesmo* produzidas por Portinari.

Como fio condutor para a minha reflexão, utilizei os textos do crítico e teórico francês Philippe Lejeune¹, reunidos sob o título *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, e publicados em co-edição pelas Editoras Humanitas e UFMG em 2008. São eles: “O pacto autobiográfico” (1975), “O pacto autobiográfico (bis)” (1986) e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2001). Farei uso desses textos para introduzir o assunto deste capítulo.

“A quem pertence uma carta?” (Lejeune, 1988), juntamente com o artigo de Michel Foucault, “A escrita de si” (FOUCAULT, 2004:144-162), conduziram o estudo sobre a *amizade correspondida* entre Candido Portinari e Mário de Andrade. Os textos de Lejeune “Um diário todo seu” (2003), “Como terminam os diários?” (2001), “Compor um diário” (2005), “Contínuo e descontínuo” (2005) e “Luculus vem jantar com Luculus” (2005) regeram a reflexão sobre o diário; e “Autobiografia e poesia” (2002), a reflexão sobre o poema.



¹ Além de seus numerosos textos sobre autobiografia, que iniciaram uma virada pragmática na teoria do gênero nas últimas décadas do século XX, Philippe Lejeune é também fundador da APA (*Association pour l'autobiographie et le Patrimoine Autobiographique*), criada em 1992, na França.

Biografias, Portinari as tem muitas: *A infância de Portinari*, lançada postumamente em 1966 pela Editora Bloch, foi escrita pelo jornalista Mário Rodrigues Filho e teve Prefácio de seu irmão, Nelson Rodrigues. Como seu próprio título indica, o autor limitou-se a biografar a infância do artista, como relata Ruy Castro sobre a escrita do livro:

Portinari continuava a ser sua grande admiração. Desde 1945 vinha escrevendo, a lápis e com aquela letra desenhada, a biografia do amigo. Mas não era uma biografia comum. Tratava só da infância de Candinho em Brodósqui. O livro terminaria com Candinho no trem, a caminho do Rio – antes de chegar à Escola de Belas Artes, antes de se defrontar com o Roberto [nota: irmão mais moço dos Rodrigues, a quem Portinari conheceu em 1923 na ENBA]. Outros que contassem a vida de Portinari, dali para a frente, com uma isenção que ele não teria. (CASTRO, 1992:259)

Apesar de limitar-se à vida do menino ‘Candim’ em Brodósqui, a narrativa é entrecortada por reproduções de obras de um Portinari já consagrado – entre elas “Colheita do café” (1938/45), “Casamento na roça” (1957), “Espantalho” (1946), “Futebol” (1939), “Papagaio e urubus” (1942), “Enterro” (1947), “O circo” (1940), “Retirantes” (1944), “Enterro na rede” (1944) –, recurso que além de demonstrar a força de suas memórias de infância em sua arte, orienta a uma outra leitura do texto, que reflete o estilo biográfico de sua época: a de que a vida de ‘Candim’ se destinava a ser a vida de um grande pintor.

Retrato de Portinari, de Antonio Callado, teve sua 1ª edição em 1956, pela Paz e Terra; reedição pela Jorge Zahar Editor em 1979; e uma 3ª edição, com atualização ortográfica e de nomenclatura, em 2003. A pedido do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o escritor e jornalista Antonio Callado traçou o seu *retrato escrito* do pintor:

(...) O método seguido neste livro é o mais pictórico possível. Portinari posou para mim uma meia dúzia de vezes – ele falando, eu perguntando e tomando notas. De todos esses desenhos de Portinari que fiz em dois cadernos, passei ao quadro, ao Retrato. (CALLADO, 2003:13)

Outras biografias são *Portinari menino*, de Antonio Portinari, José Olympio, 1980; *Portinari, o pintor do Brasil*, de Marília Balbi, Boitempo Editorial, 2003; e *Portinari*, de Antonio Bento, obra monumental publicada por ocasião do centenário de nascimento do pintor, também em 2003:

Trato neste livro da obra de uma vida, da intensa vida de trabalho do mestre de Brodóski. Imaginei esta tarefa há muito tempo, quando seu nome acabava de se projetar de Nova Iorque a Paris. Não logrei realizá-la enquanto o artista ainda vivia. Foi bom que não o tivesse feito. Agora posso dispor de certa perspectiva histórica, que me permite avaliar com maior objetividade o pintor e a totalidade de suas criações. (...) Agora pretendo apenas escrever uma reportagem ampla, com informações variadas sobre o pintor e seu tempo. (BENTO, 1980:23-24)

Do próprio punho de Candido Portinari, porém, ficamos ‘apenas’ com sua vasta correspondência de mais de cinco mil cartas, seu ‘diário’ e seu livro de poemas, cujos originais se encontram no Projeto Portinari e também no site da organização. Trabalharei, neste subcapítulo, com o seu ‘diário’, publicado sob o título *Retalhos de minha vida de infância*, e seu poema, intitulado *O menino e o povoado*.

Registros periféricos na gama de textos considerados documentais, elementos de uma história pessoal como cartas, diários e memórias passaram a despertar o interesse de pesquisadores da área de literatura nos anos 1980, e acabaram por inserir no campo literário o estudo da *escrita de si*. As teorias sobre esses textos, entretanto, estão longe de um consenso quanto a seu gênero literário e à neutralidade do discurso autoral pois, se toda escrita é, de uma maneira ou de outra, veladamente autobiográfica, é certo que não há texto escrito que não seja, de alguma maneira, ficção. Essa ambiguidade da narrativa memorialística, “onde as memórias – reais, imaginárias, fictícias – circunscrevem o âmbito da ação e situam o narrador como testemunha dos fatos, seus e alheios”², resulta da seleção e combinação afetivas das lembranças

² YUNES, Eliana, in *Oswald Plural*, pp-159-161.

do vivido. A autobiografia, enquanto narrativa, trabalharia então na busca de dar conta da integridade do sujeito.

Essa discussão sobre o gênero *autobiografia* nos remete diretamente a Philippe Lejeune, que começou a trabalhar com o tema em *L'autobiographie em France* – livro publicado em Paris pela editora Armand Collin, Coleção U em 1971 – não apenas como “uma tentativa de constituir um inventário de textos autobiográficos e de entender seu funcionamento, mas, sobretudo, [como] um modo de legitimar o gênero” (LEJEUNE, 2008:7). Na busca de uma definição de *autobiografia*, o autor precisou escrever três textos – “O pacto autobiográfico” (1975), “O pacto autobiográfico (bis)” (1986) e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2001) – para, mesmo assim, *tentar* delimitá-lo. Início este capítulo discorrendo sobre os aspectos levantados em cada um deles.

Em seu primeiro ensaio, “O pacto autobiográfico”, Lejeune propõe redefinir o conceito de autobiografia por ele mesmo apresentado em 1971 buscando, nessa “nova tentativa de definição”, esclarecer os termos próprios do gênero que haviam ficado imprecisos, além de baseados em “um modelo estritamente rousseauniano”, qual seja, “em textos autobiográficos de autores consagrados, inscritos na grande tradição das *Confissões*” (LEJEUNE, 2008:9). Para corrigir essa limitação, Lejeune se situa, textualmente, na posição de *leitor* desses “textos *publicados* [grifo do autor], cujo tema comum é contar a vida de alguém” (LEJEUNE, 2008:13), única na qual ele se sente capaz de captar o funcionamento do gênero. Ele também lista elementos que considera primordiais para que um texto autobiográfico seja considerado como tal: 1) *forma da linguagem* (narrativa; em prosa); 2) *assunto tratado* (vida individual, história de uma personalidade); 3) *situação do autor* (identidade do autor – cujo nome remete a uma pessoa real – e do narrador); e 4) *posição do narrador* (identidade do narrador e do personagem principal; perspectiva retrospectiva da narrativa), deixando os gêneros vizinhos como as memórias,

a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário e o autorretrato, ou ensaio, para análise posterior.

Dos quatro elementos listados acima, porém, Lejeune considera que, para que haja autobiografia, a *identidade do autor e do narrador* e a *identidade do narrador e do personagem principal* precisam estar em relação direta. Essa afirmação suscita outros questionamentos, que o autor destrincha ao longo de cinco subcapítulos. No primeiro – “Eu, tu, ele” – investiga “como pode se *expressar* a identidade do narrador e do personagem na narrativa”, e chega à conclusão de que é necessário dissociar o problema da *pessoa* do problema da *identidade* (grifos meus), devido à complexidade dos modelos existentes de autobiografias, que abala “as certezas sobre a possibilidade de fornecer uma definição ‘textual’” do gênero. Ele declara que sua análise passará a se ater, então, à autobiografia “clássica”, escrita na primeira pessoa. Diante dessa primeira delimitação, no subcapítulo “Eu abaixo-assinado” é a questão de “como se *manifesta* a identidade do autor e do narrador” que norteia sua reflexão. Lejeune vai afirmar que “é no *nome próprio* que pessoa e discurso se articulam” e, portanto, “é em relação ao *nome próprio* que devem ser situados os problemas da autobiografia”:

Nos textos impressos, a enunciação fica inteiramente a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu nome na capa do livro e na folha de rosto, acima ou abaixo do título. É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. (LEJEUNE, 2008:23)

Entretanto, Lejeune percebe que falta um elemento nessa equação, o qual ele denominará “pacto autobiográfico”. Será este *pacto autobiográfico* que vai distinguir a autobiografia do romance autobiográfico, por exemplo, uma vez que “todos os procedimentos que a autobiografia utiliza para nos convencer da autenticidade do relato podem ser – e muitas vezes o foram – imitados pelo

romance” (LEJEUNE, 2008:26). Esse pacto se afirmará, segundo ele, pela identidade do *nome* (autor-narrador-personagem) no texto. E, em última instância, pelo *nome* do autor na capa do livro.

No momento em que o pacto autobiográfico se estabelece por essa *assinatura* do nome, outro pacto se firma entre o autor-narrador-personagem e o leitor. Lejeune o chama *contrato de leitura*: através dele o autor se compromete a contar sua vida para o leitor a partir da verdade dos fatos. Fatos estes que podem ser submetidos à verificação no *espaço autobiográfico* – ou “efeito *estereográfico*” [grifo do autor], ou *pacto fantasmático* –, em resumo, “forma indireta de pacto autobiográfico” produzido pela sobreposição de romance(s) e texto(s) autobiográfico(s) escritos por um mesmo autor:

Visto sob esse ângulo, o problema muda completamente de natureza. Não se trata mais de saber qual deles, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem outro: à autobiografia faltariam a complexidade, a ambigüidade etc.; ao romance, a exatidão. Seria então um e outro? Melhor: um em relação ao outro. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. (LEJEUNE, 2008:43)

Lejeune encerra seu primeiro ensaio concluindo que, em nível global, a autobiografia se define tanto pelo modo de leitura desse gênero quanto pelo tipo de escrita que o compõe, e afirma, categoricamente, que “conseguir oferecer uma fórmula clara e total da autobiografia seria na verdade um fracasso”, devido aos critérios múltiplos que formam o “sistema” autobiografia.

Em seu segundo ensaio, “O pacto autobiográfico (bis)”, Lejeune se inspira no “exercício de humildade” engendrado por *Autopacte*, personagem criado por La Bruyère, e faz *mea culpa* na forma de uma releitura de seu estudo anterior a partir das discussões críticas que se sucederam à sua publicação. Desta vez, entretanto, ele se concentra nos “problemas de método em torno de alguns pontos sensíveis, como a definição, o vocabulário, o

contrato, o ‘estilo’ e a ideologia autobiográfica” (LEJEUNE, 2008:49), para concluir que foi muito rigoroso na sua delimitação inicial do *corpus* autobiográfico.

No que diz respeito à *definição*, Lejeune percebe que, ao criá-la acabou por engessar o gênero *autobiografia* em uma norma e reduzir sua “multiplicidade de combinações possíveis” a um único objeto. Quanto ao *vocabulário*, a sua ‘falha’ foi não ter situado a palavra “autobiografia” dentro do leque existente de significados. Lejeune resolve a pendência designando autobiografia como sendo:

(...) qualquer texto redigido por um pacto autobiográfico, em que o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta “quem sou eu?” consiste em uma narrativa que diz “como me tornei assim”. (LEJEUNE, 2008:54)

Sobre a *identidade*, Lejeune dirá: “minha tendência foi cristalizar numa oposição entre ‘tudo ou nada’ a organização de um eixo no qual figuram, na realidade, muitas posições intermediárias” (LEJEUNE, 2008:55). Esse eixo de que fala Lejeune seria definir a *confissão* como o centro do campo autobiográfico – por seu pressuposto de que ‘deve ser assinada para que tenha valor’ –, quando ela é apenas uma das partes desse campo.

Quanto ao *contrato*, Lejeune reconhece que a fórmula apresentada em seu primeiro ensaio – a de que “o gênero autobiográfico é um gênero *contratual* [entre autor e leitor] que determina o modo de leitura do texto [publicado]” (LEJEUNE, 2008:45) – ignora completamente “que o leitor real pode adotar modos de leitura diferentes do que é sugerido [pelo contrato de leitura]” (LEJEUNE, 2008:57), e realiza o que chama de “uma descrição afinada” na qual apresenta três elementos que devem ser levados em conta na análise do pacto: o sistema ao qual a autobiografia pertence (real ou literário); a defasagem entre a intenção inicial do autor e sua percepção pelo leitor, pois que mediada pelo editor; e, por fim, a heterogeneidade do

público, que gera inúmeras possibilidades de leitura e interpretação do contrato – diferentemente do que havia postulado a partir de suas próprias reações como *leitor médio*.

A questão “como distinguir autobiografia de romance autobiográfico” fez Lejeune desenvolver, ao constatar que “se nos ativermos à análise interna do texto, não há [entre eles] *nenhuma diferença*” (LEJEUNE, 2008:26), um exame das técnicas narrativas e do estilo dos autores de autobiografias, para propor que, no caso das *técnicas narrativas*, apesar das experimentações atuais, o leitor busca primeiramente reconhecer “a voz de um narrador”; e, no caso do *estilo*, “a transparência da linguagem escrita”, ou seja, tudo o que não se assemelha a um “visível trabalho com as palavras”.

Por fim, ao tratar da ideologia autobiográfica – abordada em seu primeiro ensaio “de um ponto de vista essencialmente lingüístico e formal” –, em “O pacto autobiográfico (bis)” o teórico assume sua *ingenuidade* e lança um desafio aos seus críticos:

Creio ser possível se comprometer a dizer a verdade; creio na transparência da linguagem e na existência de um sujeito pleno que se exprime através dela; creio que meu nome próprio garante minha autonomia e minha singularidade; creio que quando digo “eu” sou eu quem fala: creio no Espírito Santo da primeira pessoa. E quem não crê? (LEJEUNE, 2008:65)

Essa declarada *ingenuidade* é, de fato, uma atitude assumida pelo leitor em decorrência do pacto de leitura firmado com o autor diante de suas tentativas de burlar os pressupostos da escrita autobiográfica. “Age-se como se não se soubesse disso” para entrar no seu jogo “vertiginoso”. E conclui: “dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir” (LEJEUNE, 2008:64-66). Ao finalizar seu segundo ensaio, o autor registra seu *mea-culpa*:

Quando escrevo, de fato, compartilho dos desejos e ilusões dos autobiógrafos e não estou de forma alguma pronto a renunciar a isso. Digo bem alto: “eu é um outro!”, e bem baixinho talvez acrescente: “mas é uma pena!”. Encontro-me, pois, simultaneamente fora e dentro (...). (LEJEUNE, 2008:67)

Em seu terceiro e último ensaio, “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”, o autor engendra uma releitura dos textos anteriores que acaba por levá-lo a voltar atrás nas considerações que fez em “O pacto autobiográfico (bis)” e confessar ter “quase vontade de retificar essas retificações [por não ter] mais certeza de que estava tão enganado assim!” (LEJEUNE, 2008:81).

Em um “inventário das carências” de seus dois primeiros textos, Lejeune rejeita as “fórmulas brutais [lançadas por ele] sobre as relações entre autobiografia e ficção” (p. 74), alegando ter sido “radical demais” ao privilegiar o pacto autobiográfico em detrimento da natureza desses textos. Ele credita essa radicalidade ao pioneirismo de seu trabalho, cujo tema era carente de definição e de método, e à “audácia da [sua] juventude”. Outro ponto de discussão é a exclusão de textos em que ele não identifica exemplos de pacto autobiográfico segundo a sua prévia definição. Com isso, diz ele, ‘passa batido’ pela variedade de modos através dos quais pode se estabelecer o pacto entre o autor e o leitor do gênero.

Lejeune encerra a questão ao reafirmar que é do ponto de vista da *recepção* que as análises do gênero devem ser feitas e que é o “pacto de verdade” entre autor e leitor que diferencia a autobiografia dos demais gêneros textuais:

O momento em que alguém nos prepara para suas confidências e tenta nos seduzir era certamente visto como uma fraqueza ou um ardil, que deveria ser lido com indulgência e não como um momento forte e verdadeiro. (LEJEUNE, 2008:72)

E acrescenta uma novidade: *não importando a que forma narrativa tal pacto esteja atrelado*. E fecha seu

pensamento: “(...) para mim, o essencial continua sendo, confesso, o *pacto*, quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto do *discurso de verdade* [grifos meus] que se prometeu cumprir” (LEJEUNE, 2008:81).

A crítica ao movimento constante de reelaboração do conceito de autobiografia não diminui o esforço teórico de Philippe Lejeune. Soma-se ao valor de sua pesquisa a generosidade do crítico em compartilhar sua trajetória intelectual por via da metalinguagem com que constrói seus textos de referência. Ao nos permitir seguir os caminhos de seu pensamento, devolve à atividade da pesquisa a sua força.

Concluo, da leitura feita da trilogia de Lejeune, que sua própria dificuldade em delimitar a modalidade *autobiografia*, ou, por outro lado, a sua generosa acolhida às mais variadas formas autobiográficas, em si só já me permitem abarcar como autobiográficos os registros “não canônicos” deixados por Candido Portinari. Passarei, a seguir, à leitura das cartas, do ‘diário’ e dos poemas, tendo em mente que, sendo uma “promessa”:

(...) no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. (...) Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua relação. Quando você lê uma autobiografia (...), você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deve fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? (LEJEUNE, 2008:73-74)

Sim, estou pronta. Assino o contrato de leitura, firmo o pacto autobiográfico com Portinari. E passo aos seus ‘escritos de si’ acreditando na promessa da reciprocidade.

2.1 Amizade correspondida

*Que mejor modelo de autobiografía se puede concebir que el conjunto de cartas que uno há escrito y enviado a destinatários diversos, mujeres, parientes, viejos amigos, em situaciones y estados de ánimo distintos?*³

Neste subcapítulo, apresento a correspondência ativa e passiva de Portinari com Mário de Andrade. A escolha por Mário de Andrade se justifica porque, além de crítico devotado da obra de Portinari, o escritor foi seu amigo e o correspondente com quem o pintor manteve intenso e íntimo intercâmbio epistolar. Partindo dessa troca de *fragmentos da vida privada*, pretendi percorrer os diferentes territórios da sociabilidade e da intimidade inscritos nessas zonas intermediárias entre o documento e a ficção que são as cartas. Para além da análise arquivística – número de cartas, periodicidade, formas de tratamento, fórmulas de despedida, datação, extensão das cartas etc. – busquei investigar questões como: a natureza das cartas trocadas – pessoal, profissional, artística; seu conteúdo; o estilo de escrita de Portinari; os traços autobiográficos presentes nas missivas.

Uma das referências teóricas para o estudo desta *amizade correspondida* é, pois, o livro *Ao sol carta é farol*, de Matildes Demétrio dos Santos, cujos capítulos 3. *As cartas de Mário de Andrade* e 4. *O credo modernista através das cartas* forneceram os parâmetros de análise das missivas trocadas entre o escritor e o pintor. Outro livro significativo foi *Orgulho de jamais aconselhar*, no qual Marcos Antonio de Moraes, atual curador do Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), nos revela a compreensão que Mário de Andrade tinha de sua obra epistolográfica como espaço privilegiado para a celebração da amizade – e de seus dilemas.



Figura 3

Grupo na calçada em frente à casa de Portinari no Leme: Mário de Andrade, Oscar Simon, Portinari e Maria. Rio de Janeiro, RJ, [1941].

Fonte: Projeto Portinari [AFRH-174.1]

³ Ricardo Piglia, *Respiración artificial*, citado por SANTIAGO, Silvano. *Carlos & Mário*, p. 7.

Em tempos de correio eletrônico e amizades virtuais, adentrar o mundo epistolar é voltar a uma época em que os laços humanos deixavam rastros por escrito. No Brasil, a tradição epistolar atingiu seu auge com os modernistas. Somente Mário de Andrade trocou mais de sete mil cartas com seus 1.100 correspondentes, material que cobre duas décadas da vida cultural nacional. Através delas, Mário exerceu uma poderosa influência sobre os artistas mais relevantes de sua época e alçou a epistolografia a gênero literário no país.

A relação entre o pintor e o escritor começou com o encontro no Salão de 1931, quando Mário se encanta pelo retrato de Manuel Bandeira exposto por Portinari. Nessa ocasião, outro retrato do poeta, este de autoria do pintor alemão Frederico Maron, também participava da exposição, o que gerou uma comparação imediata por parte de Mário a favor do quadro de Portinari. Naquela época, Mário de Andrade, vivendo o segundo momento do Movimento Modernista, buscava um “artista brasileiro ideal” que correspondesse às novas diretrizes do movimento – dentre elas a questão da identidade nacional nas artes. Apesar de restrições iniciais à temática portinaresca – Mário confidenciou ao crítico Antonio Bento, após ver suas obras no Salão de 31, que achava que Portinari “não estava voltado para os problemas de uma arte de temática brasileira. Pintava muitos retratos.” (BENTO, 1980:68) –, o escritor, ao reencontrar Portinari em seu ateliê em fins de 1932, reviu sua opinião e passou a apoiar o pintor, em quem identificou a “impulsividade nacionalística” que o *Papa do Modernismo* tanto procurava nas artes plásticas.

Voltando à correspondência, Portinari, por sua vez, tem catalogadas no projeto que leva o seu nome 5.872 cartas. As cartas que enviou a Mário de Andrade – ainda inéditas ao público – me foram reveladas pelo Professor João Candido Portinari. Confiadas a mim em material fotocopiado e encadernado, os originais manuscritos dessa correspondência estavam guardados no Setor de Arquivos

do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), sob os cuidados da profa. Dra. Telê Porto Ancona, curadora do “Arquivo Mário de Andrade” no IEB-USP até 2008. As reproduções datilografadas totalizam 62 documentos entre cartas, bilhetes e telegramas. Eles não estão agrupados em ordem cronológica, mas classificados pelo IEB na sequência em que foram sendo retirados das pastas nas quais, cuidadosa e metodicamente, Mário de Andrade os reuniu, e nas quais ficaram resguardados por 50 anos, tempo que o escritor determinou que permanecessem fechados à consulta e à publicação após a sua morte, segundo nos informa o site do Instituto.

Após tabelar a correspondência em parâmetros como número do documento, data e local de envio, vocativo e despedida, reagrubei as cartas pelas décadas em que foram escritas, deixando à parte as SEM DATA. Das 62 mensagens, com início em 25 de outubro de 1934, 16 foram remetidas na década de 30 e 29 na década de 40 – sendo a última enviada em dezembro de 1944, cerca de dois meses antes da morte do escritor. Das 17 restantes, 13 não possuem referência ao dia, mês, ano ou local em que foram escritas e quatro dão ciência da cidade, sendo que em uma delas essa informação está no texto, não no cabeçalho.

Tabela 1

Data	Quantidade
Década de 30	16
Década de 40	29
Sem data	17
TOTAL	62

Tabela 1. Total de cartas enviadas por Portinari a Mário de Andrade por década.

Tabela 2

Local	Quantidade
Rio de Janeiro	28
Petrópolis	2
Brodowski	13
Belo Horizonte	1
EUA	4
Sem local	14
TOTAL	62

Tabela 2. Total de cartas enviadas por Portinari a Mário de Andrade por localidade.

Com relação à forma de tratamento de Portinari para com Mário, esta se mantém inalterada nas primeiras oito cartas. “Mário”, simplesmente, é como o pintor irá se dirigir a seu interlocutor até setembro de 38. A mudança ocorre em março de 39, quando adota “Caro Mário” como saudação padrão desta data em diante.

A fórmula de despedida, por outro lado, irá variar substancialmente, desde “abraços Maria e Portinari” e “um grande abraço do Portinari”, passando pela adição de elementos de aproximação crescente, como em “um abraço do seu Portinari”, “um abraço do seu amigo Portinari” até chegar a mais completa demonstração de afeto: “grande abraço do todo seu Portinari”, “abraços com saudades do Portinari”, “abraços do seu velho Portinari”, culminando com “abraços com saudades do amigo certo Portinari” e “muitas e muitas saudades do seu velho Portinari”. “Do velho Portinari” se tornará, com o passar dos anos, o fechamento preferido do pintor.

Não que este fosse mais velho que aquele! Pelo contrário: Portinari era dez anos mais moço que Mário, que assumia ares de *primogênito* ao aconselhar o pintor a, por exemplo, “juntar uns cobres” decorrentes dos dois murais que Portinari executaria na Biblioteca do Congresso norte-americano, em Washington, como comenta o artista em carta de outubro de 41. Ou mesmo de *pai*, como registra Portinari em carta sem data nem local, comentando um estudo realizado por Mário e que o sensibilizara muito: “você

escreve pensando mais em mim como um filho do que como um artista somente”. Esse papel de *mentor* não se limitará a Portinari, mas será assumido com quase toda a rede de correspondentes do escritor.

Sobre a periodicidade da correspondência, esta é bastante equilibrada. Portinari escreve mensalmente ao amigo, principalmente na década de 40. Os intervalos geralmente decorrem das viagens que o pintor precisa realizar para o estrangeiro ou devido a doenças suas ou de familiares. Quando Mário se demora em responder, Portinari sinaliza, cobrando as remessas do amigo: “Há tempos mandei uma carta, mas não sei se você a recebeu” (Rio, 22.8.43); “Estou estranhando por você não responder minha carta; mandei-a registrada.” (Petrópolis, 13.3.44); “Estou inteiramente sem notícias de você” (Brodósqui, 28.9.38). Da mesma forma, também se desculpa da desatenção em responder às cartas de Mário: “Você deve ter estranhado em não receber resposta.” (s.d.); “Não escrevi antes porque tenho estado às voltas com o quadro *Futebol*” (Rio, 16.3.35); “Fiquei todo esse tempo sem escrever porque comecei uma colheita de café com 50 figuras – 2 metros e tal” (Rio, 10.9.35). Apesar desses intervalos, a “conversa” sempre é retomada do ponto onde havia parado. Os anos de 41 e 44 são os mais profícuos: 11 e 9 cartas, respectivamente, foram remetidas para o escritor.

Encerrada a descrição analítica da coleção de cartas escritas por Portinari para Mário de Andrade, passarei agora para as considerações sobre sua *amizade correspondida*. Antes disso, porém, é necessário esclarecer que as notas de rodapé das citações epistolares foram padronizadas utilizando-se as siglas dos nomes dos missivistas, seguidas da data de envio da carta e da página do livro/revista em que foram publicadas. No caso das cartas de Candido Portinari para Mário de Andrade – que compõem acervo inédito do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) –, foi citada a classificação do instituto seguida da página em que a correspondência se encontra na fotocópia recebida.

Abaixo, a referência bibliográfica das cartas citadas neste estudo:

Tabela 3

Sigla	Remetente/Destinatário
CP/MA	De Candido Portinari para Mário de Andrade <i>Cartas inéditas</i> – Material IEB/Projeto Portinari
MA/CDA	De Mário de Andrade para Carlos Drummond de Andrade In FROTA, Lélia Coelho (org.). <i>Carlos & Mário</i> . Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
MA/CP	De Mário de Andrade para Candido Portinari In FABRIS, Annateresa. <i>Portinari, amigo mio</i> . Campinas: Mercado das Letras/Projeto Portinari/Autores Associados, 1995.
MA/GF	De Mário de Andrade para Guilherme Figueiredo In FIGUEIREDO, Guilherme. <i>A lição do guru</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
MA/HL	De Mário de Andrade para Henriqueta Lisboa In CARVALHO, Abigail (org.). <i>Querida Henriqueta</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
MA/MB	De Mário de Andrade para Manuel Bandeira In MORAES, Marcos Antonio de. <i>Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira</i> . São Paulo: Edusp/IEB, 2001.
MA/MM	De Mário de Andrade para Murilo Miranda In <i>Cartas de Mário de Andrade para Murilo Miranda</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
MA/NF	De Mário de Andrade para Newton Freitas In <i>Revista do Instituto de Estudos Brasileiros</i> (17). São Paulo: USP, 1975.
MA/PD	De Mário de Andrade para Paulo Duarte In <i>Mário de Andrade por ele mesmo</i> . São Paulo: EDART-São Paulo Livraria Editora Ltda., 1971.
MA/PN	De Mário de Andrade para Pedro Nava In <i>Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Tabela 3. Referências bibliográficas das cartas citadas e/ou reproduzidas nesta tese.

2.1.1 De Mário para Portinari

O crescente interesse editorial pelas correspondências gerou, nas últimas décadas, o lançamento de textos teóricos significativos sobre a tradição epistolar, mas o livro fundamental para o início deste levantamento é *Portinari, amigo mio*, da historiadora e crítica de arte Annateresa Fabris. Publicado em 1995 por ocasião dos 50 anos de morte de Mário, nele a autora documenta e analisa 60 cartas enviadas pelo escritor a Portinari. Essa troca epistolar, iniciada pelo escritor em março de 1935, se estende até 25 de dezembro de 1944, dois meses antes de seu falecimento, em fevereiro de 1945*. Como não poderia deixar de ser, e apesar de o livro conter apenas as cartas enviadas por Mário, nelas também se revelam as alegrias e frustrações cotidianas e a relação afetiva entre o escritor e o pintor, que se conhecem em setembro de 31 na 38ª Exposição Geral de Belas Artes. Na ocasião, Portinari é apresentado a Mário de Andrade, e os dois se tornam amigos.

Ainda no universo epistolar, a Coleção “Correspondência de Mário de Andrade”, organizada pela Edusp e o IEB, com três títulos publicados – *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral* e, mais recentemente, *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*, reúne tanto a correspondência ativa quanto passiva do escritor com esses interlocutores.

Carlos Drummond de Andrade, Newton Freitas, Tarsila do Amaral, Augusto Meyer, Oneyda Alvarenga, Murilo Miranda, Guilherme Figueiredo, Pedro Nava, Alberto Lamego, Moacir Weneck de Castro, entre muitos outros correspondentes, completam a ‘rede’ de interlocutores – e amigos – do escritor cujo *hipertexto* constituído por memórias individuais e coletivas se encontra, na maioria,

* Nota da autora: como todas as cartas citadas foram escritas ao longo do século 20, passarei a grafá-las apenas com os dois últimos algarismos referentes ao ano.

publicado. Nessa polifonia narrativa, foi possível identificar pistas para a (re)construção das múltiplas facetas da amizade entre Candido e Mário, presentes nas “memórias dos outros” e compartilhada textualmente por Mário com seus demais interlocutores. Como ressalta a historiadora Giselle Venancio:

(...) a correspondência entre amigos é uma fonte privilegiada para a análise das formas de amizade pois, ao contrário das outras, deixa entrever marcas de relações mútuas. Diferentemente das demais fontes citadas, a correspondência estabelece uma relação. (VENANCIO, 2001:23-24)

Um exemplo dessas “relações mútuas” é a carta para Bandeira de 10 de setembro de 31, na qual Mário tenta esclarecer “a reviravolta” sobre o retrato do poeta pintado por Frederico Maron, que perde lugar para o de Portinari, pintado no mesmo período, na preferência do crítico*. Em uma longuíssima explicação, Mário se desculpa utilizando argumentos estéticos e aproximando Portinari de Tarsila do Amaral. A carta de Bandeira que motivou esta de Mário não consta da primeira edição do livro, publicada em 58, nem na edição da Edusp/IEB, de 2001 –, mas Manuel Bandeira, nas notas que escreveu quando da publicação do volume de cartas, afirmou: “sobre o caso escrevi a Mário, que me respondeu com esta carta, que ainda hoje [1958] considero de uma injustiça e de uma estreiteza insignes”⁴.

Da mesma forma, Mário de Andrade dialoga com Henriqueta Lisboa. Em *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*, encontram-se as 42 cartas enviadas à amiga, confidente, “irmãzinha” e, às vezes, *terapeuta*, que se constituem em material primordial para o entendimento da relação entre os amigos, Mário e Portinari, como se poder perceber nesta missiva de 11.7.41:

Fiquei contente por você gostar do Portinari. É verdade mesmo que sou enormemente amigo dele, mais: tenho

*Nota da autora: sobre o retrato de Manuel Bandeira, ver subcapítulo 3.3.1 *A Galeria Modernista*, p. 166.

⁴ MA/MB, 10.9.31. Página 523, nota 99.

adoração por ele, como homem e como artista, apesar-de tudo quanto nele se choca irremissivelmente com a minha maneira de ser. Me entreguei. Diante de certos indivíduos que reputo de valor enorme e que pela força violenta de carácter são incapazes de se enxergar a si mesmos, pra poder admirá-los e amá-los com maior desimpedimento, tomo sempre o partido mais sensual de me entregar, me acaudilhar. Assim não me disperso, nem ao meu amor, em “mas”, “porém” e outras adversativas desagradáveis, que só trazem confusão e nenhuma libertação. Adoro Portinari.⁵

Ao jovem Murilo Miranda, editor da *Revista Acadêmica* juntamente com Lúcio Rangel, e amigo do escritor desde 34 por ocasião da publicação do seu *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo* no periódico, Mário não esconde que nutre “uma verdadeira dedicação” por Portinari, por quem nada faz que “não seja em pura defesa da fé, da admiração, do amor”⁶.

Missivista tomado de “paixão sublime” pelo fazer epistolográfico, Mário de Andrade também praticou, através da correspondência, o que FOUCAULT (2004:155) chama de *exercícios de escrita pessoal* para o “adestramento de si mesmo”. Diante de seus inúmeros correspondentes, o *carteador* – um pouco mais com alguns, um pouco menos com outros – exortou, orientou, consolou, ensinou e se instruiu, seguindo dois princípios praticados, segundo Foucault, por Sêneca: “(...) o de que é necessário adestrar-se durante toda a vida, e o de que sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma” (FOUCAULT, 2004:154). Ao amigo Portinari, Mário endereçou 60 cartas. Nas tabelas 3 e 4 podem ser vistas a periodicidade e a localidade das missivas:

Tabela 4

Data	Quantidade
Década de 30	19
Década de 40*	39
Sem data	02
TOTAL	60

Tabela 4. Total de cartas enviadas por Mário de Andrade a Portinari por década.

⁵ MA/HL, 11.7.41, pp. 50-51.

⁶ MA/MM, 17.4.41, pp 81-82.

*1940 a 1944. Mário de Andrade faleceu em 25.2.1945.

Tabela 5

Local	Quantidade
São Paulo	50
Rio de Janeiro	05
Sem local	05
TOTAL	60

Tabela 5. Total de cartas enviadas por Mário de Andrade a Portinari por localidade.

De início atento às formalidades – “... si já não lhe mandara um cartãozinho foi apenas porque não sabia a sua residência”⁷ –, o contínuo estreitamento dos laços fraternais de Mário para com Portinari vai sendo percebido à medida que, mais evidentemente, as formas de tratamento vão sugerindo intimidade, com o acréscimo, junto ao nome do destinatário, dos adjetivos *caro*, *querido*, *amigo*, nas mais diversas combinações, além do uso do pronome possessivo *meu*, que “timidamente” aparece na carta de 25.3.35, em italiano (“Portinari, amico mio”), e assume a língua materna a partir da 11ª carta. “Portinari meu velho”, “Meu querido Portinari”, “Portinari querido” e “Meu caro Portinari” serão os vocativos preferidos por Mário para saudar o amigo.

Também o tom da *conversa* vai se tornando mais fraternal, chegando Mário a assumir “o papel” de irmão mais velho do pintor, dando-lhe conselhos sobre sua vida particular e assuntos financeiros, e até criticando, em tom de “pito”, sua extrema generosidade monetária:

(...) Mas eu insisto naquela conversa que tivemos em Brodóski: você precisa regularizar a sua vida e acabar com essa casa de Orates onde há sempre muita gente que entra a qualquer hora e almoços e jantares diários que são banquetes. (...) Você precisa regularizar sua vida.⁸

Ou sua despreocupação financeira, como revela esta carta enviada a Portinari quando de sua viagem aos Estados Unidos, entre julho e setembro de 1940, para a mostra *Portinari of Brazil*, no Museu de Arte Moderna de Nova York, entre outros compromissos:

⁷ MA/CP, 25.3.35, p. 47.

⁸ MA/CP, 20.4.41, p. 86.

Você diz na sua carta que já está pensando na volta. Mais uma vez insisto com você para aproveitar o mais possível e sugar quanto puder dos Estados Unidos. Si receber encomendas aceite e vá ficando enquanto a coisa render. O meu maior desejo é que você volte daí com uns bons cobres que garantam um futuro firme pra você com Maria, para você então pintar descansado o que quiser, livre das imposições financeiras da vida.

Não se afobe nem deixe se levar pelas saudades. Você precisa antes de mais nada garantir um futuro mesmo que seja modesto, pra não ter mais que a preocupação feliz de viver e educar o nosso querido João Candido.⁹

O tema é recorrente em carta de novembro de 41:

(...) Mas veja si desta vez consegue economizar alguns cobrinhos, pra guardar depois, comprar uma casa, coisa assim. Sempre penso muito em você, e me preocupa essa sua situação de gastar tudo quanto ganha, sem pensar no dia de amanhã. Bom, não quero “passar pito”, que você sabe muito bem o que deve fazer da sua vida.¹⁰

O “pito” também se estende ao temperamento do amigo, a quem Mário identifica como um homem “briguento mas deliciosamente bom, incapaz de fazer mal a ninguém”:

(...) O caso do Osvaldo, achei graça. Mas já falei pra você com toda a franqueza que não aprovo muito esse seu processo de se antipatizar sem razão com tantas pessoas. É verdade que as razões que você me deu quando falamos nisso, sem me convencerem, me deixaram um tanto sem resposta. O caso é muito delicado pra mim, essa é a verdade. [MA/CP, 8-VI-38, p. 66]

(...) Mas você é muito frágil nessas coisas. Você vive brigando com Deus e todo mundo e até briga sozinho. (...) Afinal das contas seria o cúmulo da suficiência você imaginar que só você é direito e todos os outros com quem briga, uns errados. [MA/CP, 19.8.44, p. 139]

O ‘retrato’ psicológico que Mário faz de Portinari na nota para o artigo “El pintor Portinari”, publicado na revista *Saber Vivir*, é sucinto:

Amigo fidelíssimo dos seus amigos, abertamente zangado com os seus inimigos, incapaz de hipocrisia, desconfiado algumas vezes, mas inteiramente e até demasiadamente confiante logo após, Portinari é principalmente violência,

⁹ MA/CP, 23.10.40, pp. 75-76.

¹⁰ MA/CP, 7.9.41, p. 91.

força, paixão, sensualidade plástica. Tanto ama uma forma pictórica como ama um assunto.¹¹

Sobre essa 'paixão violenta' de Portinari por um assunto, dedicarei a seguir algumas linhas às impressões trocadas por Mário de Andrade e Manuel Bandeira quando dos primeiros passos da amizade:

São Paulo, 24 de novembro de 1934¹²

Manu,

(...)

Portinari está aqui. O único sucesso de importância até agora é que os Crespi estão interessados, com as recomendações da embaixada italiana, e provavelmente teremos dinheiro. Comigo sucedeu já o em que conversamos aqui, se lembra? Dei uma reunião para ele e pro [artista] Aliseris uruguaio e a conversa estava uma gostosura, com Anita, Maria [Portinari] e dois rapazes aí do Rio que me apareceram de visita nessa noite. De repente, arte pra cá arte pra lá, falando de arte infantil, veio a coisa a parar no que eu tenho observado: que o brasileiro não tem o talento plástico como uma constância. Pra quê disse isso. O Portinari, apesar da minha ressalva feita em voz alta sobre as exceções, encrespou. Mas em vez de discutir a minha tese, sem saber, veio com uma antítese: - Pois eu, dizia ele levantado, acho que o Brasil é o país mais plástico que existe e daqui é que há de sair a maior escola plástica do mundo! Palavras textuais. Respondi: Nego. Esteticamente não há um país mais plástico que outro, e da terra ruim de Barbizon saíram os impressionistas franceses. Ah seu compadre, saiu discussão mas tão penosa, tão penosa, por causa da nenhuma ordem de organização intelectual destes pintores, uma confusão danada de pitoresco, de sentimental com o fenômeno puramente estético da plástica, por mais que eu me esforçasse pra por uma ordem na discussão, distinguindo as ordens de ideias e fenômenos, não havia meios, eram três a confundir, fui esquentando, esquentando, a felicidade foi você, me lembrei de você e de repente chamei a atenção do grupo pra lindeza do luar. Já lá pras duas da manhã, quase estourei outra vez, quando estávamos vendo os meus trabalhos, e vai o Portinari negou qualquer talento ao Di. Então fiquei safado deste mundo. Eu tenho duas aquarelas realmente assombrosas do Di, são obras-primas. Qual, não prestava. Veio o luar em meu socorro outra vez, mas desta com muita dificuldade, por pouco que não estourei. Meu gosto foi na despedida, aquele turtuveio de quem se despede primeiro, um silêncio, e o Portinari: "Puxa, você pra discutir é bom mesmo, deixa a gente atrapalhado, custa a gente se livrar. Mas não se esquentar. Com você a gente discute. Queria que você visse o Manuel"... [Nota: MB: a observação de Portinari é exata: Mário discutia muito bem, guardando toda a calma. Mas eu... Perco logo as estribeiras, grito, fico malcriado, Deus

¹¹ Citado por FABRIS (1995:23).

¹² MA/MB, 24.11.34, p. 594.

me perdoe... e Portinari também.] E não pude acabar porque também não pude comigo sem soltar uma gargalhada gozadíssima, diante do medo que a fisionomia dele denotava. Percebi que ele tinha ficado contundido de verdade e me vinguei por você, das duas vezes que, pela presença do uruguaio ou estarmos em minha casa, nem sei, também não arrebentei. Passei acordado o resto da noite, só lembrando a cara dele, o tom reflexivo e o apreensivo que a Maria tomou. Foi isso que me sossegou, porque se não, não tem nada que me mortifique mais do que calar a boca quando sei que tenho razão.

Bom, que carta enorme. Cio, com abraço. (Não releio, não tenho tempo).

Mário

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1934¹³

Mário,

(...)

O Portinari... Não me fale. Vejo que eles gostam de mim e por isso é difícil brigar seriamente. Mas como irrita com aquelas opiniões. Seria tão simples ele evitar dizer-me certas coisas. Mas o brodosquinho não desiste apesar do pavor a que você se refere. Comigo sozinho nunca acontece nada porque ou descaminho a conversa do terreno em que ele nada entende apesar de ser ótimo pintor. O diabo é quando tem mais gente. Fica-se calado, mas no fim de um certo tempo fica-se mas é safado de estar sendo comido por bobo. O verdadeiro é deixar-se comer por bobo. Ri-me do ar apreensivo que você notou na Maria. Da última vez que me esquentei, já tendo tudo serenado e quando eu me despedia, ela deu-me um aperto de mão intencionalíssimo, como se entre nós houvesse um compromisso de sacanagem. Nada disso. Era só como quem dizia: Não leve a mal o que se passou hoje, Manezinho.

Ciao. Um abraço do
M.

São Paulo, 28 de novembro de 1934¹⁴

Mano,

(...) Se tiver pachorra noutra carta lhe contarei do Portinari. Só por hoje, que jantei com ele e bemhumoradamente entre chopes fiz ele dar a trela e fiquei "manjando ele" como ele diz que faz com toda a gente. O certo é incontestável é que (fico em tais dúvidas já que tenho a vontade de acrescentar: pelo menos diante de mim...) ele tem um profundo respeito e gratidão por você. Não recomendo nem desejo, mas se algum dia você tiver que dar mais algum estrilinho com o brodosquinho, estrole provando que ele é intrigantinho e invejosinho como os outros mesmo. Isso ele é, coitado, tão bom pintor, mas que se denunciou completo, enquanto eu estava manjando ele em bom humor.

¹³ MB/MA, 27.11.34, p. 597.

¹⁴ MA/MB, 28.11.34, p. 600.

Ciao. Com um abraço e agora muito grato, a mais, pelo Guarnieri. Aliás, ele vai te escrever. Ciao.
Mário

São Paulo, 16 de dezembro de 1934¹⁵

Manuel,
(...)

Portinari enfim abriu a exposição, que está realmente formidável, que baita! A impressão foi profundíssima, briga-se, discute-se muito entre a pintorzada daqui, mas até os mais passadistas não discutindo as deformações dele, respeitando o machinho sério, está engraçado. Dizem que não gostam mas nem sombra de dizerem que é ignorância ou besteira. (...) Mas o Portinari tem feito burradas de caipira. A colônia italiana está encomendando retratos, e ele recusando porque com as proteções que trouxe, acha que a colônia tem obrigação de comprar os quadros expostos e não encomendar quadros! Com isso vai na certa perder bastante. E fez burrada grossa com o Paulo Prado, que estava bem disposto a favor dele e me falara pessoalmente quando lhe anunciei a vinda do Portinari, que ia comprar um quadro. Ora um quadro comprado pelo Paulo Prado significa não raro uns três ou quatro vendidos, de indivíduos que vão na onda dele como o Thiollier, e de outros que criam coragem. Mas o Portinari chegou, não foi visitar o Paulo Prado, nem sequer telefonou! Apenas mandou convite! Ora o Paulo Prado que além do mais é um homem de mais de sessenta anos, merecia pelo menos o pagamento da visita que fizera aí no Rio ao Ateliê de Portinari, não acha mesmo? Encontrei-o no jantar de aniversário do Yan, e estava inteiramente mudado, gélido e inacessível a respeito do Portinari, porque ainda por cúmulo dos cúmulos parece que o convite se perdeu no correio. Pelo menos ele afirmou que não recebeu e mudou de conversa. É o diabo.

Bem, vou parar. (...) Ciao, com um abraço (...).
Mário

São Paulo, 15 de fevereiro de 1935¹⁶

Manuel,
(...)

Mas o Portinari é uma delícia, e agora estou um bocado com remorso, ou não sei se vergonha da maneira com que o tratei. Eu não tinha bastante frequência do Portinari, não o conhecia e me achei mais ou menos com direito de observá-lo de palanque. Fui dando corda, pra tirar dele as qualidades de os defeitos, está claro, sem maldade, mas gozando. Tanto que fiz parte pra você de certas coisas que observara meio com riso. Mas agora estou meio no caso do X., de que até hoje tenho remorso da maneira com que o observei, sem dar de mim pra ele tudo o que ele dava dele pra mim. Porque afinal acabei me tornando amigo dele,

¹⁵ MA/MB, 16.12.34, pp. 603-4.

¹⁶ MA/MB, 15.2.35, p. 612 [carta onde comenta seu retrato, que está sendo pintado por Portinari]

embora lhe reconheça os defeitos muito fortes. Parece que a mesma coisa está se dando com o Portinari, que se se desnudou tão francamente foi porque desde o princípio me tomou por amigo. E agora está tão meu amigo que me persegue com provas de afeto excessivamente íntimo. E eu fico com vergonha do passado. Realmente ele tem qualidades pessoais ótimas, além da grande força do pintor.

Bom, mudemos de assunto, que ainda tenho que lhe contar.

(...) E ciao com abraço.
Mário.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de [1935]¹⁷
Mário,
(...)

Impressão sobre o Portinari: exatíssima. Precisamente o que sinto. Mas isto fica para depois. (...).

Abraços do
M.

Rio de Janeiro, 21 de maio de 1937¹⁸
Mário,
(...)

Ontem jantei *chez* Portinari. Mostrou-me um bilhete seu em que você dizia que só escritores foram convidados [Nota: Depois de contar sobre a nova produção e o convite que recebera para entrevista em *O Estado de S. Paulo*, Portinari comenta *en passant* na carta de 15 de maio: “A turma aqui está assanhada com ainda a São Paulo. Todo mundo diz que foi convidado menos eu.” Diante da frase malferida do pintor, MA tenta apaziguar a situação explicando-se “não me esqueço de você. A caravana (que não fui eu que inventei nem tenho propriamente nada com ela) é só de escritores e foi inventada pelo Fábio Prado e pelo Paulo Duarte. Bem vê você como se arranhou a coisa (...)”. s.d., *Portinari, amico mio*, p. 59]. Não falei nada do convite da sua última carta para mim (aliás sou “escritor”), mas Portinari soube que Santa Rosa foi convidado. – Convidado por quem? Perguntei. – Não sei, acho que pelo José Olympio.

Conto-lhe isto para seu governo com o Brodosquinho, que é susceptível, sobretudo em relação a S. Paulo, - amor infeliz...

Abraços do
Manu.

¹⁷ MB/MA, 19.2.[35], p. 614.

¹⁸ MB/MA, 21.5.37, p. 636.

Rio de Janeiro, 27 de maio de 1938¹⁹
 Mário,
 (...)

Saiba que o nosso brodosquinho já tem coisa nova para você: os painéis da sala de jantar de José Nabuco. Um está pronto. Não fez afresco – voltou àquele preparo liso do Fujita e executou uma pintura esplêndida, de um modelado, de um calor de colorido extraordinários. Mas o brodosquinho anda arreliadíssimo com uns ataquezinhos idiotas do Oswald, Jorge Amado, etc. Veja você: em vez de dar uma banana, arrelia-se!

Abraços do
 M.

Voltando à correspondência entre o escritor e o pintor, as notícias sobre a saúde deste são tema recorrente nas missivas. Acusaçãozinha nos rins, desinteria amebiana, gripe, operação das amígdalas, tratamento dental, erupção na pele, intoxicação alimentar, sinusite, dores internas esquisitas, mal-estar, dores horríveis no fígado, dores de cabeça e úlcera no duodeno constituem a lista das *doenças de corpo* de Mário, que se somam às *doenças de alma* que constantemente afligem o poeta: desânimo, falta de vontade de viver, angústia e desgosto moral, e neurastenia. A descrição desses males – pormenorizada para alguns correspondentes – é pouco detalhada para Portinari, como se Mário poupasse o amigo de seus problemas de saúde:

(...) vivo numa afobação danada, (...), dormindo quase nada, comendo forçado, e já com uma acusaçãozinha dos rins. [MA/CP, 30.5.35, p. 50]

Estive gravemente doente. (...) largado na cama, já sem forças pra nada, já com o médico a todo momento me auscultando o coração, com medo que falhasse. Tudo por causa duma disenteria amebiana que me pegou enfraquecidíssimo. [MA/CP, 8.7.36, p. 55]

Tive ultimamente um grande desgosto moral que não vale a pena contar por carta. Faz uns quinze dias que não consigo dormir direito, sempre com a idéia no mesmo sofrimento. [MA/CP, 23.10.43, p. 93]

O papel de ‘protetor’ de Portinari e de sua arte – assumido por Mário quase instantaneamente quando defendeu o retrato de Manuel Bandeira pintado pelo artista

¹⁹ MB/MA, 27.5.38, p. 648.

diante do ‘concorrente’ Frederico Maron no Salão de 31 (ver **Capítulo 3**, subcapítulo **3.3.1. A Galeria Modernista**, p. 166) – reaparecerá na resposta que Mário dará à tentativa de Lasar Segall de ‘puxar a conversa para o lado de Portinari’, que Mário interpreta como uma intenção do pintor de ‘recuperar’ o favoritismo do escritor: “Olha, Segall, você fique sabendo que (...) eu adoro a arte de Portinari, eu sou amigo dele pra qualquer hora e qualquer circunstância”²⁰. A amizade e a admiração incondicionais pelo pintor recheiam as missivas:

Estive outro dia vendo os quadros que irão pro Salão de Maio. Incontestavelmente falta você e isso é uma falha danada. O estriquinina brigando com toda a gente, coitado! [MA/CP, 23.5.38, p. 63]

Mas a mim me penaliza ver pessoas não gostando de você e atacando a sua arte. Gosto demais de você e da sua pintura pra ter qualquer egoísmo: meu desejo era ver você louvado e compreendido por todos. [MA/CP, 8.6.38, p. 66]

Mas o diabo é que a gente vai ficando viciado com os quadros de você, e acaba não gostando de quase ninguém. [MA/CP, 1.4.39, p. 70]

(...) Mas você sabe quanto eu admiro você, o artista brasileiro que mais admiro, exemplo pra todos nós. [MA/CP, s/d, p. 72. Nota FABRIS: A carta deve datar de 10.11.39]

(...) Mas será mesmo possível que eles se imaginem perto de você como pintura, não percebiam a distância (...)! [MA/CP, 9.4.41, p. 84]

Olha, Portinari, tenho mais de dez anos de amizade feliz e de devotamento apaixonado pela arte de você. Você faça o que fizer, eu estou com você, do seu lado. [MA/CP, 7.7.42, p. 104]

Quanto ao fechamento das cartas enviadas por Mário de Andrade, este evolui do tom casual, onde um simples “Ciao” encerra a missiva, para despedidas mais elaboradas e repletas de emoção, como na carta de 7 de julho de 42, onde o escritor se despede com um “Sempre você ficando certo que de qualquer forma estou ao lado de você e sou o seu amigo certo, Mário”. O encerramento repleto de fidelidade se justifica: nessa longa carta, reafirma sua

²⁰ MA/CP, 7.7.42, p. 103.

amizade diante das críticas feitas a Portinari por Segall, pintor ‘rebaixado’ na preferência de Mário – que passa a considerá-lo “um artista admirável, sério, consciencioso” –, após conhecer Portinari, a quem atribui o lugar de “gênio” e representante da *arte com caráter nacional* que sempre idealizou.

2.1.2 De Portinari para Mário

Se, para ser correspondida, a amizade depende da interação entre emissor e receptor, é meu intuito que, com este trabalho, as cartas que Candido Portinari escreveu a Mário de Andrade possam, ao menos em parte, sair dos envelopes em que permaneceram guardadas por 50 anos e revelar o outro lado dessa frutífera troca de *fragmentos da vida privada*.

Essa correspondência ativa tem início em 25 de outubro de 34. Portinari e Mário são amigos já há três anos, e adentramos nessa amizade missivista em meio aos preparativos do artista para sua primeira individual em São Paulo, sobre a qual comenta: “Estou para expor em São Paulo desde que me conheço e sempre fui adiando. Mas desta vez a coisa sai mesmo. (...) Tenho muita coisa nova. Trabalhei pra burro nestes últimos tempos.”²¹ Nessa exposição Portinari apresentará 50 obras novas, dentre as quais *O mestiço*, um dos marcos do caráter nacional e moderno que a pintura de Portinari irá assumir no contexto renovador do Modernismo dos anos 30 – o de que a arte brasileira deve ter, *a priori*, uma preocupação social. Portinari é visto como o “representante plástico do Modernismo brasileiro”, movimento do qual Mário de Andrade é mentor.

A segunda carta só será escrita em 16.3.35. Portinari havia exposto em São Paulo em 8 de dezembro e se encontrara com Mário: “Maria e eu ficamos gostando muito

²¹ CP/MA, 25.10.34. Arquivo IEB: CO-5807. Carta inédita.

da sua família”. Justifica a ausência de notícias por estar muito envolvido com o quadro *Futebol*, que apresentara na exposição individual, mas com o qual não estava de todo satisfeito. Nessa carta ainda o pintor confessa sua ‘dificuldade’ com a escrita: “Prefiro fazer um retrato a escrever uma carta – devia existir um troço pra passar na cabeça pras palavras saírem com mais facilidade”²².

Até aqui não sabemos quantas cartas Mário e Portinari já haviam trocado. Assim como na coleção da correspondência ativa de Portinari, as cartas de Mário para o pintor nos introduzem em uma amizade já em andamento, sendo a primeira missiva de Mário datada de 25 de março de 35, em resposta à anteriormente citada. Mário principia por declarar sua preocupação com a ausência do amigo: “Já estava assustado com o seu silêncio” para, em seguida, desculpá-lo: “Mas tem-se que dar razão aos pintores, que pintam melhor os setes das belezas plásticas que os agás e jotas tão pouco plásticos da escritura”²³.

O amigo, esse *Outro* que é semelhante a nós, através dos quais vislumbramos as nossas próprias qualidades – se alguém tão bom pode ser meu amigo é porque também eu sou tão bom! – e vulnerabilidades, é afagado dez linhas adiante, quando Mário registra, em tom de confissão, suas impressões sobre o retrato dele que Portinari havia acabado de pintar: “(...) você me revelou o meu lado angélico (...). Porque de-fato você mais que ninguém, não apenas percebeu, mas me revelou que eu... sou bom”²⁴. Portinari irá retribuir o reconhecimento em carta de 4 de agosto de 36, quando declara: “Mário velho, quando começo a conversar com você não acho jeito de parar. Você é o meu confessor – qualquer coisa que me acontece de bem ou de mal imediatamente me vem a lembrança de escrever para

²² CP/MA, 16.3.35. Arquivo IEB: CO-5808. Carta inédita.

²³ MA/CP, 25.3.35, p. 47.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 48.

“você”²⁵. Assim como no retrato pintado, a carta também reafirma o olhar fraterno dos correspondentes:

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004:156)

Se dar e receber são as marcas mais claras de uma amizade, é através das cartas que a interação entre o pintor e o escritor acontece, suportes de uma sociabilidade registrada na troca de notícias sobre familiares e amigos em comum, sobre os convites para exposições e o andamento das encomendas, ou sobre o estado de saúde próprio e alheio. Nas cartas, a linguagem que Portinari adota é curta e direta, no mais das vezes enumerando informações de forma aleatória, de um jorro só, como nas conversas face-a-face. Por outro lado, a amizade é artigo frágil, e os melindres não poderiam deixar de fazer parte também dessa relação que, ao ser solidificada em torno de escrever e receber cartas, inclui em sua argamassa sentimentos como cumplicidade, afeto, prazer, e também ansiedade, desconfiança, decepção. Entre julho e dezembro de 44, Portinari e Mário se estranham:

Fizeram o que puderam para aluir nossa amizade mas não adiantou – tive certeza nessa sua última carta. Eu vivia meio desconfiado – você me conhece bem e por isso vou mudar de assunto.

Você veio meio belicoso em sua última carta. Você não está me fazendo justiça... Sei que deixo muito a desejar. Em todo caso, já estou taludo para me modificar. Sei que você disse o que disse por amizade. Mas vamos deixar esse assunto para quando você vier ao Rio.²⁶

Para logo em seguida estreitarem os laços de amizade – com argumentos maduros por parte de Mário e com mudança brusca de assunto por parte de Portinari –, e confirmarem que, como definiu Aristóteles em *Ética a*

²⁵ CP/MA, 4.8.36. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

²⁶ CP/MA, 18.4.44 e 8.1944. Arq. IEB: CO-5803; CO-5795. Cartas inéditas.

Nicômano, a verdadeira amizade “é invulnerável à calúnia” (ARISTÓTELES, 1991:143). Para além dos melindres, infinitas sinalizações afetivas pululam essa interação epistolar. Portinari, declaradamente passional, demanda constantemente a presença de Mário, seja em sua casa, em suas exposições ou através das cartas. Os inúmeros convites para uma estada no Rio de Janeiro ou em Brodósqui transmitem-se desde a forma mais singela – “Você, quando é que vem?” (Rio, 25.10.36) – até a mais queixosa – “Todos aqui de casa estavam certos de que você viria até aqui. Foi uma decepção” (Brodósqui, 20.2.40).

Portinari tenta mesmo persuadir o amigo a sair de São Paulo prometendo-lhe privacidade e tranquilidade: “Tenho certeza de que você se sentirá bem aqui – o clima é o melhor possível – não tem ninguém que lhe falará de literatura e nem de pintura” (Brodósqui, 25.1.40); “Não faça cerimônia – venha, pois você bem sabe que não só nós (os do Rio) mas os daqui também terão grande prazer em ter você aqui” (Brodósqui, Jan. 40); “Fizemos negócio com a casa no Cosme Velho e dentro de um ou dois meses iremos para lá – terá um quarto para você quando vier ao Rio” (Rio, Nov. 42); “Aqui você estaria só, pois mandei construir, como já lhe disse, um apartamento ligado à casa e completamente independente – e só feito – pensando em amigos como você” (Brodósqui, Jan. 40).

O pintor também cobre Mário de atenções, seja para com sua saúde – “Ficamos tristes (...) pelas doencinhas cacetes que lhe estão amolando”²⁷, “Meu amigo, não estarei aí no dia 9, de corpo presente, mas espiritualmente estarei com você o dia todo. Aceite desde já o meu abraço”²⁸; – seja para informá-lo de sua devoção amical: “Comprei ontem esta máquina de escrever. Resolvi estrear escrevendo para você. (...) Estou para responder a mais de não sei quanto tempo 8 cartas mas mesmo assim resolvi escrever a você

²⁷ CP/MA, 25.1.40. Arquivo IEB: CO-5828. Carta inédita.

²⁸ CP/MA, 2.10.44. Arquivo IEB: CO-5856. Carta inédita.

estreando esta máquina”²⁹; “Acabo de receber sua carta e estou com uma bruta saudade de você”³⁰.

Envolvidos de maneira intensa nas questões um do outro, Portinari e Mário de Andrade foram amigos até o fim. Mais do que compartilhar segredos e afinidades, depositaram um no outro uma confiança ilimitada. Como chega a declarar Portinari em carta ao amigo:

(...) Mário velho quando começo a conversar com você não acho jeito de parar. Você é o meu confessor – qualquer coisa que me acontece de bem ou de mal imediatamente me vem a lembrança de escrever para você.³¹

Como *confessor* de Portinari, Mário irá conviver com as idiossincrasias do amigo: “Nunca pensei ser tão importante”³², comenta Portinari sobre sua exposição no Museu Nacional de Belas-Artes ter sido vista por mais de 25 mil pessoas; sobre a “dificuldade” que tem para escrever cartas: “Fico irritado por não poder dizer direito o que eu quero. Cada vez que escrevo a v. a primeira idéia é dar um pulo aí e dizer.”³³; “Sou muito burro não sei me esprestar escrevendo”³⁴; sobre sua insatisfação com os murais realizados sob constante intervenção e palpites para o Ministério da Educação: “Talvez os murais sejam para sujeitos mais fortes – gente que as opiniões dos outros em nada influem.”³⁵; e na volta dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro, em 41: “Ainda não vi ninguém da turma. A maioria está pensando que estou rico e pretencioso mas na realidade estou mais desiludido. Dou graças a Deus por ter ainda uma grande paixão pela pintura”³⁶. O papel de *confessor* se inverte algumas vezes, em um movimento típico das trocas epistolográficas, como nos recorda FOUCAULT:

²⁹ CP/MA, 25.1.36. Arquivo IEB: CO-5812. Carta inédita.

³⁰ CP/MA, NY, 1940. Arquivo IEB: CO-5831. Carta inédita.

³¹ CP/MA, 4.8.36. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

³² CP/MA, s/d. Arquivo IEB: CO-5789. Carta inédita.

³³ CP/MA, s/d. Arquivo IEB: CO-5798. Carta inédita.

³⁴ CP/MA, 11.1.41. Arquivo IEB: CO-5833. Carta inédita.

³⁵ CP/MA, 17.12.43. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

³⁶ CP/MA, 1941. Arquivo IEB: CO-5837. Carta inédita.

Mas ocorre também que a assistência espiritual prestada por aquele que escreve ao seu correspondente lhe seja devolvida na forma de “retribuição do conselho”; à medida que aquele que é orientado progride, ele se torna mais capaz de dar por sua vez conselhos, exortações, consolos àquele que tentou ajudá-lo: a orientação não permanece por muito tempo em um sentido único; ela serve de enquadre para mudanças que a ajudam a se tornar mais igualitária. (2004:155)

Como quando Mário é destituído da direção do Departamento de Cultura, com a instauração do Estado Novo:

Fiquei contente com a presença de sua carta. Tenho sofrido bastante e o carinho dos amigos verdadeiros é necessário em tempo assim. Ah, que vontade de largar tudo, ir-me embora desta terra que não me quer!...³⁷

Ou quando, sofrendo uma série de doenças que ‘lhe tiram um ano de vida’, desabafa com o amigo:

(...) Não estou disposto a aguentar uma vida burra cheia de restrições. Não fui feito para economizar a minha vida, você já bem que sabe disso, (...). Já estou com os nervos esgotados e não aguento mais este suplício.³⁸

Além da *assistência espiritual* em um momento de dificuldade, a carta torna o amigo *presente* fisicamente, *reativando* as forças do destinatário, *armando-o* contra o desgosto. Dessa forma, unidos pela *amizade verdadeira*, “cada um dos dois será para o outro permanente socorro, a inesgotável ajuda”. (FOUCAULT, 2004:155)

2.1.3 A amizade é um amor que nunca morre

A amizade entre Mário e Portinari será posta à prova, porém, no episódio da Editorial Losada. Apesar de aceitar – com entusiasmo – a encomenda dessa editora de Buenos Aires para escrever uma monografia de oito mil palavras sobre o pintor, em novembro de 42, a qual prevê entregar no final de dezembro, o contexto em que o trabalho é realizado

³⁷ MA/CP, 23.5.38, pp. 62-63.

³⁸ MA/CP, 20.3.44, p. 131.

é de grande incômodo para Mário. Ressentido com o amigo, Mário enfrentará sua mágoa para escrever com isenção sobre o “criador genial” que tanto admira. Mas seu incômodo acabará se refletindo no resultado final do escrito...

Vale a pena dedicar algumas páginas desta tese para acompanhar o *hipertexto* epistolar deste que será o último trabalho conjunto de Mário e Portinari – compartilhado pelo escritor com diversos correspondentes do período, como Newton de Freitas, Guilherme Figueiredo, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Miranda e Henriqueta Lisboa. Através dessa *teia* confirmamos o imenso respeito que o escritor nutria pelo Portinari artista, pelo homem Portinari e pela amizade que os unia há mais de uma década.



A primeira carta de Mário a Portinari sobre o convite de Guillermo de Torre é de 3.11.42:

Portinari meu velho³⁹

Acabo de receber da Editorial Losada, de Buenos Aires, o convite para escrever uma monografia de umas 8 mil palavras sobre você, que terá mais 32 reproduções fotográficas de quadros de você e mais uma reprodução em cores.

Estou com vontade de aceitar, (...).

Si a coisa ficar combinada mandarei a você uma carta com algumas perguntas ou irei pessoalmente ao Rio saber de você o que preciso pra que o escrito saia de seu gosto também.

Mais um abraço do
Mário

Portinari fica empolgado com o projeto, e responde em seguida:

Caro Mário⁴⁰

Estou contente em saber que Losada pediu a você a monografia; por dois motivos 1º porque é feito por v., 2º

³⁹ MA/CP – 3.11.42, p. 112.

⁴⁰ CP/MA – 1942. Nov. Arquivo IEB: CO-5788. Carta inédita.

porque eles imprimem muito bem. Andei escolhendo já as fotografias em grosso mandarei para você peneirar.

Abraços do velho
Portinari

Logo depois, Mário acusa o recebimento das fotografias enviadas por Portinari:

Portinari⁴¹

Estou recebendo as fotografias, mas puxa! nem uma palavrinha! Responda logo à informação que lhe pedi sobre a existência de quadro seu em Buenos Aires pra eu poder escrever respondendo convite pra escrever o livro sobre você. Tem urgência.

(...) guarde este abraço enorme do
Mário

Mário também dá notícias do trabalho a Murilo Miranda, o qual planeja entregar rapidamente:

Murilo,⁴²

(...) Ajuntei as minhas notas sobre Portinari. A Editorial Losada, de Buenos Aires, acaba de me encomendar uma monografia sobre Mestre Candinho, que aceitei com mucho gusto, está claro. Me compram apenas a propriedade em castelhano do meu estudo que terá pra oito mil palavras. Enfim, um ensaio mais ou menos do tamanho do capítulo sobre “Arte Inglesa”, com 32 fotos e uma reprodução em cores. Até fim de dezembro boto a coisa pronta pra mandar pra Buenos Aires. Não vai ser difícil e mais ou menos repetirei minhas idéias sobre o baita. Dê notícia no *Diário de Notícias*. (...)

Mário

Mário também escreve para o amigo Newton Freitas, escritor brasileiro radicado em Buenos Aires, a quem atribui sua recomendação ao editor argentino, pedindo-lhe que confirme com este o aceite da encomenda:

Newton de verdade⁴³

Recebi da Editorial Losada, estou vendo a mão de você nisso, um convite para escrever um livro sobre Portinari, daquelas monografias pequenas mas ótimas que essa casa faz. Mas estava doente, de cama, e não sei si a criada

⁴¹ MA/CP – 9.11.42, p. 113.

⁴² MA/MM, 13.11.42, p. 132.

⁴³ MA/NF, 9.12.42, pp. 103-104.

varreu a carta ou algum vento. Sei que quando campeeí ela para responder, não houve meios de achar. Bem, assim mesmo escrevi ao Guillermo de Torre, da Editorial, a carta que copio para você se inteirar, ida por avião, mas de que até agora não recebi resposta. “Caro amigo Guillermo de Torre. Não lhe respondi imediatamente a sua carta me convidando para escrever para essa Editorial um estudo sobre o pintor Candido Portinari, porque estive bastante doente por todo esse tempo, e de cama. (...) Aceito com muito prazer escrever o estudo proposto. Candido Portinari é uma das minhas grandes admirações nacionais e me é sempre grato escrever sobre ele. Si não me engano a proposta que você me fazia era para um estudo de umas oito mil palavras mais ou menos, com trinta e duas reproduções fotográficas e uma tricomia. Desejava mais os seguintes esclarecimentos:

1 – data de entrega de meus originais em português, para serem traduzidos aí para o espanhol (posso entregar o estudo num máximo de dois meses após o recebimento de sua resposta a esta carta).

2- Si fico com a propriedade do meu trabalho, menos para a língua espanhola, que será propriedade da Editorial Losada S.A.

3 – Como será feita a reprodução a cores: si aí em Buenos Aires e de que maneira.

4 – Si para as 32 reproduções fotográficas, poderei enviar além de quadros (fotografias está claro), fotografias de alguns desenhos e gravuras de artistas.

Saudações etc. Mas puxa, como eu ainda estava burro da doença. (Esperemos que só da doença) Mas você viu que redação a da última frase!

Bem: minha aspiração é você telefonar ao Guillemos de Torre e perguntar si ele recebeu minha carta. Si não, mandar cópia do que aqui vai.

Carta acabou e também acabei. Um grande carinho para vocês dois, de
(M e traço)

Os problemas de saúde de Mário de Andrade começaram em setembro de 42, como relata em carta a Portinari:

Portinari⁴⁴

Estou querendo lhe escrever desde que cheguei contando porque não apareci mais naqueles dias de Rio. A razão é a mesma que demorou este recado: doença. (...) Cheguei aqui e essa tem sido a minha vida: a maior parte do tempo com dores internas esquisitas, mas um tal mal-estar que só na cama me sinto bem. Está pau. (...)

⁴⁴ MA/CP, 28.9.42, pp. 108-109.

E é só por hoje. Aliás estou me sentindo melhor hoje, quem sabe si é o princípio da cura?

A notícia também é dada a Henriqueta Lisboa⁴⁵ – “No princípio de setembro não aguentei mais, caí de cama.” – e a Newton Freitas⁴⁶ – “Newton querido/faz tempo que te abandonei. ‘É doença! é doença!’ como diria o monstro.”

Voltando a novembro, no dia 13 Mário comunica a Portinari que oficializou, junto a Guillermo de Torre, o aceite do trabalho:

Portinari⁴⁷

Às pressas. Acabo de escrever prà Losada aceitando fazer a monografia e perguntando como fariam a tricomia. Em todo caso a idéia de você de fazer uma têmpera especial para isso não é nada má. Mas aguardemos primeiro a resposta dos homens.

(...) guarde este abraço enorme do
Mário

Sem conseguir cumprir – por motivo de saúde – o prazo que se impôs –, em começos de dezembro Mário confia a Murilo Miranda que “ia escrever a monografia argentina sobre o Portinari mas deixei pro mês que vem”⁴⁸. Mário inicia 1943 a todo vapor, como se deduz da carta de 2 de janeiro, onde detalha a seleção de fotos que fez para acompanhar o estudo e solicita dados biográficos do amigo:

Portinari⁴⁹

Recebi uma carta da Argentina, me dizendo que a Editorial Losada já tinha respondido a minha carta sobre esclarecimentos para edição da monografia sobre você. (...) Portanto principiei hoje a trabalhar no meu escrito. Até o fim do mês estará pronto.

Lhe mando aqui junto a primeira seleção de fotos que fiz para os clichês. (...) Francamente levei várias horas estes dias escolhendo esta seleção.

Também queria, si possível, que você me escrevesse alguma coisa sobre o que você desejaria que eu dissesse no meu escrito. Com a maior liberdade e confiança amiga,

⁴⁵ MA/HL, s/d, p. 107.

⁴⁶ MA/NF, 14.9.42, p. 101.

⁴⁷ MA/CP, 13.11.42, pp. 113-114.

⁴⁸ MA/MM, 9.12.42, p. 138.

⁴⁹ MA/CP, 2.1.43, pp. 115-120.

está claro, pois me reservo a mesma liberdade pra aceitar ou não as suas sugestões.

Lembrança pra todos e venha de lá esse abraço forte e amigo pra durar todo este ano de 1943.

Mário

Portinari demora a responder, aparentemente devido à mudança para o bairro do Cosme Velho. Na missiva, sugere temas e obras para o amigo, além de falar de seus novos trabalhos:

Caro Mário⁵⁰

Só estou escrevendo hoje porque recebi agora as fotografias dos quadros que estavam faltando.

Acho boa a escolha que v. fez, apenas sugiro duas mudanças em vez da composição (Col. Monseu), um espantalho o do museu de Arte Moderna ou outro qualquer. Em vez de cavalo marinho com paisagem o tintureiro ambos da radio Tupy.

Creio que esses dois temas: espantalho e tintureiro são importantes na minha pintura.

Eu gostaria que v. visse as últimas coisas, pois o colorido é inteiramente novo na minha pintura.

(...) Seria interessante se se pudesse botar o dobro de fotografias no álbum, pois há dois tipos de pintor um que faz 20 quadros numa tela e outro que faz um quadro em 20 telas (estou neste caso). Além disso tenho pintado muito, poucos pintores já têm o número de trabalho que tenho. Talvez em cada clichê dois quadro que v. acha?

Abraços do seu Portinari

Ao longo de janeiro, fevereiro e março de 1943, Mário de Andrade dará andamento a outros trabalhos, como relata a Murilo Mendes: “Tenho trabalhado enormemente mas com grande dificuldade”⁵¹.

Apenas em abril retomará o contato com Portinari, Newton e Murilo. A ausência de notícias se dará por uma série de “doenças, doencinhas, doenções, mistérios e médicos boquiabertos” que desde janeiro deixam Mário como “um cadáver de teatro, magro, pálido, verde, cumprido”, e o impedem de, novamente, cumprir o prazo,

⁵⁰ CP/MA, Jan. 1943. Arquivo IEB: CO-5790. Carta inédita.

⁵¹ MA/MM, 22.1.43, pp-137-138.

como relata em carta ao segundo, na qual também pede ao amigo que interfira junto a Guillermo de Torre, sugerindo que talvez seja melhor abandonar o projeto caso sua saúde não se restabeleça:

(...) Tive que abandonar todo e qualquer trabalho e até agora estou nisto, vivendo mais na cama que de-pé. A única coisa que tenho feito nestes três meses, é de vez em quando, numa esteada como a de hoje, escrever algumas cartas. (...) Com isto, pois si até os meus trabalhos pro Serviço do Patrimônio abandonei, a monografia sobre Portinari ainda não foi escrita e não posso garantir nada quando o será. O que eu queria é que você comunicasse isso pessoalmente ao Guillermo de Torre, porque V. que é meu amigo sabe que não estou mentindo nem querendo fugir com o corpo à combinação. Não sei, mas estou com muita esperança agora de melhorar, é coisa que bateu no instinto. Por todo maio verei como param as coisas e si de-fato a saúde está voltando. Si estiver, até junho ou mais tardar, enviarei o escrito à Editorial Losada. Mas, si vir que não há esperanças de melhoras legítimas que me permitam escrever, desistirei do convite. Palavra que estou, ficarei muito triste si tiver que desistir, Newton, mas não poderei fazer outra coisa si continuar no estado em que venho vivendo. Que é de miséria biológica total, só chamando assim: corpo bastante doente, espírito que não quer reagir.

(...) Mas vamos pensar com maior alegria, seu Newton.

Com o abraço fraterno do
(M e traço)⁵²

Ao final de abril, Mário comunica a Portinari que planeja uma viagem ao Rio, quando poderão trabalhar juntos na monografia:

Portinari querido⁵³

Estou passando bem, mais animado e com aparência cômoda pros amigos – não pareço doente. Estarei no Rio pelo dia 5.

Em maio pretendo escrever o estudo sobre você pra Argentina e nesses dias de Rio precisarei trabalhar um bocado com você. Eu queria sobretudo que você pedisse a Maria ou ao seu irmão que organizasse aí uma coleção o mais completa possível de fotografias de suas obras, desde as mais antigas até as mais recentes, *por ordem cronológica*. Não é pra mim não, o que eu preciso pra Argentina já tenho aqui. É pra estudar aí mesmo, junto com você, pra determinar mais ou menos as fases de evolução

⁵² MA/NF, 9.4.43, pp. 106-107.

⁵³ MA/CP, 28.4.43, p. 123.

da sua pintura. Só isso, mas si for possível me arranjam isso pra logo quando eu chegar, é ouro sobre azul.

Bem até breve. Estou muito contente de ir ver vocês todos aí no Cosme Velho. Muito obrigado pela sua oferta de hospedagem, mas não aceito. O hotel me dá mais facilidade de locomoção e mexe-mexe de amigos.

Um abraço do
Mário

No mesmo dia, Mário informa Murilo Miranda da viagem:

Murilo⁵⁴

Até hesitei em lhe mandar esta contando que chego aí dia 5, pelo 3º avião da Vasp. Mas você veja si guarda segredo (...).

Aliás, pretendo ver pouca gente porque tenho muito o que fazer desta vez, no Serviço e com o Portinari por causa do estudo pra Argentina. (...)

E é só por hoje. Estou contente de ir abraçar você com Yeda.

Mário

Mário se encontra com Portinari, em “uns seis dias que passei agora no Rio”⁵⁵. De volta a São Paulo, em 17 de maio, o trabalho é mais uma vez interrompido:

Meu querido Portinari⁵⁶

Enfim vou trabalhando na organização da monografia prà Argentina. Ainda não principiei a escrever nada, mas é por causa da doença. Cheguei daí e o fígado estava reclamando demais, tive dores horríveis.

Acabei organizando a lista definitiva das reproduções para a monografia. Aceitei todas as suas sugestões, (...).

Bom, meu velho, me mande logo as fotografias pedidas. Creio que por estes dias, com dor de cabeça mesmo, vou principiar o escrito prà Argentina. Que Deus me ilumine. (...).

Com o abraço mais fiel do
Mário

⁵⁴ MA/MM, 28.4.43, p. 142.

⁵⁵ MA/HL, 19.5.43, p. 127.

⁵⁶ MA/CP, 25.5.43, pp. 123-125.

Porém, três semanas depois comunica a Portinari que irá, por recomendação médica, para a fazenda do tio descansar:

Portinari⁵⁷

Só um avisinho. Parto domingo prà chakra do meu tio com prescrição médica de descanso absoluto. Só na volta retomarei duro o trabalho sobre você prà Argentina. Recebi um convite pra falar na sua exposição, bem que queria, mas é impossível. Estou bem melhor já, mas não posso trabalhar muito com esta cabeça, qualquer trabalho de duas horas me deixa exausto e com dores horríveis de cabeça. (...) Estarei de volta a S. Paulo de 12 a 15 de julho. O abraço mais amigo do

Mário

No mesmo dia, pede a Newton Freitas que comunique mais esse atraso a Guillermo de Torre e proponha uma nova data de entrega para “fins de agosto”:

Meu querido Newton,⁵⁸

Guardei este pedacinho de manhã, entre exames, para lhe escrever, mas amanheci passando bem mal, abatido, com umas dores-de-cabeça estranhas.

(...) Agora parto pra uma fazenda, vinte dias de descanso absoluto, quer o médico (...).

Estou envergonhado é com o [trabalho] de Torre e a Editorial Losada. Tenho já muitas notas para a monografia Portinari, e todas as fotos já determinadas de combinação com ele. Creio que foram bem escolhidas. Só me desagrada botar o meu retrato, fica vaidoso. Mas o Portinari faz questão, porque considera a melhor obra dele como retrato. E cá pra nós, eu também. Dia 15 de junho estarei de volta na certa em vinte dias a monografia estará pronta. Até fins de agosto tudo estará em Buenos Aires. Você quer me fazer o favor de avisar isso ao Guillermo de Torre e perguntar si ainda vai com tempo.

(...) E é só por hoje, estou com medo de escrever mais. (...) Mas a carta próxima não falará de doença mais, lhe garanto. Bem, meu Newton, aqui o melhor dos abraços e a saudade de

(M e traço em lápis vermelho)

Passados mais de dois meses sem notícias, em 22 de agosto Portinari escreve a Mário:

⁵⁷ MA/CP, 17.6.43, pp. 127.

⁵⁸ MA/NF, 17.6.43, pp. 108-109.

Caro Mário⁵⁹

Há tempos mandei uma carta, mas não sei se você a recebeu. Eu perguntava se v. ainda queria as mesmas fotografias que havia pedido. Talvez v. queria usar outras que não figurem no meu livro de capa azul.

Temos projeto de ir a Brodowski dentro de uns 10 ou 15 dias – Estou muito cansado de tudo.

Todos mandam lembranças para sra. sua mãe e para v. abraços do seu velho Portinari

A carta de Mário para Henriqueta Lisboa nos esclarece o motivo do ‘sumiço’:

HENRIQUETA:⁶⁰

Me nasceu de-repente uma vontade de lhe escrever, de ter você aqui a meu lado, de lhe pedir que me tire esta dor-de-cabeça, lhe chamando de irmãzinha. Pelo amor de Deus, Irmanzinha, me tira esta dor-de-cabeça que eu não agüento mais!...

Pois é, minha irmã, como há-de-ser! Estive no Rio, consultei o Pedro Nava e agora vou principiar um tratamento novo. (...)

Bem, mas e o que foi que eu fiz de meu neste mês e meio de trabalho com dor-de-cabeça? Absolutamente nada de nada. Queria tentar uma redação nova do “Café” pra unificar num escrito só a corrente e três partes em que está disperso, nem sonhar. Tenho uns contos pra consertar, nem sonhar. Tenho a monografia sobre Portinari pra Argentina que estão reclamando de lá, resolvi agora montar friamente nos meus escritos sobre ele e me plagiar, em vez de fazer coisa nova – pra ver si este mês. Tenho... tanta coisa, meu Deus! e tanta coisa pra ler que não leio...

Estou cansado, vou acabar assim no ar. (...) Esta eu não releio, nem vale a pena. O vosso
MARIO

A resposta a Portinari só seguirá em 17 de setembro. Mário comenta brevemente o seu estado de saúde e passa a falar de trabalho:

Meu caro Portinari⁶¹

Andei numa vida dos diabos e cheguei aqui, caí doente. Só ontem me levantei da cama e principiei trabalhando mais sistematicamente. (...).

⁵⁹ CP/MA, 22.8.43. Arquivo IEB: CO-5791. Carta inédita.

⁶⁰ MA/HL, 12.9.43, pp. 131,134.

⁶¹ MA/CP, 17.9.43, pp. 128-129.

Aqui lhe mando enfim a lista definitiva dos quadros que serão reproduzidos na monografia argentina. Agora acho que está bem.

Com o abraço do
Mário

Portinari também está enfrentando problemas de saúde, só que de sua mulher. Viaja a São Paulo mas não se encontra com Mário:

Caro Mário

Sinto não ter visto você quando passamos por São Paulo.

Maria foi operada de apendicite. Minha vida nestes últimos tempos tem sido cheia de contratempos.

Espero que você esteja melhor. (...)

Lembranças para sra. sua mãe. Abraços do velho
Portinari

Em meados de outubro, Mário continua se queixando da doença com Newton Freitas, e ainda sem produzir uma linha do estudo:

Meu querido Newton Freitas⁶²

Faz bastante tempo que já não escrevo, você me perdoe. É tudo sempre questão de doença, doença... (...) Quanto ao livro sobre Portinari, aí para o Guillermo de Torre, quando estiver com ele diga a ele que está em vias de organização. Já tomei muitas notas, mas, a bem dizer, ainda não escrevi nada. Mas, ao primeiro retorno da saúde, tudo será feito. Minha esperança é poder enviá-lo a você pelo mês de dezembro, se-Deus-quiser.

E não tenho nada mais a lhe dizer. Lembranças a Lídia e vá torcendo por este seu muito amigo,
(M e traço a tinta)

Somente em 24.11 Mário dará retorno a Pedro Nava do tratamento prescrito pelo amigo e médico quando de sua ida ao Rio, em maio:

Meu caro Nava⁶³

Está tudo prodigiosamente incômodo, mas chegou, acaba de chegar a "Mesa" e eu me prometi que assim que ela chegasse lhe escreveria. Também lhe agradeço o carinho

⁶² MA/NF, 14.10.43, pp. 108-109.

⁶³ MA/PN, 24.11.43, pp. 109-111.

do seu telegrama de aniversário. Não me desleixei propriamente do seu tratamento, embora já pudesse ter feito 10 vezes o exame que V. requer. Pra isto faltou apenas o principal, vontade.

[Nota de PN: Durante as visitas de Mário de Andrade ao Rio e depois durante o tempo que ele se demorou na cidade, tive várias vezes a ocasião de examiná-lo. Desde essa época ele era moderadamente hipertenso, mas sujeito a crises hipertensivas com acentuada subida de tensão sistólica. Sem querer alarmá-lo, como ele fosse um tanto descuidado, pessoalmente ou por carta, eu insistia em pedir exames que me dessem conta de seu estado renal e cardíaco. Ele trastejava, adiava e era preciso uma atuação quase indiscreta para ele fazer, afinal, o que se requisitava.]

Mas até isso se explicar. Vim daí tive uma das minhas crises de dor-de-cabeça, fiz o tratamento que você indicou, não adiantou. Andei de cama uns dias e a dor foi embora quando quis. Daí uma manhã, se repetiu uma dor desgraçada que já tivera uma vez antes de ir pro Rio e a que não prestara atenção por não ter deixado sinal (eu imaginava). Mas desta vez em três dias fiquei passando tão mal que procurei um especialista. Pra mim é uma (...). Mas o nome é tão comprido e não consegui decorar. Imobilidade, banhos, injeções de sulfamida. Eu naquela fraqueza, não reagia, 12 quilos de menos, tendo até vertigens. Aí meu médico que é também meu amigo não se contentou comigo, pediu conferência com Otacílio Gualberto, especialista, uma sumidade dizem. Intensificou tratamento e também processos de fortalecimento geral deste organismo. Enfim, por fins de outubro principiei melhorando sério. Já estava não estava pra receber alta, quando no domingo atrasado amanheci com dores de "fígado" e de cabeça. De cabeça tinha sempre mas pequenas, passando com um sono, o médico insistindo que era enxaqueca. Mas esta não, era a crise e que vinha com dores de fígado como jamais tive. Na cama, pra virar de lado, eu não gritava só porque enfim fica ridículo gritar. Na terça não agüentei, me ergui assim mesmo e fui ao meu urologista que tinha tratamento com ele e disse besteira à beça. Ele ficou meio tonto e me mandou no dr. Plínio de Lima e pra encurtar: no fim de 20 minutos de conversa este Plínio afirmou que eu tinha era úlcera no duodeno, exigiu radiografia que no dia seguinte acusava sem tirar nem por: úlcera no duodeno. E domingo, 21, entrei pra esta cama e pro leite. O leite só dura 7 dias, depois gradativas pequenas milhoreas de bóia. Mas a cama é um mês no duro.

Adiantará pra cabeça. A dor desta crise continuou até ontem sem parada, dez dias. Desapareceu ali pelas 11 horas e voltou pelas 21, passei a noite com ela. Hoje, muito menos intensa, está se preparando para ir embora, eu sei.

Qualquer novidade lhe aviso. Quer ver as radiografias, posso mandar.

Muito obrigado por tudo e assim que puder irei aí. Com o abraço amigo do
Mário

Um mês e meio depois de ter escrito a Newton Freitas, Mário “joga a toalha” e pede ao amigo que interceda junto à Losada para ser dispensado da encomenda:

Newton querido⁶⁴

Homem, eu até preferia mesmo ser o “ingratalhaço” que você me chamou na carta de hoje, decerto era pelo menos mais cômodo. Mas como não sei por quanto tempo a... alma aguentará estar escrevendo, vamos primeiro aos assuntos. A conversa ficará pra si for possível. (...)

Mas meu problema gravíssimo, que este depende de proteção dum amigo de toda segurança é quanto à monografia sobre o Portinari. Eu precisava, Newton, que me viesse aí da casa que me encomendou isso, uma carta dizendo que tendo eu ultrapassado todas as datas de prazo pra entrega do meu trabalho, a casa desistia da minha colaboração. A realidade no duro é a seguinte: 1º - eu não poderia fazer esse trabalho tão cedo, devido à saúde e compromissos, a não ser que fizesse um trabalho matado, indigno de todos nós; 2º - mas pelas circunstâncias de intriga e infâmia da Santa Família artística daqui, assim como pelos laços de amizade que me ligam ao Portinari, eu não posso desistir pessoalmente de fazer a monografia, era um escândalo danado aqui. Com exceção de uns pouquíssimos, uma Tarsila, um Clóvis Graciano, o nosso meio de pintura é infecto, você não imagina. Seria possível, você arranjar isso com o Guillermo de Torre? Si não conseguir ou não lhe convier, me avise, que fico um nada zangado com isso. Acabarei sempre fazendo a monografia, mas quando!... E a editora não deve nem pode ficar esperando indefinidamente, sem data como me obriga a minha situação de saúde atual.

Porque isto é que é a melancolia, meu Newton: eu não estou à morte, nem creio que agrave; mas estou insolúvel! Esta carta já vem se escrevendo em dois arrancos e agora para outra vez pra... esperar a volta da alma. É um desânimo, uma falta de forças morais... Pra uma aura de hora e meia de vitalidade eu tenho às vezes uma semana de abatimento, incapaz de fazer nada. (...)

Paro aqui. Queira dizer meu desgosto ao seu coração amigo mas não tenho paciência mais. Vai nascer um ano novo e este incorrigível otimista se sente animado e acredita que vai ser melhor. Um abraço muito afetuoso pra Lídia e pra você todo o meu coração.

(M e traço em tinta vermelha)

Quase três meses se passaram desde a última carta endereçada a Portinari. Em meados de dezembro de 43, Mário lhe escreve:

⁶⁴ MA/NF, 30.11.43, pp. 109-110.

Portinari⁶⁵

Recebi suas duas cartas, contando a operação de Maria, e a de ontem. Eu estou completamente desanimado. Não sei que olho malfadado bateu nesta vida e me deixou no que estou. Doente, doente, doente desde janeiro, passei um ano inteiro praticamente sem fazer nada. O estudo sobre você que devia ser entregue à editora em fevereiro, até agora não escrevi uma linha! É verdade que tenho muitas notas tomadas, mas quando penso que passei um ano inteiro sem poder trabalhar, sem pôr pra diante nenhum escrito, fico desesperado.

Suas cartas vieram me encontrar de cama outra vez. Agora descobriram a mais, que eu tinha uma úlcera no duodeno, o que a radiografia confirmou. E fui obrigado a reentrar nesta cama, condenado a um mês de imobilidade, imagine, e só passando a leite e poucas coisas mais. (...) Estou muito desanimado da vida e não sei como vai ser isto. Enfim, será o que Deus quiser...

Faça uma visita muito afetuosa a Maria e guarde este abraço fiel do
Mário

O amigo é solidário, e 'desobriga' Mário da execução da encomenda:

Caro Mário⁶⁶

Ficamos tristes em saber que v. continua doente – fazemos votos para que v. fique logo bom.

Não se preocupe com o álbum de B. Aires – a sua saúde é o que mais nos interessa.

Todos mandam muitas lembranças e votos para que você melhore logo. Abraços do seu velho
Portinari

De outubro de 43 a fevereiro de 44, Mário escreverá apenas para Henriqueta Lisboa e Murilo Miranda, para quem está produzindo alguns trabalhos:

MINHA QUERIDA HENRIQUETA:⁶⁷

(...) Mas não posso escrever muito que agora os médicos tomaram conta de mim e não querem. E eu estou obedecendo porque enfim me bateu uma vontade de sarar. (...) Faz mais de um mês que abandonei tudo, me sujeitando a um tratamento intensivo penoso, a que enfim desde meados da semana passada o organismo principiou reagindo.

⁶⁵ MA/CP, 13.12.43, pp. 129-130.

⁶⁶ CP/MA, 17.12.43. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

⁶⁷ CP/MA, 17.12.43. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

Em 15 de novembro:

HENRIQUETA:

Lhe escrevo de chapéu na cabeça que dentro de uma hora tenho exames no Conserva. E de malas prontas que dentro de seis dias vou prà fazenda. Quero ver si morro bem desta vez, não trabalho, não penso (!) nada. Aliás vou melhor. (...)

Não posso mais, só tenho tempo pra voar ao Conservatório. Adeus Henriqueta querida. O abraço fiel do
MARIO

Em 5 de dezembro, as notícias não são boas. A frágil recuperação de Mário sofre novo golpe:

HENRIQUETA:⁶⁸

(...)

Arre, não quero contar em pormenor o que está me sucedendo agora. Mais doença, Henriqueta, mais doença que veio atrapalhar tudo. Agora é uma úlcera no duodeno na batata e este regime de imobilidade na cama, leito e leite por um mês! Estou fraquíssimo, você nem imagina, incapaz de nada. Adeus, pro ano que vem. Lá estarei em condições melhores pra lhe escrever sobre o Menino Poeta.

Com o carinho maior do
MARIO

Mas uma nova carta, repleta de otimismo, é enviada ainda em dezembro:

HENRIQUETA:⁶⁹

Hoje não posso escrever pra você, mas (...) quero lhe dar imediatamente a novidade que vai lhe agradar, eu sei, estou muito melhor. Parece que enfim os médicos acertaram mesmo. Sobretudo a cabeça leve é que me anima. Vivo num entusiasmo danado, fazendo grandes preparativos de trabalho pro ano que vem, pois enfim! enfim posso ler, posso escrever sem sacrifício. Me sinto palavra de honra que egoisticamente feliz. A fraqueza ainda é muito grande e creio que vai durar mais tempo com este regime, mas isso não tem importância, o importante era a dor-de-cabeça que vinha desde janeiro e fez perder um ano de vida. E parece que o problema era outro, nem úlcera nem nada, a úlcera era pra atrapalhar e distrair os srs. médicos.

Bom, até janeiro. (...)

E agora um grande abraço muito querido e grato pra você.
MARIO

⁶⁸ MA/HL, 5.12.43, p. 141.

⁶⁹ MA/HL, 27.12.43, p. 142.

O tom também é o mesmo na rápida carta que envia a Pedro Nava, para ‘protestar’ contra o ‘castigo’ sofrido pelo amigo por ter assinado um manifesto contra a ditadura Vargas que lhe rendeu uma aposentadoria precoce, porém breve, do cargo de médico no serviço público. “Eu agora sou do trabalho”⁷⁰ é como Mário se sente no começo de 44.

No dia 20 de janeiro, porém, Mário recusa um pedido de Murilo de uma “edição do Macunaíma”, porque “tenho compromissos com o Portinari que não posso nem quero abandonar”⁷¹. Em 28.1.44, Mário volta a se corresponder com Henriqueta, em uma longa carta onde fala dos trabalhos da poetisa e ensaia confidenciar suas “inquietações e sofrimentos de agora”:

HENRIQUETA:⁷²

(...)

Não quero passar desta folha, não quero. E chegou a hora de deitar, que agora deito virtuosamente à meia-noite e durmo bem. Durmo bem. As forças estão voltando. Trabalho, leio, estudo e na ordem destas coisas me sinto feliz. Queria lhe confidenciar tantas coisas, tantas coisas, clareirinha, mas parece que não é tempo de clareira agora... Talvez numa outra carta eu lhe conte minhas inquietações e sofrimentos de agora. Hoje quero só lhe mandar este abraço fiel do

MÁRIO

Passados dois meses sem notícias, a conversa com Newton de Freitas é retomada em fevereiro de 44. Pelo teor das cartas trocadas com Henriqueta Lisboa, Mário tem se dedicado única e exclusivamente à poesia, deixando de lado todos os demais textos nos quais vinha trabalhando no ano anterior. Seu otimismo e energia são visíveis:

Newton querido,⁷³

Tou cheio de trabalho, mas vou lhe escrever esta rápida.
(...)

Estou francamente muito melhor, enfim a doença foi descoberta e o tratamento acertou, ando até me colorindo.

⁷⁰ MA/PN, 17.1.44, p. 115.

⁷¹ MA/MM, 20.1.44, p. 161.

⁷² MA/HL, 28.1.44, pp. 143-147.

⁷³ MA/NF, 4.2.44, pp. 110-111.

Mas o divino é que a capacidade de estudo e trabalho que voltou integral. (...) Estou trabalhando muito mas de-fato muito longe de Portinari, no momento, pra siquer poder pensar e ter qualquer gosto em escrever sobre ele. Não posso mesmo, estou noutra mundo. (...)

E aqui lhe vai um hiper-super-ultra abraço, como se diz em linguagem de anúncio de cinema barato.

(M e traço)

O entusiasmo também se reflete em uma longa carta a Pedro Nava:

Nava, meu velho⁷⁴

Repare: depois que eu fiz 50 anos, dei pra chamar todo o mundo de "meu velho"... Bom, fiquei com sua carta engasgada, mas agora desengasgo. Aliás não foi pelo convite pra escrever que você me fez, que engasguei. Esse eu recuso, re-recuso e ainda me restam uns restos de pudor pra nunca mais me meter com medicinas, arre!

Tanto mais que eu desconfio que o assunto que você propõe, o estudo do valor analgésico do gemido nunca foi estudado. E justo os livros e artigos que eu li, deviam tratar do assunto, e lembrá-lo. Mas não me lembro de ter lido nada sobre. Acho aliás, que você teve uma grande idéia, mas que só pode mesmo ser desenvolvida e tratada por médico ou gente de enfermagem. Porque requer pesquisa mais atenta e continuada.

Está claro que os mil e um gemidos são um ato reflexo. Psicologicamente, se pode dizer, em princípio, que todo ato reflexo é um desabafo. E logicamente, como um desabafo, um analgésico. Já entrando por William James a dentro, podia se inverter a coisa e estudar até que ponto o gemido é um causador e não uma causa de dor. Nisso talvez eu pudesse entrar com um rabinho (você vai ver como esta palavra está bem aplicada...) um rabinho de experiência própria. Mas o diabo é que o meu secretário procurou por toda a parte e acaba de me dizer que não sabe onde está. Decerto se perdeu, ou destruí e não me lembro mais que destruí. Mas ainda recente, no ano passado, topei com isso num arranjo de gavetas.

É que uma vez, fazem mais de 20 anos fiz uma operação. De (...) por onde o (...) aí de trás tem justíssima aplicação. Quem fez a operação foi o Sales Gomes que logo depois havia de se tornar tão ilustre aqui na profilaxia da lepra. Foi um dos gestos mais sensatos da minha vida. Tive um primeiro ataque, sofri como uma besta uma semana e a coisa passou. Não sei si um ano depois ou menos a coisa veio pela segunda vez. Mas sofri um dia só porque fui num médico ("amigo" por causa do pudor) ele me endereçou ao Sales Gomes, tratei a operação, fui tratar o quarto no hospital, fui pra casa fazer a maleta de roupa, dormi no

⁷⁴ MA/PN, 11.3.44, p. 119-123

hospital e no outro dia, manhãzinha, operação, recomendações pra não comer tais e tais coisas, nem beber, comi, bebi e nunca mais tive nada. Pelo menos com dor. De vez em quando uns (...).

Bem, mas o fato é que até a coisa cicatrizar sofri uma semana e pico de dores horríveis. Naquele tempo eu era literato, você sabe, e me veio na idéia de fazer uma análise proustiana da dor física. Peguei um caderninho de notas, um lápis e escrevi páginas e páginas. Me lembro muito do Sales Gomes, que pegou a história. Riu muito, achou uma graça enorme (desconfio que ele é dos médicos “práticos”) e naturalmente botou tudo na conta do futurismo, porque eu analisara a cor da dor, o som da dor, a velocidade, o calor etc. etc. Essas páginas é que si o meu secretário achasse, lhe mandava. Está claro, era meio pernóstico mas sinceríssimo. Naquele tempo eu não teria e não tinha possibilidades de leitura pra saber que a dor tem sim cor, som, velocidade etc. mas muito mais por sensações similares que por sentimentos mesmos. Mas o importante é que, me estorcendo de dores, não raro gemendo, eu principiei observando até que ponto não era a distração de escrever e de pensar que “distráia” a dor, mas sim a imobilidade. Procurei obter a imobilidade total, até de pensamento, coisa que eu ao máximo consigo por dois ou três segundos. E não havia dúvida: a imobilidade diminuía a dor quase a ponto de a inutilizar por seis, oito minutos. Mas também em compensação quando a possibilidade dessa inutilização se acabava por desgaste do ato permanente de vontade, eu gemia, me agitava e a dor aparecia com uma virulência (é bem o termo) dupli e triplicada: horrível. E na agitação e gemido eu descansava suficientemente as forças psíquicas pra poder de novo ter o ato de vontade, conseguir nova imobilidade e inutilizar a dor. Por novos minutos outra vez. O difícil, o que pra mim foi impossível, era energia ou educação suficiente pra permanecer nesse troca-troca o dia inteiro. Jogava assim algumas horas mas... a alma é frágil, seu mano, o desespero vinha. E então: sedol.

A experiência com sedol foi também curiosa. Aliás única experiência que me amedrontou, quanto a estupefacientes; já passei um carnaval inteiro, cinco dias a cocaína, não me vicie. Álcool quando quis largar, larguei. Mas largar o sedol que eu usara apenas esses dias de dor, uma o máximo de duas injeções por dia, foi a maior luta moral que eu já tive. Minha cama aqui no quarto é encostada na parede. Eu dava socos na parede até os nós dos dedos sangrarem pra substituir a vontade por uma dor mais imediata. Venci. De vícios, o único que me venceu foi o fumo. Estou fumando outra vez e quando o médico da úlcera pergunta, eu minto: Não Sr. Não fumo. E fumo quase como dantes. Mas o sedol, não sei si foi a mocidade, a vontade de ainda viver bastante, ou os reflexos ainda próximos da religião, sei que venci.

Também as reações da morfina em mim, não sei si com todos é a mesma coisa. Eu tomava a injeção e a dor ficava ali mesmo, não acabava nem diminuía a intensidade. Só que era como si não fosse em mim. Doía mas não me maltratava. É assim mesmo com todos?

Pois é, chega de escrever. Eu acho, francamente, acho que esse caso dos atos reflexos da dor, gemido, gesticulação etc. seriam objeto, bem pesquisado, de uma comunicação interessantíssima e importante que você, que teve a idéia, e não escreve na “literatura” dos médicos, devia bem fazer.

Eu, quanto a saúde, vou te visitar si acaso a Semana Santa você estiver no Rio. Chegou a hora da onça beber água, que terminei os três meses de dieta (primeira) e devo fazer nova radiografia. Me pegou um medo que desde dia 1 tenho que ir no médico, ainda não fui e não sei si vou antes de Rio. Estou muito cético a respeito do meu caso úlcera. Da dor-de-cabeça sarei com o tratamento de sangue. Vinha disso, é inconstestável. Dois dias depois da 1ª injeção a cabeça aliviou. E agora quando dói é excesso de trabalho, cefaspirina cura em três tempos. Mas está provado que eu jamais farei a dieta necessária pra abrandar as fúrias duma úlcera. Até agora consegui que ela não doa, não dói, vivo bem. Mas fumo bastante, e si não bebo, de repente, não resisto a um prato bom e mando a vida à merda. Preciso viver ainda cinco anos. Si ainda como vai eu chegar lá, muito que bem. Mas basta, não quero viver mais. Já estou meio desiludido dos homens e sinto que vivi demais. E ciao, com o abraço mais amigo do
Mário

A ausência de notícias de Mário, cuja última carta fora enviada em 13.12.43, preocupa Portinari. Retirado na casa de amigos em Petrópolis desde o início do ano, para aonde foi com Maria, recuperando-se de uma cirurgia, e o filho João Candido, de uma forte gripe, o pintor escreve para Mário em março de 44:

Caro Mário⁷⁵

Estou estranhando por você não responder minha carta; mandei-a registrada. Espero que não seja por doença e nem por coisa de importância. Estou aqui em Petrópolis esperando que João Candido e Maria acabem de convalescer. Maria, como já lhe escrevi, foi operada de apendicite e no dia que voltou pra casa João Candido caiu de cama pregando um grande susto na gente por não se saber, durante 4 dias, a moléstia.

Com tudo isso não deixei de trabalhar o que é ainda, nessa época apavorante, a única contribuição que posso dar.

Virá um mundo melhor? Esperemos que sim – é a resposta que desejo para meu filho e para os meus semelhantes.

Todos mandam lembranças para a sra. sua mãe. Abraços do velho

Portinari

⁷⁵ CP/MA, 13.3.44. Arquivo IEB: CO-5805 (ou 5813). Carta inédita.

A resposta segue uma semana depois. O tom otimista e fraternal prevalecem, e Mário se abre um pouco mais sobre os sérios problemas de saúde enfrentados nos últimos meses, dos quais Portinari sempre recebeu notícias esparsas:

Meu querido Portinari⁷⁶

Recebi sua carta ontem, não hoje, estou me enganando. (...) Aliás, tenho vivido pensando em você e com curiosidade de ver as suas coisas novas.

Você duns tempos pra cá tem aguentado duro com os contratempos de saúde de Maria e do João Candido. Mas não há de ser nada e ao menos, si isso não dá pra consolo, ao menos se conforte com este seu amigo. Não conte absolutamente a ninguém, não vale a pena, mas si milhorei muito de aspecto e estou bem mais forte, a verdade é que nada se resolveu até agora. Voltaram as dores, ainda não muito intensas e tenho podido sempre trabalhar de janeiro pra cá, mas o fato é que voltaram. As da úlcera e bem menos as de cabeça, felizmente. E por isso vou principiar talvez nesta semana mesmo um rosário de operações. Agora faço a extirpação das amígdalas, coisa que não tem importância nas crianças, mas que na minha idade requer cuidados, hospitalização e outras chateações. (...)

Bom, basta de melancolias. Tenho muito o que conversar com você, mas não faço agora. Creio que irei no Rio assim que possa. Si puder, já pela Semana Santa e procurarei você em Petrópolis. Mas não sei mais nada. (...) Em todo caso, espero em Deus que breve nos encontraremos.

Lembrança afetuosa para Maria e João Candido. Com um abraço fiel do
Mário

Portinari responde prontamente:

Sua carta foi motivo de alegria aqui em casa. Há muito não tínhamos notícias. Ao ler o que você dizia, porém ficamos apreensivos sobre sua saúde fazemos votos que você fique bom logo. Eu também tenho estado meio vago de saúde não vou a médico porque eles têm a mania de complicar tudo.

O Zé me escreveu contando o negócio do álbum da argentina – Está claro que eu gostaria de ter um álbum publicado escrito por você, mas não quero que você se preocupe com isso.

Todos mandam lembranças para a sra. sua mãe e para você. Do velho
Portinari⁷⁷

⁷⁶ MA/CP, 20.3.44, pp. 130-132.

⁷⁷ CP/MA, 26.3.44. Arquivo IEB: CO-5804. Carta inédita.

O otimismo de Mário, entretanto, é aparente. Dois dias depois da carta que enviou a Portinari, endereçou outra a Carlos Drummond de Andrade. A “carta-testamento escrita por Mário de Andrade em 22.3.1944” está publicada por Oneyda Alvarenga no seu *Mário de Andrade, um pouco*.

Carlos,⁷⁸

Essa história de operação, sempre é perigoso e eu costumo pensar que pertence à dignidade humana contar sempre com a morte. Por isso lhe escrevo esta carta rápida, apenas para orientar você sobre meus desejos e intenções, a respeito exclusivamente das coisas desta terra.

Nela, Mário dá orientações ao poeta das “últimas vontades” do escritor quanto ao seu vasto, eclético e valioso espólio, caso viesse a falecer em decorrência da operação. Tendo marcado a própria morte para os 51 anos – numa “divinação assustadora”, como comentou Oneyda –, Mário não queria ser pego de surpresa.

Passados poucos dias da cirurgia, Mário escreve para Portinari, aparentemente restabelecido, sobre o “caso da Argentina”:

Meu caro Portinari⁷⁹

Aproveito este descanso de Semana Santa pra lhe mandar uma notícia minha. Fiz operação das amígdalas, 4 dias de hospital, nenhuma complicação, mas a história é que as cicatrizes estão me chateando até agora. É só chateação mas dá raiva e impede um trabalho mais feliz.

Quanto ao caso da Argentina está no ar e fica comprido explicar por carta. Quando estivermos juntos lhe contarei o caso como está, em suspenso, sem nada resolvido. Ou si se resolver antes, lhe comunicarei o que houver.

Bom, amigo mio, até breve. Uma lembrança afetuosa pra Maria e que todas as coisas boas sejam pro João Candido.

Com o abraço fiel do
Mário

Apenas na carta que escreve em 16.4.44 para Newton Freitas somos informados por Mário do real “incômodo” que cerca a escrita da monografia sobre Portinari:

⁷⁸ MA/CDA, 22.3.44, in ALVARENGA (1974:31-35).

⁷⁹ MA/CP, 6.4.44, pp. 132-133.

Meu caro Newton,⁸⁰

(...)

A monografia sobre o Portinari, ficou ótima assim no vago. Uns tempos me desgostei do Portinari, foi mesmo um desgosto profundo que não falei a ninguém a razão toda, só um pouco a você e a um amigo meu daqui. Mas a chaga já passou e reprincipiei a compreender, naquele meu princípio de toda a vida, de que os artistas verdadeiros são preliminarmente uns desgraçados, e com isso com uma capacidade enorme pra indignidade. A chaga passou, a marca ficou e em mim fica pra sempre, é uma pequenez minha. Mas faço como as mulheres, passo creme bem branquinho por cima da marca, maquilho a tal e assim ainda dá pra pra viver, e amar e compreender os grandes como o nosso Portinari. E ele além de grande é realmente um homem bom, o que eu prefiro. E também sofre muito – o que eu prefiro ainda mais, o sofrimento dignifica quase sempre. Só não dignifica quando nasce espúrio, dos nossos interesses pessoais. Mas eu creio que até o sofrimento nascido dos delírios da veidade, dignifica. E é muito o caso do meu Portinari. Por isso a coisa fica assim como está. No momento não posso pensar sequer em escrever a monografia, estou atolado no vício dos meus trabalhos de obrigação e no vício dos meus trabalhos de encomenda. Mas quem sabe si nestes três ou quatro meses fico mais desafogado, e posso escrever. (...)

O abraço mais fiel pra vocês dois
(M e traço)

Mas mesmo o “desgosto” causado pelo amigo, aliado à série de doenças ao longo de 1943 – ano que o escritor declarou *não ter vivido* – não o fizeram desistir do trabalho, como reafirma a Portinari em junho de 44:

Meu querido Portinari⁸¹

Não há meios de receber resposta da Editora Losada a respeito do adiamento do trabalho sobre você pra Argentina. Me contaram que o Guillermo de Torre andou adoentado. Mas também pelo Newton Freitas, recebi uma consideração de que a Losada aceitará o meu trabalho quando eu fizer. Vou fazer mesmo, aceitem ou não aceitem. (...)

Estou bem cotado na Argentina, onde estão traduzindo vários escritos meus e arranjarei fácil um editor, si a Losada não quiser. Aliás, queria que você aparecesse de sopetão nesta casa, que havia de ver toda a documentação e trechos novos pro estudo futuro, tudo aqui, tomando toda a primeira gaveta da direita, desta secretária. Em agosto, de agosto a dezembro faço o estudo pra você aprovar e corrigir.

⁸⁰ MA/NF, 16.4.44, pp. 111-113.

⁸¹ MA/CP, 4.6.44, pp. 135-137.

Lembrança pra Maria, Olga e todos daí. Que Deus abençoe o João Candido e este abraço fiel pra você.

Mário

Na resposta de Portinari, em 18 de junho, o pintor manifesta uma ligeira desconfiança em relação à amizade do escritor, logo aplacada pelo conteúdo “100 por cento Mário” de sua carta de 4 de junho:

Caro Mário⁸²

A última carta que v. mandou me encheu de alegria – ela trouxe uma atmosfera 100 por cento Mário.

Fizeram o que puderam para aluir nossa amizade mas não adiantou – tive certeza nessa sua última carta. Eu vivia meio desconfiado – você me conhece bem por isso vou mudar de assunto. [grifos meus]

Fiquei contente de saber que você vai fazer o álbum de Buenos Ayres – Vou mandar mais fotografias.

Você viu o negócio dos cortes nos nossos quadros em Belo Horizonte? Que gente burra. Isso só trará vantagem pra arte moderna.

Você não acha Mário que no campo moderno está havendo muita confusão também? Minha impressão é de que os soldados estão combatendo sem generais. Muito tiro disperso e a maioria contra o próprio pessoal. Todos mandaram lembranças para sra. sua mãe e para você. Do velho
Portinari

No bilhete que escreve para Portinari em 8 de julho, Mário não faz referência à desconfiança do amigo. Uma hipótese é que, ainda não tendo recebido a missiva, esteja respondendo à carta de 26 de março, na qual Portinari fala das doenças de Maria e de João Candido, como demonstra sua preocupação:

Meu querido Portinari⁸³

Hoje não posso escrever, estou ocupadíssimo. Recebi sua carta que me alegrou por ser de você, mas me inquietou. Meu Deus! quando acabarão essas doenças de família que tanto perturbam você! Espero que esse bilhete encontre você mais sossegado e livre de doenças.

⁸² CP/MA, 18.6.44. Arquivo IEB: CO-5803. Carta inédita.

⁸³ MA/CP, 8.7.44, pp.137-138.

Lembranças afetuosas pra Maria, João Candido e todos. O abraço certo do Mário

Sobrecarregado de trabalho, Mário escreve para Murilo enumerando uma lista de tarefas em andamento, e urgentes, dentre os quais “o livro sobre Portinari”:

Murilo⁸⁴

acabo de receber sua carta e respondo já. (...) Quanto à sua proposta, está claro que ela é muito agradável (...), mas veja a minha condição atual:

(...)

II.º – Tenho absolutamente que escrever o livro sobre Portinari pra Argentina, prazo também dezembro, por contrato.

!!!

(...) Como é que vai ser!

Mas como é que é com esse mundão de trabalho! Não recuso mas não aceito *ainda*. (...)

Chega. Lembrança pra Yeda e o abraço do Mário

Na carta seguinte que envia ao pintor, o assunto principal se desloca para a “desconfiança” de Portinari. Mário, apesar da franqueza com que critica seu temperamento num tom raramente utilizado com o amigo, reafirma sua amizade e fidelidade a Portinari. Esta será a única possível manifestação do ‘incômodo’ que veremos nas missivas de Mário:

Caro Portinari⁸⁵

Sua carta me deixou meio preocupado. Você confessa que vivia meio desconfiado de que eu estivesse me afastando de você, e diz mais, textualmente que “Fizeram o que puderam para aluir nossa amizade”. Não sei o que “fizeram” porque a mim não fizeram nada. Um dos caracteres de você, meu amigo, é essa sua fragilidade sentimental com que você dá ouvido a quanta pessoa faz intriga. Está claro que também a mim já vieram me falar mal de você, que você estava falando isto e aquilo de mim. Mas pouco porque já me conhecem e sabem que eu não dou ouvidos a essas coisas. (...) Si por acaso forem fazer intriga comigo, não

⁸⁴ MA/MM, 11.8.44, p. 170-172.

⁸⁵ MA/CP, 19.8.44, pp. 138-141.

acredite, Portinari. O que eu possa comentar da sua obra e dos seus atos, não só jamais seria coisa que eu não pudesse dizer a você pessoalmente, como jamais eu comentaria o que quer que fosse de você com pessoas que não fossem nossos amigos comuns. E nunca com inimigos de você ou indiferentes. (...) *Ora basta você raciocinar um bocado e desapaixonadamente – o que será difícil pro seu temperamento – sobre isso, pra reconhecer que não é possível que só você tenha razão todas as vezes que briga ou se ressentido ou fica indignado. Afinal das contas seria o cúmulo da suficiência você imaginar que só você é direito e todos os outros com quem briga, uns errados [grifos meus].* Felizmente ainda há muita gente boa nesse mundo e eu me orgulho de viver cercado de gente boa. Vamos deixar dessas coisas, meu amigo, que só servem para anuviar, não a inteireza, mas a felicidade da nossa vida comum.

A resposta de Portinari é breve. Prefere resolver o desentendimento pessoalmente, adiando a conversa para a prometida visita de Mário, e logo passa para outros assuntos, como a edição do *Brás Cubas* que fez para os Cem Bibliófilos do Brasil:

Caro Mário⁸⁶

Você veio meio belicoso em sua última carta. Você não me está fazendo justiça. Sei que deixo muito a desejar. Em todo caso já estou taludo para me modificar.

Sei que você disse o que disse por amizade. Mas vamos deixar este assunto para quando v. vier ao Rio. (...)

Abraços do seu velho
Portinari

Com Carlos Drummond de Andrade Mário comenta, em carta enviada em 24.8, que pediu um mês de licença no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo para, entre outros assuntos, finalizar a monografia para a Losada:

Quero ter uns dias livres para acabar com a última encomenda estrangeira de livro, depois não aceito mais, uma monografia sobre Portinari para a Argentina. Aliás vou me repetir, já tenho escrito tanto sobre ele que não terei muito o que dizer por mim.⁸⁷

No último dia de agosto, Mário retoma o assunto da monografia com Portinari, já prevendo sua entrega para

⁸⁶ CP/MA, Ago.44. Arquivo IEB: CO-5795. Carta inédita.

⁸⁷ MA/CDA, 24.8.44, p. 524.

dezembro. Mário aproveita para consultar Portinari sobre um possível remetente na embaixada argentina:

Meu caro Portinari⁸⁸

recebi sua carta que está aqui pra responder hoje sem falta. Mas principiei respondendo e já sem necessidade mais de responder hoje, agora é que estou me lembrando. Estou desorientado. Devia partir de avião para Belo Horizonte, depois de amanhã (...). e agora de tarde me telefonam da Panair que a “minha passagem” tinha sido cancelada. (...)

Tencionava passar pelo Rio na volta... Agora não sei nada do que vai suceder, porque dia 15 eu queria estar de volta aqui pra escrever até o fim do mês o ensaio pra Losada. Já reclamaram de lá e dei o prazo último de mandar o escrito até dezembro. Falar nisso: você conhece alguém na Embaixada Argentina, alguém importante, para se mandar o embrulho na mala da Embaixada? Eu não sou bem visto na censura nacional, (...). Eu não conheço ninguém, mas vai o escrito e as fotografias, podem fazer qualquer malvadeza na censura.

Bom, chega por hoje. (...) Si for ao Rio não deixarei de ir aí ver vocês como sempre. Lembrança afetuosa pra Maria e Deus que abençoe o João Candido. E pra você este abraço amigo do
Mário

Quase dois anos após a encomenda do trabalho, Mário finalmente comunica seu término a Portinari. O resultado, porém, não é do seu agrado. Em uma carta repleta de considerações e explicações, um Mário “cheio de dedos” informa que enviará uma cópia do texto para o pintor aprovar:

Meu querido Portinari⁸⁹

São onze horas da manhã e acabo de terminar enfim o meu estudo sobre você pra Argentina. Lhe confesso que me sinto muito triste, e mesmo abatido. Acho que está muito ruim e imagino que você não vai gostar. Com razão. Trabalhei muito, de verdade, trabalhei sinceramente, foram dois meses em que o único trabalho verdadeiro que fiz, foi esse. Talvez si eu pudesse ter mais tempo, pudesse dormir sobre o escrito e o remodelar inteiramente, ele ficasse melhor, mas não há tempo mais. Já contei pra você que tenho recebido notícias insistentes e um pouco irritadas mesmo, da Argentina, reclamando o meu escrito, que já de muito ultrapassou o tempo dado pelo contrato. Mas foi todo aquele desastre que você sabe: A doença do ano passado que me impediu totalmente qualquer trabalho o ano todo.

⁸⁸ MA/CP, 31.8.44, pp. 141-143.

⁸⁹ MA/CP, 19.10.44, pp. 143-145.

Qualquer trabalho sério, qualquer trabalho de crítica ou criação. Depois, como já o contrato estava quebrado, foi toda aquela dificuldade de cartas e e mais cartas pra saber si a Editorial Losada ainda aceitava ou não, a monografia. Enfim, por agosto, mesmo sem garantia nenhuma de lá, principiei escrevendo assim mesmo, e só faz umas três semanas, recebi finalmente uma carta do diretor editorial, o Guillermo de Torre, aceitando o prazo de fotos e originais entregues até dezembro o mais tardar.

De maneira que eu me vi na contingência de escrever e de acabar já e tenho que mandar. Sei que está muito ruim, mas eu estou atravessando agora uma fase dolorosa de depressão, de angústia moral, de exaltação política, uma inquietação horrível que não me deixa sossego pra trabalhar com mais isenção de ânimo em escritos de crítica, e de estudo. Tudo sai violento, polêmico, irregular, desequilibrado, talvez franco demais. E a monografia sobre você reflete tudo isso. Paciência. Melhor não posso fazer atualmente e você terá que me compreender e me perdoar. Conheço o seu coração. Vou lhe mandar logo, nestes quinze dias o mais tardar, é só tempo de corrigir e tirar cópia, o que escrevi. Você leia, se dizendo "O Mário está sofrendo", e assim creio que você me compreenderá. Mas compreender não significa aceitar, entenda bem. Eu não posso julgar por mim. Mas si você achar que o trabalho não adianta, ou mesmo possa prejudicar você na compreensão dos estrangeiros, mande dizer com *doçura* mas com franqueza. Da mesma forma como si você achar que o trabalho serve assim mesmo, mas você quer que tire alguma coisa, ou acrescente outras, mande dizer com franqueza. Farei como você quiser, tanto maior que não se trata duma crítica propriamente, mas dum trabalho expositivo que deseja explicar a sua obra e a sua personalidade para leitores estrangeiros. (Pelo contrato, o livro só poderá ser publicado em português, depois de cinco anos de publicação em castelhano.) E não pense que sua recusa de publicação vai me prejudicar de qualquer forma. O que eu ganho é mínimo, são duzentos pesos e por certo não foi pensando nisso que aceitei a encomenda, mas pela admiração e amizade que sempre tive por você e sua família. Seja franco pois, diga sem reservas toda a extensão do seu pensamento sobre o trabalho que vou lhe mandar, que isso em nada poderá me doer nem diminuir os sentimentos e a compreensão que eu tenho de você.

Uma lembrança muito afetuosa pra Maria e guarde este abraço do sempre
Mário

O descontentamento com o resultado do trabalho é compartilhado também com Guilherme Figueiredo em três cartas consecutivas, entre outubro e novembro:

Guilherme querido
(...) Este setembro-outubro fiz uma monografia sobre Portinari pra Argentina. Saiu péssimo e foi a primeira vez

que escrevi sobre Portinari sem prazer. [MA/GF, 23.10.44, p. 129]

Guilherme querido

(...) Se serve assim, mande dizer. Farei isso de boa vontade, acredite. Nesse caso não tenho raiva. Como noutros alguns também. Escrevi este ano um estudinho sobre o Clóvis Graciano que acho que é do meu bom. Mas sobre o Portinari saiu porcária grossa, uma vergonha. Enfim... [MA/GF, 5.11.44, p. 133]

Puxa, Guilherme,

Lhe escrevo imediatamente!

(...) Sem nenhuma humildade falsa tudo o que ando fazendo de mais importante, anda saindo muito ruim. O trabalho sobre Portinari prá Argentina está uma moxifinada uma moxifinada muito besta. [MA/GF, 21.11.44, p. 136]

Na resposta de Portinari a Mário em 22.10.44, somos presenteados com um sucinto, porém lúcido resumo que o pintor faz da sua trajetória artística. Em raro tom 'confessional', Portinari se solidariza com o amigo, ao comentar que também passa por um momento de "falta de fé" no seu trabalho:

Caro Mário⁹⁰

Acabei de receber neste instante a carta em que v. diz não achar bom o que fez mas estou certo de que é exigência sua apenas. É resultado da fase que v. está passando.

Fora o lado plástico o que tenho feito não sai da fase que v. está vivendo. Creio ter pintado fotograficamente o mundo que me rodeia – gente pobre com olhos doentes com a cara estragada com o corpo deformado – essa mesma gente se divertindo – se casando e tendo filhos e morrendo.

Algumas dessas pessoas também com alguma saúde – Contrastando fiz gente bonita com pele tratada e bem maquiada com produtos de Rubinstein. Crianças ricas e crianças pobres velhos ricos e velhos pobres. Fiz tudo isso também com algum comentário.

Procurei fazer tudo que via desde menino. Tomei partido em tudo que fiz não na maneira mexicana mas na minha maneira de Brodowski. Acho que um pintor não precisa tomar partido com palavras sobretudo se esse pintor é como eu ignorante mas bastante percebedor pra não dizer besteira. Acho que em Arte ou política o que vale é a ação e não as simpatias de grupo. Sei que não gozo de muita simpatia em certos grupos que deviam ter simpatia. Desde 1939 começaram a fazer um retrato meu bastante falso – dizendo que fiquei rico que fiquei besta que só recebo pessoas que me convêm que vivo favorecido pelos meios

⁹⁰ CP/MA, 22.10.44. Arquivo IEB: CO-5801. Carta inédita.

oficiais e isso tudo é bem mentira. Continuo o mesmo só que com menos fé no que faço e com idéia que estou bem doente, estas duas coisas me perseguem dia e noite. Caro Mário estou desabafando com v. hoje num dia em que estou bem calmo sem estar com raiva de ninguém. Estou enumerando o que tenho feito para me consolar da falta de fé no meu trabalho.

Não foi sua carta que me fez descambar para o lado da confissão – Foi a vontade de ter v. aqui ao meu lado como antigamente e me abrir – tenho sempre medo de fazer isso escrevendo por me sentir incapaz e não ter os braços e minha cara para me ajudar como quando falo.

Não tenho escrito absolutamente a ninguém a não ser a você nestes últimos tempos – nem mesmo à minha família em Brodowski mesmo.

Talvez seja o resultado da época em que estamos vivendo – vivendo como náufragos – que não vê o que está desaparecendo nem o que está para vir.

Abraços do seu velho
Portinari

A resposta é escrita três dias depois. Nela percebemos os laços da amizade se reforçarem novamente. Apesar de descontente com o texto final da monografia, o amigo “100 por cento Mário” faz comentários repletos de vivacidade sobre as considerações de Portinari em sua última missiva:

Meu querido Portinari⁹¹

Acabo, neste instante, de receber sua carta e as fotografias. Que coisas admiráveis, puxa! que força plástica e que drama espiritual. Eu creio que vou mudar bastante a relação das fotografias prà Losada. É impossível não acentuar com fotos numerosas a sua fase presente. Quando tudo estiver pronto consultarei você.

Sua carta chegou na horinha. Hoje mesmo publiquei aqui, na minha seção na *Folha da Manhã*, o que eu chamei “Esboço para um Portinari em Castelhana”. É a parte final do trabalho prà Losada, e procura descrever a sua evolução através das fases principais da sua obra. Publiquei pra fazer experiência, ver o que dizem os nossos amigos, si acham bom ou fraco.

[Nota FABRIS: O texto publicado na *Folha da Manhã* reproduz, com pequenas alterações, as últimas páginas do ensaio para a Losada. Consta de uma descrição da trajetória do artista e de suas principais características técnicas e expressivas. Mário de Andrade lança mão desse

⁹¹ MA/CP, 25.10.44, pp. 145-146.

“balão de ensaio” porque intimamente está muito descontente com o resultado alcançado.]

Mas sua carta me consolou e me reafirmou em mim. Vejo que ela concorda com o que eu penso a respeito das suas fases mais recentes. Eu sei, Portinari, que você sofre a vida como está. Eu sei que você não é nenhum conformista e si você estivesse aqui eu lhe mostrava agora mesmo as diversas passagens do meu trabalho em que eu insisto nisso. E os que não percebem isso e não entendem o sentido humano e profundo da sua obra, é porque têm má vontade, e não querem entender nem perceber. Mas isso, meu querido amigo, você tem que aceitar. Ninguém é forte e de grande valor, sem ter a cachorrada lhe ganindo no calcanhar, inimigos, frouxos ou despeitados. Não se amole com eles e continue na sua obra. Você está certo. Não precisa combater com os mexicanos, não. Combatem, são nobres, também, merecem todo o nosso respeito e entusiasmo. Mas não há dúvida que, na exarcebação do combate, enfraqueceram a qualidade plástica das obras deles que se ressentem de um desequilíbrio forte entre valor plástico e valor espiritual. Não é preciso isso! Não era preciso tanto. E tenho a certeza que você está mais certo, no seu poderoso equilíbrio.

É só por hoje. Dentro duns quinze dias vou lhe mandar o trabalho. E então lhe escreverei outra vez. Lembrança muito afetuosa pra Maria e que Deus abençoe o nosso João Candido. Com o abraço mais amigo do Mário

Ao receber o texto, correspondente à parte final do trabalho, Portinari fica radiante e aguarda ansioso pela primeira parte:

Caro Mário⁹²

Achei estupendo o estudo que você fez – Você me mostrou a mim mesmo. Você penetrou com uma inteligência fabulosa em todas as fases está claro que o seu coração de amigo acompanhou o seu espírito.

Achei tudo muito sério e uma maneira precisa de dizer o que vale a obra plástica e sem cair uma só vez na explicação corrente da pintura.

Os Argentinos vão ficar abafados.

Estou muito contente.

Estou ansioso para ver a outra parte do estudo. Muito obrigado, Mário.

Todos mandam lembranças para a sra. sua mãe e para você.

Abraços do seu velho
Portinari

⁹² CP/MA, 1.11.44. Arquivo IEB: CO-5800. Carta inédita.

Apesar da boa acolhida do amigo, Mário lhe remete o texto completo junto com uma carta repleta de ressalvas:

Meu caro Portinari⁹³

enfim lhe mando junto o trabalho sobre você. Sem dúvida alguma me consolou um pouco a sua opinião sobre o final do trabalho, que lhe mandei. Mas eu também sentia que essa, pelo menos, era a parte menos pior!

Como você verá, procurei reunir o maior número de informações úteis e explicativas sobre você. Daí certas interpretações psicológicas, dados históricos necessários, etc. Também, pelo trabalho de 8 mil palavras que me davam, não pude descrever mais pormenorizadamente certo aspecto da sua obra, e aliás, você não imagina o número de notas que ficaram desaproveitadas aqui.

(...) Talvez um dia, com mais calma e aliviado das angústias de espírito que tanto me perseguem agora, eu refaça este trabalho e o complete, para ser publicado no Brasil. Por enquanto a crise dolorosa que atravesso não me deixa fazer melhor.

Você leia; tudo quanto achar que devo cortar, ou que devo acrescentar, mande dizer com franqueza. Meu único desejo é que o trabalho saia o menos péssimo possível, e pra isso conto com o auxílio de você. Como guardo cópia, basta você indicar pela página o que me aconselha a refazer.

Me lembre afetuosamente a todos os seus e Maria especialmente. Como vai o João Candido? O Lula, outro enorme admirador seu, me contou que ele andava doentinho. Guarde o abraço fiel do
Mário

No dia seguinte, o escritor lhe envia outra carta, onde se percebe a ansiedade pelos comentários do amigo:

Portinari⁹⁴

Só um recadinho. Recebi as fotos novas que você me mandou pelo Néelson Nóbrega. Aliás talvez você já tenha recebido também o meu trabalho, que eu lhe mandei registrado. (...) Aliás, o que mais me irrita em trabalhos como o que eu fiz, é que o próprio gênero deles, não permite a gente se expandir em gritos de admiração, porque fica indiscreto e fora de propósito. Enfim vou ver se digo, mesmo discretamente, o que sinto. É só. Mande logo qualquer opinião sobre o meu trabalho, pra meu governo, a data da entrega está urgindo. (...)

Lembrança pra Maria e todos. O abraço do
Mário

⁹³ MA/CP, 19.11.44, pp. 147-148.

⁹⁴ MA/CP, 20.11.44, p.150.

Portinari acusa o recebimento do estudo em uma carta repleta de gratidão, o que provavelmente aliviou Mário de suas “angústias de espírito”:

Caro Mário⁹⁵

Recebi o estudo que v. fez achei-o admirável. Mas tive que ler 3 vezes para entender – li para 2 amigos da geração nova sem dizer que o estudo era seu. Aconteceu o mesmo – na primeira leitura não entenderam mas depois acharam muito bom. Eles são escultores.

Há pedaços que me sensibilizaram muito.

Há duas coisas que eu gostaria que v. revisse – 1ª sobre os painéis decorativos para casa da família; durante toda minha vida só fiz o tríptico do José Nabuco. Tenho tido sempre muitos pedidos desse gênero mas sempre recusei.

2º O prêmio Carnegie veio antes dos trabalhos do Ministério.

Se eu soubesse me exprimir diria bem o que eu achei do estudo que v. fez – Acho-o um grande bloco contendo tudo. Se ele tem defeito é a sua amizade por mim que leva v. a fazer a defesa das acusações dos meus inimigos. V. me defende de ataques – V. escreve pensando mais em mim como um filho do que como um artista somente. Não tenho meios de me exprimir para dizer o que representa para mim o que v. escreveu não só pelo lado amigo mas pelo lado estímulo. Venha logo ao Rio para podermos conversar. Fico irritado por não poder dizer direito o que eu quero. Cada vez que escrevo a v. a primeira idéia é dar um pulo aí e dizer.

Faz tempo que venho indagando a possibilidade de mandar os estudos sem a intromissão dos asas negras e ainda não encontrei, mas hoje vou falar com pessoa que se quiser pode mandar dizer. (sic)

Todos mandam lembranças para a sra. sua mãe.

Abraços do velho
Portinari

Com o ‘espírito sossegado’, Mário anuncia que fez ele próprio uma primeira revisão do estudo, e que pretende enviá-la a Portinari caso ele ainda não tenha remetido o trabalho para a Editorial Losada:

Portinari⁹⁶

estou recebendo o seu recado e a excelente página do *Times*. Você veja: quando a coisa é ao mesmo de verdade,

⁹⁵ CP/MA, s/d. Arquivo IEB: CO-5798. Carta inédita. Datada pelo Projeto Portinari como de novembro de 1944 [Arquivo Projeto Portinari: CO-5806].

⁹⁶ MA/CP, 30.11.44, pp.150-151.

estilos, espíritos, épocas desaparecem, tudo fica igual. Sempre sustentei essa tese e até me lembro que, na casa de dona Olívia, uma vez, tive uma forte discussão por causa disso.

Engraçado, as coincidências. Vivo ultimamente cheio de coincidências acontecendo em minha vida, (deve ser algum anjo-da-guarda discreto...) e uma delas é essa que hoje mesmo meu secretário acabou a cópia nova, corrigida dos enganos e um bocado mais esclarecida, do trabalho sobre você, me entregou e ainda perguntei comigo: será que o Portinari achou portador? E chega o seu recado. Veja as fotos que escolhi e não mude a ordem da numeração por causa das citações do texto. Acho que a escolha ficou boa. Aliás esta carta não vai junto com o pacote, não deixam no Correio e não quero que nada encrenque desta vez, basta! Vai junto com esta a carta pro Guillermo de Torre, que você juntará ao pacote a ser mandado prà Argentina. (...)

Sua carta me sossega um bocado, mas apenas sosseguei meu espírito, não mudou minha opinião. De fato o trabalho, além do mais! está mesmo um bocado difícil de compreender. Agora... isso palavra que foi um pouco de propósito! O Saia e vários outros amigos meus conhecem minhas “aventuras” intelectuais e minha experiência nisso. Os argentinos têm um refinamento intelectual muito maior que nós, brasileiros. Eu acho que nós somos mais originais como pensamento, ou por outra, mais caracteristicamente nacionais e americanos como maneira de pensar. Mas os argentinos são mais sutis, e tenho provas disso que um dia lhe contarei de boca. Basta por hoje.

Lembranças pra Maria. E o João Candido sarou? Mande visitar.

Com um abraço do seu
Mário

A carta que segue anexa, para ser encaminhada a Guillermo de Torre, também faz ressalvas ao conteúdo do trabalho:

Caro amigo, Guillermo de Torre,⁹⁷

Aqui lhe envio enfim o meu trabalho sobre “Candido Portinari” para a Editorial Losada. As fotografias vão numeradas e creio dizer que devem ficar com a mesma ordem e numeração no volume, porque as cito pelo número no decorrer do meu trabalho. Julguei impossível não reproduzir o último mural que Portinari acaba de fazer este ano, para o Ministério da Educação. Mas como se trata duma fotografia muito longa, deixo a seu critério decidir si deve reproduzi-la por inteiro. Por certo não conviria reduzi-la excessivamente, para uma página do tamanho dos volumes em que deve sair este trabalho. É preferível, creio, sair só metade a sair uma redução que prejudique em excesso a demonstração dos detalhes. Você fará como achar melhor.

⁹⁷ MA/GT, 30.11.44, in FABRIS (1995:152-153).

Peço-lhe avisar-me assim que o trabalho chegar às suas mãos, para meu sossego. Espero que o trabalho lhe agrade e à editorial Losada. Estou doente sempre, muito prejudicado em meus trabalhos por isso. Também sei que o que escrevi, saiu com um espírito um pouco polêmico. Essa é a feição do meu espírito atualmente; e aliás, sei que isso vai ser de alguma utilidade aí, (como aqui...) pela maneira como se dividem as paixões a respeito de Portinari. Em todo caso, espero não ter esquecido de tratar de nenhum dos pontos essenciais e informativos a respeito da obra e da personalidade do nosso artista. Em qualquer caso, desejaria receber uma opinião franca sua, a respeito do que escrevi. Como ficou combinado, não publicarei este trabalho no Brasil, tal como está, sinão depois de alguns anos de espera. Consultarei aliás a Editorial Losada, quando pretender publicá-lo algum dia.

Com um cordial abraço amigo de
Mário de Andrade

São Paulo (Brasil) – rua Lopes Chaves, 546

Livre do trabalho, mas não de todo do incômodo, Mário finalmente ‘se abre’ com Newton Freitas, e explica, em uma longa carta, o motivo da dificuldade que o acompanhou durante toda a escrita da monografia:

Newton querido,⁹⁸

(...) Não tenho lhe escrito. Já sabe o que é não? Mas hoje escrevo nem que chova canivete e apesar desta sinusite braba e besta. Como vai tudo por aí? Hoje mesmo despachei pro Portinari, no Rio, o trabalho que fiz sobre ele pra Losada. Ele mandará de lá, porque tem que acrescentar uns dados na coleção das fotografias e talvez mandar junto uma têmpera pra fazerem a tricomia de abertura do livrinho. Meu trabalho saiu ruim, Newton, como cai ser! Isto só lhe conto pra você, e você não só não conta pra ninguém, mas além do amigo que é, superbanca o amigo, e garante que está muito bom. O caso é complicado, não há jeito mesmo, o escrito empacou na garganta, e tem qualquer coisa dentro de mim, uma espécie de ressentimento passado que não deixa a coisa sair boa tão cedo. É preciso que a presença do ressentimento se abrande, e essas coisas comigo, sou tão alfenim, demora anos. Não é que tenha brigado com o Portinari. Deus me livre! antes de mais nada devo favores a ele que gente como eu isso não esquece nunca. Mas de fato o Portinari foi duma grande paixão “contra” mim nuns julgamentos; e isso tanto mais me dói, que num dos casos, si tivesse alguém a ficar zangado, seria eu. Ele foi duma inconsciência, duma leviandade e duma crueldade incrível. Foi no caso da conferência do Itamarati, sobre o Movimento Modernista*. Sem perceber nada, num dos momentos de

⁹⁸ MA/NF, 1.12.44, pp. 118-119.

* A conferência comemorativa do 20º aniversário da Semana de Arte Moderna foi pronunciada em 30 de abril de 1942, no Salão de conferências do Ministério das Relações Exteriores, por iniciativa do

maior tensão da minha vida, de maior sofrimento por outro lado, depois de um escândalo de campanha disparada de propósito para acabar com a conferência depois de uma ingratidão violenta de amigo (que isto, de fato era a única coisa que Portinari não podia saber nem perceber) e depois de aguentar um desprestígio danado, mesmo espesinhamento, é que ele, um amigo de todo o dia achou de vir me espinar em público, dizendo que todo o movimento modernista fora uma brincadeira sem valor. Você não imagina, Newton, o que eu tive de vencer dentro de mim, pra me conservar fingindo desenvoltura, alegria e calma, o cális transbordou. Mas transbordou por dentro. Mas também a gente tem certos amigos íntimos, que no entanto são amigos de fato... E um deles ainda achou, no ano passado, de me contar que sustentara briga dura com o Portinari, pra me defender, por que o Portinari ficara zangado, e boca de Portinari quando zanga, dá som pra qualquer injustiça. E o resultado é que o trabalho pra Losada engasgou aqui, e um ressentimento não deixa ele sair. Saiu o melhor que eu pude, trabalhar, trabalhei muito. O Portinari gostou muito, e outros que leram, e ele me escreveu uma carta magnífica de ternura e amor. Mas sei que o meu escrito, não são as idéias que estão ruins, mas estão mal expostas, a leitura é difícil, requer muita atenção. E ficou com feição polêmica, talvez mais que o necessário. O Portinari apaixona, não se fica indiferente diante dele, e sei que tem desafeitos até aí. A feição polêmica era necessária, mas não sei si não exagerei. Exagerei sim. Enfim, você faça um esforcinho pra me ajudar. Inútil pedir mais tempo: a censura não deixa melhorar. Si acharem de recusar não zango. Mas si aceitarem assim mesmo, estenda as suas asas benéficas de proteção sobre o trabalho pra que ao menos saia bem traduzido. Si não entenderem alguma frase, ou sentido exato da palavra que mandem perguntar, esclareço.

(...) E é só por hoje. Me escreva por favor. Lembranças pra Lúcia e guarde o abraço mais saudoso deste
(M e traço em lápis azul)

Uma pista de que o pintor ignorasse de fato a mágoa de Mário nos é dada pelo depoimento inédito de Maria Portinari, viúva do pintor, em fins de 1982:

(...) Agora estou lendo as cartas do Mário de Andrade ao Drummond. Que maravilha! Era uma grande pessoa. Li inclusive uma carta em que se queixa do Portinari ao Drummond*. Fala qualquer coisa do Portinari e depois disse

Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil. Presidido por Carlos Drummond de Andrade, o evento causou profunda angústia em Mário, que comentou seu estado de espírito, antes e depois da conferência, com diversos de seus correspondentes, entre eles o próprio Drummond, Murilo Miranda, Paulo Duarte, Fernando Sabino e Rodrigo M. F. de Andrade. FABRIS (1995) vê respingos do tom confessional autopunitivo da conferência de Mário na monografia para a Losada, e sugere que o escritor possa ter transferido o desassossego da parte final do texto para a análise da obra do amigo pintor.

*De fato, a queixa é feita a Newton Freitas, em carta já citada nesta tese, de 20.8.44.

assim: “Imagine que o pintor resolveu pichar a Semana de 22, dizer que aquilo foi uma brincadeira”. Vi que ele ficou realmente muito sentido com a história, provavelmente porque havia tomado parte naquilo tudo. Portinari não acreditava muito naquela coisa. Achava mesmo, não que fosse uma brincadeira, mas uma coisa de grã-finos e de intelectuais, (...), com a intenção de fazer barulho. Provavelmente, quando disse qualquer coisa a respeito, não se lembrou do Mário. E o Mário sentiu, agora é que eu vim saber. (...) Fiquei muito admirada; nunca me passou pela cabeça, nem ao Portinari, que ele tivesse ficado ofendido com isso. Portinari, realmente, quando se falava na Semana, não se referia com muito respeito à coisa.⁹⁹

Em dezembro, chega uma nova carta de Portinari. Alegando doença para justificar a demora da resposta, o tom com que o pintor comenta sua releitura do trabalho já não é mais tão *amistoso*:

Caro Mário¹⁰⁰

Estou de cama há 8 dias com uma gripe braba e por isso não escrevi antes sobre o ensaio. Reli tudo minuciosamente; achei que toda a parte da anedota (o que se passou comigo) meio falseada.

Tem pedaços (falo da parte que sucedeu comigo) que tive vontade de perguntar a v. se v. é meu amigo ou amigo da onça... [grifo do pintor] Desejo saber se v, poderá esperar até eu lhe escrever de Brodowski (onde pretendo descansar ainda este mês) uma longa carta. Nessa carta contarei os fatos que já tenho anotado n'uma autobiografia que estou fazendo há muito tempo.

Falarei também nas reproduções. (fotos).

Não comente na resposta desta a parte que digo não estar certa, pois de Brodowski lhe mandarei os fatos como realmente se passaram; aí então v. poderá discutir.

Todos mandam lembranças para a sra. sua mãe e para v. do velho
Portinari

Portinari segue com a família para Brodowski para as festas de fim de ano e os dois primeiros meses de 1945. A última carta – constante no livro de Annateresa Fabris – que Portinari recebe de Mário data de 25 de dezembro. O assunto principal ainda é a monografia para a Losada, ainda em mãos de Portinari:

⁹⁹ In *Entrevistas com Maria Portinari*, Projeto Portinari, p. 137. As diversas declarações de Portinari sobre a arte moderna se encontram no **subcapítulo 1.3 Notícias de si**, p. 38).

¹⁰⁰ CP/MA, Dez. 1944. Arquivo IEB: CO-5796. Carta inédita.

Meu caro Portinari¹⁰¹

Bom Natal! Bom Ano Novo pra todos nós! Recebi sua carta, ainda não respondi!... Quedê tempo, meu Deus, quedê tempo! As mudanças que você julga necessárias, será que você mesmo não pode fazê-las aí, nos originais mandados, pra que tudo siga logo prà Losada? Não esqueça que me deram este dezembro como último prazo. Si a coisa demorar muito, eles podem não aceitar, que zangados comigo eu sei que já estão. Ou quem sabe, meu Deus! si era até melhor assim! Si quiser desistir, eu desisto junto, que já disse e repito: acho o meu escrito infecto. Só me consola saber que não é culpa minha. Tudo o que fiz nestes últimos seis meses saiu infecto. Vamos desistir, meu velho amigo, e tudo fica na mesma. Algum dia pegarei nisso e verei si dou um jeito. Ou aproveitarei pedaços em artigos, que é o melhor. E ciao, que estou, apesar do dia, imerso em trabalhos, tarefas que tenho de acabar até dia 31.

Ciao, um grande abraço amigo pra todos os seus.
Mário

De qualquer forma me interessa muito as informações biográficas que você me promete. Mande sim.

Em 15 de fevereiro de 45, Mário ainda tenta 'se livrar' da encomenda – provavelmente ainda em mãos de Portinari –, apelando mais uma vez para a ajuda do amigo Newton Freitas:

Newton.¹⁰²

(...) Agora uma chateação nova, da qual você tem de me salvar, aguentar: No fundo, é só telefonar ao Guillermo de Torre dizendo que estou muito doente, proibido de escrever, que foi impossível escrever o livro pra Losada e que desisto definitivamente disso. Si o Guillermo fizer questão mesmo disso, porque não encomenda o livro ao Aníbal Machado, por exemplo, que entende muito de artes plásticas e conhece bem a obra de Portinari?

Cá pra nós: escrevi o livro como prometi e acabei ele como prometi em novembro. Saiu péssimo, eu mesmo reconheço. E o Portinari, com muita razão, recusou que se publicasse aquilo sobre ele. Reconheço que ele tem razão e dou a mão à palmatória. Aliás não fomos só nós dois a ter essa péssima opinião do livro, o Manuel Bandeira e mais uns poucos que leram acharam a mesma coisa. Saiu um livro polêmico! Agressivo, justificando certos aspectos da obra de Portinari que muita gente não quer compreender. E o que é pior, nada expositivo nem descritivo nem sequer interpretativo como devia ser, mas particularista, tratando de três ou quatro casos especiais. Além de confuso! Eu sei muito bem por que sucedeu isso. Sou um sentimental, sou, sei que sou, ando muito ferido por dentro com coisas que

¹⁰¹ MA/CP, 25.12.44, pp. 153-154.

¹⁰² MA/NF, 15.2.45, pp. 119-120.

sucederam aqui, e escrevi sem vontade, sem entusiasmo, sem amor.

Exatos dez dias depois, Mário falece, de infarto, por volta das 23h do domingo, 25 de fevereiro de 1945.

Ficamos sem conhecer a resposta de Portinari à última carta que recebera de Mário. Se houve, esta não consta do material em mãos do Projeto Portinari. Mas podemos deduzir, pelo conteúdo das cartas de Mário a Newton Freitas (16.4.44 e 1.12.44) e de Portinari a Mário (dez/44), que a amizade sobreviveu ao 'episódio Losada'.

Também não sabemos se, entre 25 de dezembro e 25 de fevereiro, Mário e Portinari chegaram a “passar a limpo” o acontecimento que tanto incomodou o escritor. Poucado do assunto nas cartas que recebeu ao longo de dois anos, ao pintar a alegação para o atraso sempre foram as *doenças de corpo e de alma* que acometeram Mário no seu último ano de vida. Preocupado com o efeito de seu ensaio sobre Portinari, o escritor o cercou de explicações e aguardou ansioso os comentários do amigo, que demoraram a chegar. Arrependido do que escreveu, chegou a associar sua *franqueza* no escrito com uma *fraqueza* de seu caráter.

...

O 'episódio Losada' não se encerra com a morte de Mário de Andrade. Muitas questões ficaram em aberto, como: quantas cartas Mário recebeu da Losada, e qual o seu tom? Em missiva de 2 de junho de 44 a Paulo Duarte, Mário comenta brevemente ter recebido “uma carta desagradável de Buenos Aires”¹⁰³. Seria de Guillermo de Torre? O que conteria? E do original revisado e corrigido pelo assistente de Mário de Andrade, que o escritor cita em carta a Portinari como sendo o manuscrito que de fato ele gostaria de enviar à Losada, o que foi feito? Foi entregue a Portinari? Ou a Guillermo de Torre? E após a morte do

¹⁰³ MA/PD, 14.3.36, p. 275.

escritor, quem manteve contato com a editora sobre o destino do ensaio? Annateresa FABRIS nos informa que:

A Editorial Losada não desiste da ideia de publicar um livro sobre Portinari e a 12 de junho de 1945 entra em contato com o artista para sugerir que o autor da monografia fosse Santa Rosa. Como também este texto não fica pronto no prazo previsto, Portinari sugere publicar uma pequena biografia ilustrada. Guillermo de Torre, no entanto, não aceita a sugestão, pois a coleção na qual o livro seria publicado exigia um estudo crítico. É dado um novo prazo a Santa Rosa, que não deve ter sido cumprido, pois o livro não é publicado.¹⁰⁴

Em 31.5.48¹⁰⁵, Portinari recebe a notícia, pelo historiador e crítico de arte francês Germain Bazin – diretor da Galeria Charpentier, responsável pela exposição de Portinari em Paris, em 1946 – de que a Editorial Losada havia desistido, momentaneamente, de publicar a monografia de Mário de Andrade sobre o pintor. Passados 40 anos de sua escrita, o texto de Mário de Andrade seria *revelado*, por iniciativa do Projeto Portinari, na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob o título “Candido Portinari: um estudo inédito de Mário de Andrade”¹⁰⁶.



Tive acesso ao ensaio que Mário escreveu para a Editorial Losada ao final da escrita da tese. O texto fotocopiado, cedido pelo Projeto Portinari, possui 23 páginas datilografadas. Não contei as palavras para confirmar se Mário escreveu as oito mil previstas no contrato com a editora, mas as folhas estão completamente preenchidas. Intitulado apenas “Candido Portinari”, visava apresentar o pintor e sua arte ao público argentino. Ao final do ensaio, o nome datilografado de seu autor. O material fora enviado a Portinari para que o pintor o revisasse e sugerisse

¹⁰⁴ In *Portinari, amico mio*, nota à página 37. Ver também Guillermo de Torre, cartas a Portinari de 12.6.45, 3.8.45 e 21.8.45; Portinari, carta a Guillermo de Torre de 3.8.45 (Projeto Portinari, Rio de Janeiro).

¹⁰⁵ GB/CP: Paris, 31.5.48. [Arquivo Projeto Portinari: CO-643.1]

¹⁰⁶ Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20/1984, 64-88.

alterações ao escritor – será de Maria Portinari a letra que inscreve cortes e correções nas folhas que leio?

A apreciação que passo a fazer é a de uma primeira leitura inspecional, em busca das “partes” que levaram Portinari a perguntar se Mário era “amigo da onça” em vez de seu amigo. As primeiras impressões que tenho do ensaio é que Mário de Andrade é dúbio em suas considerações sobre o artista. Pouco afável, o crítico dá aos atos e aos fatos da vida do pintor uma interpretação desfavorável, como se lê logo na sétima linha do ensaio:

(...) pela sua disposição cronológica dentro da vida brasileira, evitou ao pintor participar do movimento modernista que, de 1920 a 1930, foi a aventura mais espetacularmente heróica da arte nacional. Por esse tempo, como que ignorando a transformação que se processava na Inteligência do seu país, Candido Portinari cursava a Escola Nacional de Belas Artes, estava em pleno academismo desinquieto, conquistava as suas medalhas oficiais, e finalmente o prêmio de viagem à Europa.¹⁰⁷

Algumas linhas adiante, credita à sua origem interiorana, ao “traço caipira” dominante no pintor, seu retraimento como artista, que o fez ‘perder o bonde da história’ do movimento modernista, sendo ‘salvo’, a *posteriori*, por seus representantes cariocas:

Essa desconfiança o fez se retrair e assistir de longe, sem a menor participação, ao movimento modernista *do Brasil* [grifo meu]. E si, quando voltou da Europa, logo os mais avançados se apoderaram dele, e foram alguns dos intelectuais modernos mais importantes, como os poetas Manuel Bandeira e Murilo Mendes, o arquiteto Lúcio Costa, o jornalista Antonio Bento, os primeiros que acreditaram nele e lhe defenderam publicamente o valor (...).¹⁰⁸

A menção à ‘ausência’ do pintor no movimento modernista se dará ainda mais uma vez:

É que Candido Portinari desconfia. Da mesma forma com que ele, na evasiva dos estudos escolares, consegue passar incólume pelo movimento modernista brasileiro, e alcança o seu prêmio de viagem como qualquer discípulo disciplinado (...).¹⁰⁹

¹⁰⁷ ANDRADE, Mário. “Candido Portinari”, ensaio para a Editorial Losada, fotocópia do texto datilografado, p. 1.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 2.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*.

Utilizando sem parcimônia a palavra “desconfiança” em suas diversas variáveis, Mário continua sua crítica amarga:

Candido Portinari é também um experimentalista indisfarçável. (...) o experimentalismo de Candido Portinari nada tem de revolucionário da mesma forma que nada tem de intrinsecamente personalista. É um experimento que vem... depois. A desconfiança torna a experimentar o já provado. É um re-experimentalismo infatigavelmente re-verificador de lições e aproveitador de experiências. E nada tem de exclusivamente “estético”. Está sempre apegado ao assunto, jamais liberto da funcionalidade extra-estética, mas igualmente necessária, da obra-de-arte.¹¹⁰

Arriscando uma leitura psicológica, diria que Mário fala de si e de sua dificuldade em escrever o ensaio quando compara a estada de Portinari em Paris com a pouca produção que lá realiza o pintor:

E lá na Europa (...) em vez de trabalhar, de pintar, perseguia museus e exposições. Três anos de Europa: duas ou três naturezas-mortas pequeninas. (...) Pois no estímulo e na agitação plástica das grandes cidades européias, em Paris principalmente, que *drama interior* [grifos meus] terá paralisado o artista brasileiro?¹¹¹

Convidado a escrever um ensaio *biográfico* do pintor, Mário acaba por introduzir trechos *autobiográficos*:

(...) A um amigo, funcionário público, que lhe propunha adquirir oficialmente um quadro importante, para a instituição pública que dirigiu e com qual o artista estava zangado, ele dá o quadro. Mas, bem explicadamente: dá o quadro ao amigo, jamais para a instituição pública que o feriu.¹¹²

O “amigo funcionário público” é o próprio Mário, que pedira um quadro do pintor para decorar seu gabinete no Departamento de Cultura e Recreação, onde foi diretor¹¹³. Também é de si que fala quando comenta a execução de um retrato, que de fato é o dele próprio: “Si de outro companheiro busca a verdade em vinte poses pacientes, e interromperá o trabalho para exclamar ‘Você parece um

¹¹⁰ *Idem*, p. 3.

¹¹¹ *Idem*, p. 1.

¹¹² *Idem*, p. 10.

¹¹³ MA/CP, 14.3.36, pp. 52-54.

santo espanhol', (...)”¹¹⁴. Em outro trecho, parece querer relembrar ao artista sua fidelidade:

(...) ele jamais esquecerá de amigos certos e admiradores, seus intérpretes na imprensa do país. Fui um deles. E na verdade, em vez da crítica livre, mais numerosas vezes tenho me exercitado em explicar o artista ao público e descrever os aspectos admiráveis da sua obra, em estudos de exegese como este, ou como o que fiz para o catálogo da grande exposição retrospectiva do artista, realizada pelo Ministério da Educação, em 1939.¹¹⁵

A personalidade de Portinari também é exposta pelo escritor, de quem chega a detalhar aspectos bastante particulares e que me fazem perguntar o porquê de tamanha personalidade em um texto que deveria conter um resumo da vida *artística* do pintor. Alguns exemplos:

(...) Contemplando uma mãe de bela aparência física, entre irmãos e irmãs, uma fraternidade alta, forte, sadia, Candido Portinari, curto, baixo, retaco, teve ainda mais um hadicap infeliz, que o inferiorizou muito no meio rural (*palavra riscada a caneta*) em que vivia. Destroncou uma perna num jogo de futebol, ficando manco para sempre.

(...)

Depois de trinta anos de omissões, de lutas e obscuridade, o artista se via em pouco tempo consagrado e compensado de suas opressões de origem, de classe e de defeito físico. Nada mais natural que a compensação psicológica também. Vibra no artista uma “ambição” secreta, ardente, em que ele quer abarcar tudo e todos. A menor reserva o fere, qualquer afastamento o maltrata, qualquer experiência alheia o persegue. Uma aspiração de domínio se auxilia dum desprendimento financeiro que inquieta os seus amigos (...).¹¹⁶

Quanto ao incômodo sentido por Mário durante os meses de escrita, se dele poupou Portinari nas cartas trocadas entre 42 e 44, será finalmente no ensaio, após páginas de críticas ácidas, que o escritor irá *desrecalcá-lo*:

(...) com um despeito capaz até de crueldade se encoleriza com a importância histórica atribuída à Semana de Arte Moderna, considerando esse movimento simples formatura escolar, digno quando muito de discretos e fúnebres jantares comemorativos.¹¹⁷

¹¹⁴ ANDRADE, Mário. “Candido Portinari”, ensaio para a Editorial Losada, fotocópia do texto datilografado, p. 10.

¹¹⁵ *Idem*, p. 16.

¹¹⁶ *Idem*, pp. 15-16.

¹¹⁷ *Idem*, p. 17.

E retomá-lo doze linhas abaixo, em tom conciliatório, quase um *mea-culpa*:

(...) Erruptivo, mas deliciosamente bom, muitas vezes injusto nas palavras mas incapaz de fazer conscientemente mal a ninguém. Amigo fiel dos seus amigos, abertamente separado dos seus inimigos, sem contemplações.¹¹⁸

Na metade do texto, à página 13, Mário interrompe a escrita e faz uma análise do seu ensaio, em um tom pouco característico para o gênero. Mais uma vez, Mário fala mais de si, e para si, do que para os seus leitores argentinos:

Vejo que este meu escrito, embora pretendendo a exposição da obra de Candido Portinari para leitores de língua castelhana, está me saído com mais visível feição polêmica. A falta não será só minha, mas espero me conter mais daqui em diante.¹¹⁹

Até mesmo o nacionalismo da pintura portinaresca, deflagrador do apoio de Mário ao artista em 1932, é *enfraquecido*:

(...) E sua própria temática brasileira, que tanto o identifica com a sua terra, também é desconfiada e não deriva de nenhum nacionalismo loquaz. É muito mais uma necessidade do seu espírito popular, uma consequência lógica do seu estilo. E com isto o pintor conseguiu criar uma extraordinária transubstanciação plástica do Brasil, antialegórica mas simbólica por excelência – no sentido psicanalítico destas palavras.¹²⁰

A “desconfiança” que Mário atribui a Portinari – o autor usa a palavra 14 vezes ao longo das 23 páginas do artigo, na maior parte delas com conotação negativa – seriam pistas textuais da *falta de confiança* que paira sobre a amizade de ambos e que faz Mário escrever “sem amor”?



¹¹⁸ *Idem*, p. 17.

¹¹⁹ *Idem*, p. 13.

¹²⁰ *Idem*, p. 4.

Após essa primeira leitura, uma questão se impõe imediatamente: teria o ensaio de Mário valor efetivo de análise da obra portinariana em sua vasta produção crítica sobre o pintor? A partir do momento em que o conheceu, na década de 1930, Mário de Andrade tornou-se um crítico fervoroso – e combativo – do trabalho do artista, sendo seus principais textos sobre o pintor os publicados no jornal *Diário de São Paulo*¹²¹, “Portinari”; na *Revista Acadêmica*¹²², “Portinari”; no jornal *O Estado de S. Paulo*, “Obras novas de Candido Portinari”¹²³ e “Uma capela de Portinari”¹²⁴; na revista argentina *Saber Vivir*¹²⁵, “El pintor Portinari”; e no livro *O baile das quatro artes*¹²⁶, “Candido Portinari”, além do já citado ensaio para a editora argentina Losada com prévia em sua coluna “Mundo Musical”, na *Folha da Manhã*, “Esboço para um Portinari em castelhano”¹²⁷.

À exceção de seu último texto, os demais sempre foram carregados de uma “adjetivação superlativa” aos trabalhos do artista que, alçado à uma “dimensão heroica” realizaria, com sua pintura, a *hercúlea* tarefa de dar uma expressão nacional à arte produzida no Brasil. Como sugere, por exemplo, o artigo de dezembro de 1934, no *Diário de São Paulo*, sobre a individual de Portinari na capital paulista. Neste texto, ‘excessivo em elogios’, Mário enaltece a heterogeneidade das obras de Portinari,

(...) obras diferentíssimas como técnica e e idealidade conceitual, e todas igualmente ótimas, (...), se tem a impressão excelente de obras completas, cujos problemas estão resolvidos em si mesmos, completamente. Para tal quadro tal técnica era imprescindível. (...) a obra de Portinari é essencialmente uma lição. E fecha portas. Nas suas

¹²¹ ANDRADE, Mário de. “Portinari”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, SP, 15 dez. 1934.

¹²² ANDRADE, Mário de. “Portinari”. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro (41-42): 3, set.-out. 1938.

¹²³ ANDRADE, Mário de. “Obras novas de Candido Portinari”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, sup. em retrogravura, 5 mai. 1939 (134).

¹²⁴ ANDRADE, Mário de. “Uma capela de Portinari”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, suplemento em retrogravura, 15 abr. 1941 (179).

¹²⁵ ANDRADE, Mário de. “El pintor Portinari”. *Revista Saber Vivir*, Buenos Aires, II (26): 26-7, set. 1942.

¹²⁶ Livraria Martins Editora, 1943. A edição consultada é de 1975, comemorativa do 30º aniversário da morte de Mário de Andrade;

¹²⁷ ANDRADE, Mário de. “Esboço para um Portinari em castelhano”. *Folha da Manhã*, São Paulo, SP, 25 out. 1944.

melhores obras Portinari dá a sensação calma do círculo. Completo e decisivo.

Sobre sua controversa personalidade, Mário aquiesce, no artigo para a *Revista Acadêmica* de 1938:

(...) Inquieto e inseguro de si mesmo como o são todos os espíritos verdadeiramente conscientes, sensível à menor crítica, ferido ao menor aleive, Portinari tem sofrido a obra que está criando, com uma intensidade de martírio. Não faz mal. Tudo nele, as irritações, as revoltas, as malquerenças, as irregularidades psicológicas são duma verdade solar, (...).

De sua ambição, justifica, no ensaio publicado em *O baile das quatro artes*:

Nessa paixão pela pintura, com uma curiosidade insaciável e uma inquietação que jamais desfalece, nem dorme sobre as verdades adquiridas, Candido Portinari se aplicou a desvendar quaisquer segredos do problema plástico. Desta ambição generosa, que o converte num eterno aprendiz, se originam as duas características dominantes da sua personalidade: a enorme riqueza técnica e a variedade expressional. (ANDRADE: 1975:123)

Ainda no mesmo texto, ao tratar de seu nacionalismo, destaca a autêntica alma brasileira do pintor:

De maior funcionalidade nacional são já os assuntos-síntese, em que o pintor brasileiro se inspira. Aqui, sem ter a menor intenção de ser um cronista e reunir documentação iconográfica, pois o que ele pretende é primordialmente forma, o Brasil irrompe da obra de Candido Portinari, demonstrando em que grau intenso o pintor está impregnado da coisa nacional e dela participa. (ANDRADE, 1975:130)

“Plagiando” a si mesmo como confessou que faria, em carta à Henriqueta Lisboa em setembro de 43¹²⁸, Mário ‘monta nos seus escritos’ e reproduz, com leves alterações, alguns poucos parágrafos de “Candido Portinari”, do livro *O baile das quatro artes*, e de “O pintor Portinari”, da revista argentina *Saber Vivir*.

A historiadora e crítica de arte Annateresa FABRIS considera o texto produzido para a Editorial Losada o “mais equilibrado que o poeta dedicou ao artista” (2011:148). De

¹²⁸ Ver página 88 desta tese.

fato, à exceção de detalhes pessoais relativos à vida de Portinari, a crítica à trajetória artística do *pintor* é apresentada de maneira precisa e isenta, livre do tom laudatório, como quando Mário afirma:

Não haverá necessidade aqui de acompanhar cronologicamente todas as já numerosas fases estéticas ou psicológicas por que Portinari tem passado. Mas observemos as principais. A psicologia artística dele se distingue nitidamente em dois períodos. O que caracteriza o primeiro é o otimismo confiante. O artista desconfia da técnica e escolas, mas tem confiança na vida. Período otimista, contrastando fortemente com as dificuldades financeiras que perseguem o pintor, iniciado logo após a sua volta da Europa e a sua ainda pequena repercussão nos meios artísticos brasileiros. A sua pintura passa incólume entre sofrimentos e incompreensões. Mesmo na técnica, o artista não demonstra nenhuma inquietação propriamente: obedece, reverificando curioso escolas e tendências e se firmando dentro de leis e normas tradicionais. Sem academismo, porém dentro da Escola, dentro das tradições e do aceito. E tudo converge para o problema da composição, em tudo quanto esta palavra possa significar como exigência intrínseca do quadro, desde a escolha das cores, baixas e poucas, rigorosamente relacionadas entre si, até os enérgicos equilíbrios estruturais de formas e de ritmos. Sem nenhuma preocupação “modernista”, Portinari se demonstra um exigente construtivista, e os seus quadros têm uma solidez sadia.¹²⁹

É a esse “equilíbrio” que FABRIS credita o desgosto de Portinari com o texto, uma vez que o pintor, “acostumado a um tom apologético e a um ritmo cerrado”, deparou-se com um ensaio onde Mário “atenua o entusiasmo, abrandando a adjetivação” (1995:38). Para a autora, a monografia para a Editorial Losada representou “um senão num relacionamento que fora sempre marcado pela admiração mútua, pela projeção no pintor da figura do artista necessário ao Brasil, numa construção afetiva e ideológica ao mesmo tempo” (FABRIS, 1995:43-44).

¹²⁹ ANDRADE, Mário. “Candido Portinari”, ensaio para a Editorial Losada, fotocópia do texto datilografado, p. 19.

2.1.4 O credo modernista

Quando decidi investigar a correspondência ativa e passiva de Candido Portinari e Mário de Andrade, imaginava encontrar em seu conteúdo um intenso vai-e-vem de reflexões sobre a questão nacional vivida naquele momento da cultura brasileira – sobretudo relativa ao trabalho artístico de Portinari. Tendo em mente que Mário de Andrade sempre praticara uma pedagogia modernista através da epistolografia, para a minha surpresa, o escritor pouco registrou nessas cartas suas concepções sobre as artes plásticas em geral, e sobre a arte de Portinari em particular. O espaço para essa crítica foram outros – os inúmeros artigos para jornais, revistas, livros e catálogos que escreveu sobre o pintor e dos quais sempre lhe deu notícias:

(...) já escrevi a nota sobre você prá *Revista Acadêmica*, que mandei ontem. [MA/CP, 3.5.38, p. 60]

Recebi sua carta e fiquei contente de você ficar contente com o artigo. [MA/CP, 8.6.38, p. 66]

As ocasiões em que trata da pintura de Portinari, criticamente ou não, o faz de maneira corriqueira e coloquial, como quando comenta suas obras, mostras e exposições, ou apoia seus projetos:

Portinari, já tive notícia do sucesso da sua exposição e nem esperava outra coisa. [MA/CP, 30.4.35, p. 49]

“Seus quadros vi (...) no intervalo do concerto. Minha primeira sensação adorou a menina. Lhe direi mais tarde (...) si a sensação se conservou. [MA/CP, s/d, provavelmente maio/junho.37]

(...) recebi as duas remessas de fotografias e fiquei delirando. Há coisas que mesmo assim em ruins fotografias me parecem admiráveis (...). Estou louco para ver tudo isso e também vou escrever sobre para a rotogravura do *Estado*. [MA/CP, 10.3.41, p. 82]

A idéia de um álbum de quadros seus de cavalete é ótima. Mas não deixe de botar umas duas ou três tricomias, é tão importante para se conhecer na verdade um pintor. [MA/CP, 23.5.38, p. 63]

Mário também demanda constantemente notícias das atividades do pintor:

Mas fiquei morto de curiosidade sabendo que você tem coisas novas e processos novos que ainda não conheço. [MA/CP, 30.4.35, p. 49]

Mande sempre contar a marcha dos trabalhos. [MA/CP, 23.5.38, p. 63]

(...) Estou numa curiosidade quase esfomeada de ver as pontas-secas: Com a sensibilidade do seu traço imagino o que elas podem ser. [MA/CP, 7.1.41, p. 79]

(...) Como vamos de pintura? Mande me contar que quadros novos fez e, si puder, algumas fotografias. [MA/CP, 28.4.41, p. 89]

Portinari, naturalmente, comenta com maior frequência os seus trabalhos, mas escreve antes para dar notícias a Mário *do que anda fazendo* do que para discutir questões estéticas. Raros são os momentos onde reafirma ao amigo a natureza do seu fazer artístico:

Prefiro não pintar a deixar de fazer os motivos maravilhosos que há no Brasil. (...) É certo que o motivo no quadro não tem importância – mas no Brasil ele é tão expressivo que sugere uma pintura nova. [CP/MA, 4.8.36 – CO-5814]

(...) pretendo fazer a melhor coisa mural deste país (...). [CP/MA, 7.10.41 – CO-5783]

Ou discute com Mário teorizações estéticas sobre a sua arte:

Estes últimos quadros que pinte em óleo estão me fazendo pensar que a pintura a óleo deve ser tratada de acordo com o material. (...) Tem se imitado a pintura a tempera e afresco pintado a óleo. O *Café* (quadro) parece mais um afresco não só na composição mas, sobretudo, na fatura. Ainda não estou convencido se isto redundará em defeito. Contudo, acho que o melhor seria tirar partido do material. Por exemplo, o *Café*, se tivesse sido pintado à tempera, talvez fosse mais forte. Pode ser que esteja dizendo asneira. Em todo caso, estou sondando para chegar a um resultado. Você não acha que, de vez em quando, é bom bater a cabeça?¹³⁰

Outro exemplo se encontra na correspondência de 4 de agosto do mesmo ano, quando apresenta a Mário suas

¹³⁰ CP/MA, 23.3.36. Arquivo IEB: CO-5815. Carta inédita.

reflexões sobre as teorias do arquiteto Le Corbusier, que “felizmente” acabara “de cozinhar”, e faz referência a um comentário do arquiteto sobre a necessidade de Portinari “romper com os museus”:

(...) Ele só conhece duas fases de minha pintura – talvez esta última tenha mais reminiscência com os museus mas eu não acho que isso seja um defeito. Em todo caso, eu sei que não me cristalizarei tão cedo (apesar do pessoal da Escola de B.A. achar que minha constante mudança é falta de personalidade – estes senhores acham que personalidade é carimbo).¹³¹

Essas cartas foram escritas em um momento particular da vida de Portinari – havia sido nomeado professor de pintura mural e de cavalete no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, fundado em julho de 1935 por Anísio Teixeira. De acordo com Annateresa FABRIS, Portinari torna-se o “representante dos ideais modernistas” porque:

O antigo aluno da Escola Nacional de Belas Artes que, na Europa, descobrira o moderno e o verdadeiro significado da tradição, sabia *desenhar* conforme ditames do figurino acadêmico. Argumento validíssimo para opor aos detratores do moderno: que melhor exemplo para negar o desconhecimento das regras do desenho por parte da nova geração? Se os passadistas faziam uma equação do tipo deformação modernista = ignorância do *métier*, Portinari permitia demonstrar que a deformação, tão criticada pelos defensores da tradição cega, representava, na realidade, a busca duma nova expressão artística. (FABRIS, 1996:27)

A *deformidade plástica* era constantemente abordada por Mário como uma solução formal de expressão artística através da “assimilação e deglutição” da lição estrangeira. E Portinari concentrava essa atitude antropofágica com outra qualidade que o escritor vinha buscando e que julgava fundamental para sua idéia de artista: o conhecimento técnico entre o “clássico-moderno”. Nas cartas trocadas entre ambos temos um exemplo bastante consistente do intercâmbio de ideias e, ao mesmo tempo, de demonstração de profundo apreço intelectual de ambas as partes. Nelas,

¹³¹ CP/MA, 4.8.36. Arquivo IEB: CO-5814. Carta inédita.

constatamos que Mário de Andrade não buscou doutrinar Portinari no seu *credo modernista*: Candido Portinari já era moderno muito antes de conhecer Mário de Andrade.

Passando por cima de suas importâncias políticas e sociais – *ma non troppo* – ambos investiram na construção desse relacionamento, e na elaboração de “verdades” sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o mundo nos dez anos em que escreveram e trocaram cartas. O clima íntimo desenvolvido pelos missivistas resistiu aos inúmeros afastamentos e deveu-se ao investimento efetuado por ambos nas palavras e gestos que estão para além das obrigações e das formalidades. Como salienta Foucault:

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma “introspecção”; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004:157)

A troca epistolar entre Candido Portinari e Mário de Andrade nos permitiria concluir que o *pacto autobiográfico* firmado entre ambos – autores e leitores simultaneamente de si e do outro – foi baseado em um *contrato de verdade*? Para esta pergunta não há resposta definitiva. Mas o espaço em que se inscreveu essa *amizade correspondida* nos deixa entrever fragmentos da personalidade de um e de outro, delineada em uma linguagem transparente e direta. Mesmo que, ao contrário de Mário, “correspondente que não se furtava a confidências sobre si próprio”¹³², Portinari ‘escondesse seus pensamentos em um baú secreto’, como confessou em um de seus poemas, conseguimos vislumbrar sua personalidade *passional* e *apaixonante* como *artista* – na sua dedicação à pintura, sua obsessão pela busca da perfeição, seu apreço pelo conhecimento, sua dedicação ao ensino e sua coerência artística; e como *homem* – na sua bondade, sua paixão pela família e seu apego aos pais e

¹³² MA/MB, p. 9.

aos amigos, sua simplicidade, sua fragilidade, seu caráter e sua humildade. E no seu notório temperamento.

Ao longo desse intenso diálogo, Portinari, talvez espelhando-se em Mário, passou a escrever cartas mais detalhadas – mesmo tendo medo de se abrir sem “ter os braços e [a] cara” para ajudá-lo e se declarar “muito burro” para se “expressar escrevendo”. Porém, diferentemente de Mário, que ‘se esparramava’ nas cartas, Portinari nunca deixou de se resguardar no que o editor José Olympio definiu como um “retraimento de velho urso desconfiado”.¹³³ Em comum, porém, uma certeza: ambos eram *geniais*. E *geniosos*.

¹³³ OLYMPIO, J. “Nota da editora”, in *Poemas de Candido Portinari*, p.7.

2.2 Portinari nas entrelinhas

Início a análise dessas escritas de si indagando-me, como o autor de *O pacto autobiográfico*, o teórico francês Philippe Lejeune: *o que é uma autobiografia?* Faço-me essa pergunta porque, tendo como *corpus* de pesquisa de Doutorado a correspondência do pintor Candido Portinari com o escritor Mário de Andrade, deparei-me com um ‘diário’ e um poema que dão conta de sua infância em Brodósqui, no interior de São Paulo.

O ‘diário’ foi iniciado em Paris, em 1957, durante uma turnê de exposições pela Europa. Ele foi publicado postumamente em livro, em 1979, em comemoração ao nascimento do Projeto Portinari, instituição criada por seu único filho, João Candido Portinari, com o objetivo de resgatar e reapresentar ao público brasileiro a obra do artista, há muito espalhada por museus e coleções particulares. Intitulado *Portinari, o menino de Brodósqui*, o livro de 124 páginas saiu pela Livroarte Editora, e é “(...) um livro sobre a infância. Infância do pintor e na sua obra” (grifos meus)¹³⁴. Os originais, manuscritos, estão no acervo do Projeto Portinari.

Já o poema teve sua 1ª edição em uma coletânea de 1964, “no único livro deixado por Candido Portinari”, publicada por José Olympio dois anos após a morte do pintor. O poema não foi datado, mas somos informados pelo editor, em sua *Nota do Editor da edição original*, de que “em seus últimos tempos, pensativo e de coração triste, Portinari voltou-se para a poesia”¹³⁵. Em 1999, sai uma segunda edição de *Portinari Poemas*, publicada pela Callis Editora, com o apoio das Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV), em dupla comemoração aos 20 anos de sua existência e do Projeto Portinari.



Figura 4

Portinari aos cinco anos de idade. Brodowski, SP, [1908].

Fonte: Projeto Portinari [AFRH-211.1]

¹³⁴ Portinari, *o menino de Brodósqui*, p. 7.

¹³⁵ Portinari, *Poemas*, p. X.

2.2.1 O “diário”*

O que é um diário? Segundo Lejeune, “um diário é uma *série de vestígios datados*. A data é essencial” (LEJEUNE, 2008:296). Dessa forma, as 67 folhas manuscritas que compõem o diário têm início em 29 de novembro de 1957, quando o pintor se encontrava em Paris, e são encerradas em setembro de 1958, também em Paris, para onde o pintor retornara em agosto. Ao longo desses dez meses, a narrativa corre sem nenhuma interrupção.

Em novembro, Portinari começa a escrever suas memórias, *Retalhos da minha vida de infância*. (...) Escreverá esse diário (grifo meu) até setembro de 1958, encerrando-o com o relato dos últimos instantes que passou no vilarejo natal, quando tinha 15 anos. (...) Assim tem início sua atividade literária, que ele manterá até a morte.¹³⁶

As anotações relatam cronologicamente a vida do pintor desde seu nascimento – “Nasci numa fazenda de café” – até a idade de 15 anos, quando embarcou para o Rio de Janeiro para estudar na Escola de Belas Artes:

A última imagem que me ficou gravada na memória foi a de meu pai; levantara-se para se despedir, ainda posso vê-lo: de capote escuro, atravessando o largo da estação. Não teve tempo de me dizer nada... (PORTINARI, 1979:58)

É preciso interromper aqui para a abertura de pequenos parênteses: apesar dessa *perspectiva retrospectiva da narrativa*, denominar este conjunto de páginas como “diário” é fugir das características que definem essa forma de escrita, voltada para o registro do ocorrido *no mesmo dia* ou, no máximo, *no dia anterior*. No caso de “Retalhos de minha vida de infância”, melhor seria classificá-lo como *memorial*¹³⁷, pois que seu texto nos remete a uma série de vestígios de um momento único, sua infância já longínqua. De mais a mais, Portinari data seu

*O “diário” completo encontra-se no **Anexo 1**.

¹³⁶ PROJETO PORTINARI. *Cronobiografia de Candido Portinari*, p. 37.

¹³⁷ Em “Contínuo e descontínuo”, Lejeune afirma que “um vestígio datado isolado é antes um memorial do que um diário: o diário começa quando os vestígios em série querem apreender o tempo em pleno movimento, mais do que que fixá-lo em um acontecimento forte”, p. 296.

início e seu fim, rompendo com um dos princípios básicos da atividade do diarista: “o diário é escrito na ignorância do seu fim” (LEJEUNE, 2008:286). Terminar um diário, sentencia Lejeune, é “isolá-lo do futuro e incorporá-lo às considerações do passado” (LEJEUNE, 2008:273). A título de análise, entretanto, manterei a (providencial) classificação dos pesquisadores do Projeto Portinari, registrada na *Cronobiografia*¹³⁸ do pintor e no livro *Portinari, o lavrador de quadros* (2003:207).

Dito isso, continuo investigando no ‘diário’ as questões autobiográficas propostas por Lejeune. Pergunta-se o teórico: “um diário seria regido por um ‘pacto’ [autobiográfico]?”. Pergunta a qual responde “Sim, pois todo diário tem um destinatário, ainda que seja a própria pessoa algum tempo mais tarde”. Essa *utilidade* do diário, outro aspecto que Lejeune salienta sobre o gênero, seria a de *conservar a memória* para o futuro, quando o *autor* se transformará no *leitor* de seu texto, e terá a oportunidade de relembra os fatos *construídos* por ele mesmo.

Se é “para si que se escreve um diário”, podemos conjecturar se Portinari teria escrito o seu com a finalidade de torná-lo uma referência factual, um *rastro* de seu caminho para a feitura do poema “O menino e o povoado”, onde escreve sobre o mesmo tema: sua infância. Esboço de poema ou mesmo apanhado de suas lembranças, esse registro reaviva e conserva por escrito a autenticidade dos momentos passados pelo pintor-menino e registrados em sua memória pelo viés do afeto.

À *utilidade* do diário se alia outra característica do gênero, que Lejeune identifica como uma prática de criação, um *método de trabalho*, “que torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições”. Essa liberdade proporcionada pela escrita diarista poderá ter possibilitado a Portinari uma maneira de enfrentar sua dificuldade com as palavras e um modo de *poder dizer direito o que queria dizer*

¹³⁸ PROJETO PORTINARI, p. 37.

sobre a sua infância em uma linguagem poética. Escrevendo sem “medo de cometer erros [e] sem a vaidade de se acreditar escritor”, no ‘diário’ o pintor *se contou para si mesmo* com a vantagem de não ter precisado *se corrigir*.

A idéia de registrar os fatos de sua vida já acompanhava Portinari há algum tempo. Em carta de dezembro de 1944 para Mário de Andrade, confessa:

Desejo saber se você poderá esperar até eu lhe escrever de Brodowski (...) uma longa carta. Nessa carta contarei os fatos que já tenho anotado n’uma autobiografia que estou fazendo há muito tempo.¹³⁹

Lamentavelmente, a morte de Mário dois meses depois nos levou também a oportunidade de acompanhar a interlocução do experiente escritor com o aspirante ao ofício. Nada nos resta a não ser imaginar quais conselhos literários Mário teria dado a Portinari, e até mesmo como seria o resultado dessa conversa em sua escrita. Nem sequer sabemos se a autobiografia a qual se refere é, desde já, um esboço do que vieram a ser os *retalhos*. Aliás, desde quando Portinari estaria fazendo suas anotações? Consulto Noélia Coutinho, pesquisadora do Projeto Portinari, sobre essa *pista*. Sou informada de que “não temos anotações autobiográficas desta época, se é que existiram. Desde a década de 1940 ele começaria a esboçar alguns poemas, mas não uma autobiografia”¹⁴⁰. Então... os poemas que estão no livro, publicado em 1964, são anteriores ao diário, escrito entre 57 e 58 e publicado em 79? Volto à Noélia, que me confirma a hipótese: “[Os poemas esboçados a partir da década de 40] são os poemas já publicados...”¹⁴¹.

Aqui é necessário abrir outro parêntese: me dou conta de que essa informação, a pouco tempo da defesa poderia fazer toda a minha análise do diário virar de cabeça para baixo! “Calma, pense no que Lejeune diria sobre essa situação...” Claro! Basta eu deixar o meu lugar de ‘autora’ da

¹³⁹ CP/MA – Dez. 44. Arquivo IEB: CO-5796. Carta inédita.

¹⁴⁰ Por e-mail, em 28.5.12.

¹⁴¹ Por e-mail, em 29.5.12.

tese e me colocar no de 'leitora' do 'diário' e do poema para, recorrendo ao pacto autobiográfico – que se refere à leitura dos textos *publicados* –, constatar que tudo volta ao seu devido lugar: o 'diário' sendo publicado antes dos poemas e, portanto, fonte para sua escrita! Mas... o 'diário' só foi publicado em 1979, 15 anos depois da 1ª edição dos poemas!... Resolvo então colocar no papel esses dados para melhor visualizar a questão:

Tabela 6

ANO	POEMAS	DIÁRIO
1940	“esboços”	-
1957	-	escrito entre 29.11.57 e set. 58
1964	publicação pela José Olympio	-
1979	-	publicação pela Livroarte Editora
1999	publicação pela Callis Editora	-

Tabela 6. Cronologia da escrita e da publicação do diário e do poema.

De fato, precisarei rever tudo o que escrevi sobre o 'diário': ele se tornou *público* depois dos poemas... Porém, olhando atentamente a tabela, pecebo que me esqueci de considerar dois dados essenciais: a morte do autor, em fevereiro de 62 e, o mais significativo para a questão do pacto: a datação e a assinatura do 'diário' ao seu término por Portinari! Se incluo essas informações na tabela, a situação se reconfigura:

Tabela 7

ANO	POEMAS	DIÁRIO
1940	“esboços”	-
1957	-	escrito entre 29.11.57 e set. 58 (Datado e assinado pelo autor)
1962	morte de Portinari (26.2)	
1964	publicação pela José Olympio	-
1979	-	publicação pela Livroarte Editora
1999	publicação pela Callis Editora	-

Tabela 7. Cronologia da escrita e da publicação do diário e do poema, incluído o ano da morte de Portinari.

Com a inserção desses dados, o ‘diário’ volta, então, a assumir a dianteira no quesito “publicação”, uma vez que, datado, assinado e, posteriormente, datilografado e guardado por seu autor, seu texto pode ser considerado *dado a público* pelo próprio!

Tabela 8

ANO	POEMAS	DIÁRIO
1958	-	Publicação pelo autor em set. 58
1962	morte de Portinari (26.2)	
1964	publicação pela José Olympio	-

Tabela 8. Ano de publicação do diário e do poema.

Querendo encerrar de vez a questão, retorno ao Projeto Portinari em busca de informações sobre os poemas: teriam sido eles datilografados? E quando? Sou informada pelo site que o poema também foi datilografado em 1958! Tudo bem, ele pode ter sido datilografado em 58 mas, como só foi publicado em 64, é passível de revisão e

edição... Mantenho minha hipótese de que o ‘diário’ serviu de fonte para o poema!...

Mas, novamente, sou instigada pelas leituras de Lejeune: por que estou me fixando tanto à hierarquia de um escrito em relação ao outro? É bem provável que Portinari tenha trabalhado nos dois gêneros ao mesmo tempo... E essa constatação abre os meus olhos para um novo fato, que considero encerrar definitivamente esta discussão: escritos simultaneamente, diário e poema possibilitam a existência do *espaço autobiográfico* formulado por Lejeune – onde à exatidão do ‘diário’ se soma a complexidade do poema para a confirmação da ‘autenticidade autobiográfica’ *de ambos*. Fecho o parêntese. Assinado meu contrato de leitura com Portinari, volto à análise do ‘diário’ tendo como hipótese a sua escrita “estereográfica”¹⁴² com o poema.

Em “Retalhos de minha vida de infância”, Portinari buscou fazer um inventário das cenas marcantes de sua época de menino. Através da livre associação de imagens, que estará presente também em “O menino e o povoado”, Portinari desfia sua memória afetiva, trazendo à tona *retalhos* de festas, de seu nascimento, do seu povoado, das brincadeiras, da vida em família, das aventuras com os amigos, do circo e seus integrantes, de D. Iria e suas histórias, dos sonhos de criança, dos primeiros amores, da vinda para o Rio de Janeiro:

Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra. Não tenho nenhuma lembrança dali. (PORTINARI, 1979:41)

Havia também as histórias de D. Iria, senhora portuguesa, mãe de muitos filhos e muito boa pessoa; à noite, sentados no chão ao seu redor, ficávamos atentos, ouvindo as histórias: Roberto do Diabo, Roldão, Carlos Magno, reis, príncipes e princesas. Que lindas eram as suas histórias e que bom era esse tempo. (*idem*, p. 44)

¹⁴² Neologismo criado por Lejeune para denominar uma “dupla visão – dupla escrita” que nivela os gêneros um *em relação* ao outro: “O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação, para o leitor, de um ‘espaço autobiográfico’” (LEJEUNE, 2008:42-43).

Falavam em crises, eu pensava que fosse uma doença e pedia a Deus que D. Iria não a apanhasse. (*idem*, p. 52)

Quantos amores... Quantas alegrias e mágoas. Imaginação ágil. Nunca ninguém soube nem mesmo as amadas... Creio que a primeira foi uma moça de nome Otília, eu beirava os cinco ou seis anos. Depois Conceição, muito loira. Maria José, morena. Com essa menina troquei palavra. Eu tinha uma bicicleta e às tardes vivia fazendo acrobacias em frente de sua casa. A bicicleta quase andava só. Amei muitas primas. (...) Íamos a toda parte juntos. Namoro de criança é poesia que transborda. (*idem*, p. 49)

Por esse tempo vinha o circo de cavalinho com o palhaço Tôni, equilibristas e acrobatas e os “araras”. Aqui também nos sonhos nos transportávamos para outras regiões. Todos nós apaixonados pela trapezista. O palhaço fazia reclame montado ao contrário em um animal velho e moroso, pintado e vestido como nas funções; percorria o povoado com a criançada acompanhando e respondendo ao anônimo que fazia: “O palhaço o que é?” Resposta: “Ladrão de muié”. (*idem*, p. 50)

Quando se apresentou a ocasião de ir ao Rio, passei noites e noites em vigília, lutando contra a indecisão – pena em deixar meus pais e meus irmãos. Quanto mais próxima a partida mais aflito ficava. Olhava o chão, as plantas, os animais, as aves e aquela luz... Parecia que nunca mais iria ver tudo aquilo que era parte de mim mesmo. (*idem*, p. 58)

Esses temas, narrados em prosa, serão também matéria da narrativa em verso. A seguir apresento, a título de ilustração, algumas obras de Portinari em torno de sua infância em Brodósqui (figuras 5 a 8)¹⁴³. A leitura comparada desses quadros com seus textos memorialistas podem render interessantes observações sobre seus modos de narrar, mas já não me alcançam os instrumentos teóricos para lidar com os primeiros. Entretanto, a confiança que Portinari faz a Mário de Andrade sobre a sua pintura pode ser evocada aqui: “Procurei fazer tudo que via desde menino”. Constante em sua vida, a sensibilidade do pintor para a poesia não diferenciava linguagens. Admirador de Marc Chagall, chegou a declarar: “A poesia sempre me venceu e Chagall é um pintor poético. Quando vejo um tema poético realizado em pintura fico com inveja”. (BENTO, 1980:76-77)

¹⁴³ Fonte: Site Projeto Portinari – www.portinari.org.br



Figura 5 – Lembrança da minha infância, 1956



Figura 6 – Circo, 1957



Figura 7 – Casamento na roça, 1940



Figura 8 – Futebol, 1940

2.2.2 O poema*

Lejeune se auto-intitula herege por ter afirmado, em “O pacto autobiográfico”, que a poesia seria uma forma alheia à definição desse gênero. Diante de tentativas frustradas de se redimir, escreveu “cinco pequenos textos (...) para um dossiê que a revista *La Faute a Rousseau* dedicou ao problema”, reunidos sob o título “Autobiografia e poesia”, para encerrar a questão. Teve êxito. Ao admitir que uma “poesia que tem e reivindica a vida como fonte” (LEJEUNE, 2008:87) é um texto autobiográfico, acrescentou, em tom de *mea culpa*, que:

A poesia não está em toda parte, a autobiografia também não. Uma pode ser instrumento da outra. Não há mal nenhum em reconhecer que são duas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, admitir-se a possibilidade de que têm muitas interseções. Pode-se tomar o termo autobiografia num sentido amplo e vago, ou estrito e preciso. Assim como a poesia. (LEJEUNE, 2008:88)

Voltando os olhos para “O menino e o povoado”, nele Portinari realiza a proposta de Lejeune de que poesia e autobiografia podem ter pontos de intersecção e que ambas sejam instrumentos recíprocos para a voz do autor, que não deve ser calada meramente por indefinições categóricas de gênero. Sendo assim, Portinari troca seus pincéis pela pena e pinta com palavras “versos livres ligados aos acontecimentos, logo, inseparáveis da vida” (LEJEUNE, 2008:86). Escrito de maneira simples, como são simples e ingênuas as imagens que evoca, sua leitura flui ininterruptamente em uma longa narrativa em pretensa prosa poética ou, como sugere Lejeune acerca dos seis títulos que cita como exemplos, narrativas autobiográficas escritas em verso:

Tenho em minha mesa, ao meu lado, seis livros que são narrativas autobiográficas, verdadeiras narrativas tradicionais, pois começam pelo nascimento do autor, exploram todas as etapas de sua formação, a história de sua personalidade, inscrevem essa história em um contexto

* O poema completo se encontra no **Anexo 2**.

preciso, com nomes, datas etc. – mas que são escritos em versos. (LEJEUNE, 2008:89)

Parafraseando Lejeune¹⁴⁴, vou-lhe apresentar o *meu* livro: Candido Portinari, *Portinari Poemas*. A infância em Brodósqui, no início do século XX, de um filho de imigrantes italianos que vai se tornar pintor.

E o que expressa o poema de Portinari? Em 122 estrofes, conhecemos a voz do pintor em outra linguagem, a do verso. E nos deparamos com as mesmas imagens de seus quadros, só que, agora, narradas. Não que a linguagem da poesia seja uma tentativa de parodiar, substituir ou suplantar sua pintura. De forma alguma! O artista, no prefácio do livro, chega a confessar: “Quanta coisa eu contaria se pudesse e soubesse ao menos a língua como a cor...”.¹⁴⁵ De fato, é como se Portinari buscasse, na sequência de Palaninho (carta escrita em 1929, por ocasião de sua estada em Paris, sobre a sua *descoberta* do povo brasileiro e, por conseguinte, do tema de sua arte) e dos “retalhos de infância”, deixar registrado de onde vem a sua arte, e de como ela é indissociável de suas lembranças de infância. Essa voz poética se manifesta publicamente em Portinari em 1958, após retorno da Europa:

Após estadia na Europa, Portinari e Maria regressam ao Rio de Janeiro no dia 4 de novembro [de 1958], a bordo do Conte Grande. Portinari ao desembarcar declara: “Vou me dedicar à poesia”. Essa atividade resultará em publicação póstuma, em 1964, pela Editora José Olympio, de um pequeno livro, *Poemas*, reunindo versos seus, selecionados pelo poeta Manuel Bandeira.¹⁴⁶

¹⁴⁴ “(...) Vou-lhes apresentar meus livros: Robert Baratte, *Au creux de mon enfance* [No fundo de minha infância]. (...) Marguerite Dassé, *Mémoires d'une enfant de gemmeur au début du vingtième siècle dans la forêt landaise* [Memórias de uma filha de resineiro no início do século 20 na floresta de Landes] (...). Hubert Lesigne em *Un garçon d'est* [Um menino do leste] (...). *Chêne et chien* [Carvalho e cão] (1937), “romance em versos” de Raymond Queneau (...). Tenho aqui também *Une vie ordinaire* [Uma vida comum], “romance-poema” de Georges Perros, de 1967 (...). Passo agora a um poeta totalmente contemporâneo, William Cliff, ao volume azul de sua *Autobiographie* (esse é o título), publicado em 1993 (LEJEUNE, 2008:90).

¹⁴⁵ http://www.acervos.art.br/gv/grandes_mestres/portinari/p_portinari.htm

¹⁴⁶ PROJETO PORTINARI. *Cronobiografia de Candido Portinari*, p. 39.

Na elaboração de “O menino e o povoado”, Portinari deixa correr solta a imaginação, sem se preocupar com a métrica nem com a rima em suas estrofes. O que importa, para ele, é encontrar novamente a inocência, a tranquilidade e a liberdade que viveu em sua infância em uma voz lírica. Como salienta Lejeune acerca dos poemas autobiográficos que utiliza como exemplo:

Tenho muita ternura por esses livros corajosos (...). Gosto deles porque procuram um caminho original para suas vozes. *Não são trabalhos tediosos versificados, mas tentativas de dicção* [grifos meus]. É tão difícil escrever a própria vida, uma vida particular, em uma língua comum na qual nos dissolvemos. É tão intimidante, e pretensioso, se apresentar aos outros. Com que direito o fazemos, se não lhes oferecermos nada e se não nos apoiarmos em alguma coisa? Meu coração dispara, minha respiração vai e vem, preciso encontrar meu ritmo. É preciso que minha voz tão estranha, minha voz que não gosto de ouvir, deixe de ser esse barulho que me trai, para tornar-se uma música que me transporte. E minha escrita, não uma mensagem que se perde no silêncio e só fale aos olhos, mas uma fala que faça vibrar os ouvidos do outro, e o obrigue a articular, em sua própria garganta, a minha vida. (LEJEUNE, 2008:89)

Assim também é a poesia de Portinari. Ao ser entrevistado pelo jornal *Última Hora*, em 16 de julho de 1960, sobre a iminência da publicação de seu livro, respondeu: “No princípio eu fazia poemas rimados. Depois achei que não era necessária a rima; só, talvez, nas canções”. E Portinari começa sua autobiografia narrando, nas primeiras nove estrofes, a formação do seu povoado:

Fizeram uma parada, uma parada
para o trem carregar café,
antes, estradas difíceis, só carros de bois
transitavam, levando dias e dias.
Depois, uma casa aqui, outra ali.
Formaram o povoado.

O pintor registra, então, o seu nascimento nas estrofes 10 – *Saí das águas do mar / E nasci no cafezal de / terra roxa. Passei a infância no meu povoado arenoso.* - e 17 – *Num pé de café nasci.* Todos esses elementos são apresentados em ordem cronológica, acompanhando sua infância e pré-adolescência, e são introduzidos conforme

sua percepção de mundo e os olhos do menino vão se tornando os olhos do pintor. Daí a sua atenção às cores, e à ausência delas, e aos detalhes descritivos. Como sugere Lejeune, podemos “absorvê-los devagar, a pequenos goles, como quando se degusta um vinho, deixando os sabores ‘se desdobram’¹⁴⁷. E que sabores são esses? As cenas e personagens marcantes de sua infância:

- o povoado:

As festas, os bailes, a banda de música
Procissões e o sino repicando...
Muito povo endomingado
Noites enluradas e todas as estrelas
Eram mais claras do que os dias nos outros povoados.

- o circo, o palhaço e as acrobatas:

Sentia-me feliz quando chegava um circo
Vinha de terras estranhas.
Todo o meu pensamento se ocupava dele.
O palhaço, montando um burro velho fazia
reclame com a meninada acompanhando.
Eu assistia ao espetáculo e apaixonava-me pelas
acrobatas de dez a quinze anos. Fazia
Planos para fugir com elas. Nunca lhes falei.
Por elas tudo em mim palpitava.

- D. Iria e suas histórias de príncipes e princesas:

D. Iria portuguesa
contava-nos histórias.
Quando o sol descia,
estávamos todos em sua
casa. Que lindas eram!
Cada um de nós se imaginava
O herói. Estão em minha
lembrança – embaralhadas.
Para nós, Dona Iria era a melhor
A mais importante.
Veio a geada e
Queimou todos os cafezais.
Eu ouvia os comentários dos adultos.
Meu pai falou em crise.
Pedi a Deus que não deixasse
Pegar em Dona Iria aquela doença.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 90.

- os primeiros amores:

Aos sete ou oito anos tive
Uma namorada branca, branca.
Nunca lhe disse uma palavra.
Nos víamos à saída da escola

Ou aos domingos na Igreja.
Ela sabia. Ficava vermelho
Quando os meninos diziam
O nome dela. Ao sol ela doía na vista,

De tão branca e luminosa.
Depois nunca mais a vi e
Nem lhe ouvi o nome.
Namorei tantas meninas e
Ninguém soube.

É interessante notar aqui a diferença destas últimas três estrofes em relação às duas primeiras: o tema o leva a criar, de fato, uma atmosfera e imagens poéticas.

Em sua “caça às lembranças” da infância, Portinari assume um tom melancólico ao falar de um mundo que existe agora apenas em suas recordações:

Pedi ao anjo as asas emprestadas. Sobrevoei
meu povoado. Irriguei as plantações com minhas
lágrimas
Pensei na felicidade perdida.
Não há ali mais nada.
Tudo que tive sumiu. Sumiram as brancas nuvens daquele
tempo,
sumiram as fogueiras de São João,
sumiram a maioria dos meus amigos,
as músicas da sanfona do Gorbelin.

Aos 55 anos, debilitado pela intoxicação com o chumbo das tintas que causaria a sua morte quatro anos adiante, o poeta alterna memória e invenção na enumeração de suas reminiscências:

Terei vivido muitas vidas? Tantas recordações baralhadas!
Quando eram sonhos? Quando realidade?
Passaram os acontecimentos;
só não passam os sonhos. Tão
reais que ninguém saberia distingui-los
de coisas acontecidas.
(...) Por onde andam, meus sonhos?
Voltarei a sonhar?
Estarei sonhando?

Manuel Bandeira, em sua apresentação às páginas XVI e XVII da edição dos *Poemas*, relembra:

(...) ultimamente, Portinari começou a escrever umas coisas *a modo de poemas* [grifos meus]. Ele chamava-as simplesmente escritos. 'Vão aqui mais alguns escritos', dizia-me nos bilhetes que acompanhavam a remessa das suas produções literárias.

Eram realmente poemas. Naturalmente, a técnica de Portinari-poeta está longe da técnica de Portinari-pintor. Ele próprio tem consciência disso: 'Quanta coisa eu contaria se pudesse / e soubesse ao menos a língua como a cor'.

Portinari, ao traçar através das palavras um *retrato* de sua infância – o que já fizera ao longo da vida através de seus quadros –, cumpriu o plano que delineara para a sua pintura: retratou a sua terra e a sua gente, só que com outra tinta. Com esse legado à tinta de caneta, Portinari nos abriu um espaço (autobiográfico) para o entendimento de sua vida, e também de sua arte.